

“MAS SABE QUE VOCÊ É UMA GRANDE MADRE?”

Carta aberta à Irmã Marina Videmari

TAMARA GIANNI



Instituto Internacional
das Irmãs de Santa Marcelina

Centro de estudos

Tradução: Ir. Diva Helena Pasqual
Revisão da Tradução: Ir. Giuseppina Raineri e Ir. Marinez Rossato
Revisão Gráfica: Ir. Ivania Vassali
Impressão: Effetiva Soluções Gráficas

Capa:
Detalhe do retrato de Irmã Marina Videmari, de Edvige Bender.

Na quarta capa:
Da carta de Irmã Marianna Sala a Madre Marina Videmari, enviada de Chambéry, 13 de outubro de 1873.

Impressão:
Fontegráfica S.r.l. – Cinisello B. (Milão)

ÍNDICE GERAL

Prefácio.....	7
Introdução.....	9
1. O EXPEDIENTE DA CARTA ABERTA <i>ou seja “Começarei contando-lhe de mim e das “minhas coisas”</i>	15
2. QUEM É VOCÊ, MARINA? <i>ou seja “habituada à vida dura e ativa desde a juventude.....</i>	21
3. MARINA, VOCÊ É A PRIMEIRA IRMÃ MARCELINA <i>ou seja “uma das primeiras pedras”</i>	27
4. O ESTUDO A APROXIMA DE DEUS <i>ou seja “não consigo explicar-lhe prazer que encontro no estudo.....</i>	31
5. SUA FORMAÇÃO RELIGIOSA E CULTURAL <i>ou seja “noviça no caminho do Senhor.....</i>	37
6. VIDA ATIVA E VIDA CONTEMPLATIVA <i>ou seja “Marta, mas juntamente com Maria”</i>	45
7. AINDA A PROPÓSITO DE MARTA E DE MARIA <i>ou seja “a respeito de minha alma, quem sabe se penso o quanto deveria pensar.....</i>	53
8. PARA O BEM DA CONGREGAÇÃO <i>Ou seja “mais caro a mim do que minha vida”</i>	61
9. UM “QUARENTA E OITO” TAMBÉM PARA VOCÊ <i>Ou seja “eis minha política.....</i>	71
10. MARINA E AS COIRMÃS <i>ou seja “escreva-me abertamente suas opiniões, pois gosto de sabê-las”</i>	83
11. MARINA E MARIANNA <i>ou seja “Mas sabe que você é uma grande Madre?”</i>	91

12. NA ESCOLA DE BIRAGHI <i>ou seja “Coragem, minha cara Marina”</i>	101
13. COFUNDADORA NAS PEGADAS DE BIRAGHI <i>ou seja “a filha espiritual primogênita de tão grande Pai”</i>	111
14. A PRIVACIDADE DE SUAS CARTAS <i>ou seja aquelas cartas que fazem bem “à minha pobre alma”</i>	117
15. AS PEQUENAS MAZELAS DIÁRIAS <i>ou seja “eis como vai o mundo”</i>	123
16. A CAMINHO DA SANTIDADE <i>ou seja “você ainda não é santa”</i>	129
17. INCOMPREENSÕES EPISTOLARES <i>ou seja “somente com Marina, nenhuma atenção ao mundo</i>	135
18. QUANTO AFÃ PARA A OBRA <i>ou seja “sozinha para puxar o carro”</i>	141
19. PARA A GLÓRIA DE DEUS <i>ou seja “exemplares em público”</i>	147
20. O RELACIONAMENTO EPISTOLAR COM PADRE LUIGI <i>ou seja “O senhor será sempre, depois de Deus, meu único apoio</i>	151
21. MARINA E O GOSTO PELO PROTAGONISMO <i>ou seja “os enganos e as inquietudes do amor próprio”</i>	157
22. A INCIDÊNCIA DIALETAL LOMBARDA <i>ou seja “em bom italiano se diz: há algo por baixo”</i>	163
23. PALAVRAS COMO IMAGENS <i>ou seja “falo [...] com uma certa franqueza”</i>	171
24. SUAS MÁXIMAS DE SABEDORIA <i>ou seja “Você tem um coração de Mãe”</i>	175
25. OS ÚLTIMOS ANOS <i>Ou seja “estou velha”</i>	185

26. MARINA, UMA MULHER PARA A ESCOLA	
<i>Ou seja “meu pequeno seminário de 25”</i>	191
27. QUASE UMA CONCLUSÃO	
<i>Ou seja “o grande boletim que nos diz respeito”</i>	197
28. O CENTRO DE ESTUDOS DA CONGREGAÇÃO	
<i>ou seja “quem mais sabe, mais conhece</i>	
<i>o imenso saber humano que ignora”</i>	201
Ficha biográfica de madre Marina Videmari (1812-1891).....	205
Bibliografia.....	213

PREFÁCIO

Por ocasião do bicentenário do nascimento de madre Marina Videmari, esperávamos, com ardente desejo e com uma certa curiosidade, um estudo que correspondesse às perguntas que há tempo estavam em nós: Quem é realmente madre Marina? Qual foi seu papel na fundação do Instituto das Irmãs Marcelinas? Quem é esta mulher que começou uma obra educativa que visava à formação da mulher tornando-a capaz de influenciar na sociedade? Quem é, na verdade, esta primeira filha do Beato Biraghi, esta sua primeira discípula e primeira “aluna”?

A tradição no-la apresentava como mulher forte, inteira, mulher decidida, digna representante do Ressurgimento italiano. O trabalho da professora Tamara Gianni chega como uma agradável surpresa a partir do título que define Marina Videmari também como madre e “uma grande Madre”. A “carta aberta à madre Marina” mostra-nos um rosto novo da cofundadora da Congregação, daquela que realiza o projeto, a intuição educativa de Luigi Biraghi.

Agrada saber que a exclamação “Mas sabe que você é uma grande Madre” pertence à beata Maria Anna, testemunha de primeira hora, modelo para todas as Marcelinas de fidelidade heróica ao evangelho: Maria Anna, a primeira beata de nossa família religiosa, declarada tal mesmo antes do Fundador. Exatamente a Irmã, cuja suavidade a tradição sempre a apresentara como oposta à força da cofundadora, revela-nos um outro aspecto da primeira superiora geral, uma outra identidade de Marina Videmari. Desvenda-nos o avesso da medalha de uma personalidade batalhadora e exigente e faz-nos saborear a sensibilidade de seu coração.

O diálogo, que é a nota característica desta “carta aberta”, empresta voz, através da documentação séria e rigorosa do epistolário apresentado pela Autora, à cofundadora e a torna presente, contemporânea ao nosso hoje. Descobrimos madre Marina como uma mulher com suas ânsias, fraquezas, sua fragilidade, descobrimos seu bom senso, sua solidez, a seriedade e a profundidade de sua consagração.

Descobrimo-la na sua árdua função de primeiro guia da Congregação nascente, plenamente fiel às linhas do fundador e plenamente ela mesma: mais do que tudo e, especialmente, a descobrimos Madre.

Somos, portanto, gratas à Autora do texto que nos coloca nos lábios e no coração estas belas palavras: “Mas sabe que você é uma grande Madre?”

Madre Maria Ângela Agostoni
Superiora geral das Irmãs Marcelinas

INTRODUÇÃO

À distância de duzentos anos do nascimento de Marina Videmari (1812 – 1891) sua lembrança toma a forma de carta aberta, tal e qual a conservaram suas cartas, que se encontram guardadas no Arquivo Generalício das Irmãs Marcelinas¹. Marina nasceu em Milão, em 22 de agosto, terceira filha de uma numerosa família à qual deve dedicar-se, ajudando a mãe: frequenta a escola pública somente até o ensino elementar. O desenrolar de sua vida acontece quando seus irmãos estão crescidos; no outono de 1835, ou mais provavelmente em 1837,² frequenta um curso de exercícios espirituais pregado pelo padre Luigi Biraghi, junto à paróquia de Santo Ambrósio, em Milão. De temperamento vivaz, decidiu seguir o projeto de fundação do jovem sacerdote, que logo se tornará seu diretor espiritual e fundador, junto com ela, do Instituto das Irmãs de Santa Marcelina (1838). Será ela, na condição de educadora consagrada, a “primeira pedra” do Instituto que toma o nome da irmã do Bispo de Milão, Santo Ambrósio, santa Marcelina; ela a dar corpo a esta instituição; ela a dirigir, junto com Biraghi, os colégios que nasceriam na Itália e também no exterior para melhorar a qualidade da educação neles transmitida.

O título do texto quer retomar a colorida expressão a ela dirigida por uma aluna sua e logo coirmã, a beata Marianna Sala, na carta de 13 de outubro de 1873, de Chambéry, onde as Marcelinas estavam iniciando cursos de estudo de férias para as alunas italianas. Nessa, a Irmã exprime todo seu reconhecimento pela “cortesia e bondade” de madre Marina por ter vindo plenamente ao encontro da necessidade do momento, resumindo a emoção experimentada no impulso de uma pergunta que tem a marca de uma exclamação: “Mas sabe que você é uma grande Madre?” De fato, o empenho generoso pela congregação caracterizará seu apostolado de cofundadora. Já idosa, escrevendo a uma coirmã, resumirá toda sua ação nestas palavras: “Não desejo senão o bem da Congregação”³.

Para enriquecer seu perfil, recorreu-se não somente às cartas escritas por ela a Monsenhor Luigi Biraghi, cuja maior parte, infelizmente, não chegou até nós, mas também às endereçadas a ela pelo fundador. Desse modo, reconstruiu-se alguma significativa passagem da correspondência entre os dois, da qual emerge como ele contribuiu na personalidade de Marina: interpreta-lhe as expressões, comenta seus pensamentos, tece considerações sobre suas qualidades, releva os defeitos, acompanha paternalmente seu caminho espiritual e lhe está sempre perto em toda necessidade.

Foram consideradas também algumas cartas escritas pela Videmari a outras pessoas, em especial às suas coirmãs, ou delas recebidas, como no caso de Irmã Marianna Sala, beata desde 1980; levaram-se em conta, sobretudo, os dados históricos do início da fundação do instituto, escritos pela mesma Videmari nos últimos anos de vida, que se referem frequentemente aos mesmos fatos narrados na correspondência.

Desse material, nasceram 28 pequenas cenas da vida cotidiana, das quais emerge plenamente a figura de Marina Videmari, frente a situações contingentes, às dificuldades do momento e ao esforço para superá-las, embora Luigi Biraghi estivesse sempre a seu lado até sua morte, ocorrida em 1879, “sustento nas lutas, ajuda nas necessidades, alívio nos sofrimentos, edificante em tudo”⁴. Podemos notar como Marina, tendo ficado sozinha para dirigir a “nave”⁵ do instituto, soube tomar o leme, recorrendo, como sempre, aos ensinamentos paternos por ele endereçados a uma espiritualidade encarnada. Por exemplo, deverá aprender a dominar seu temperamento, inclinado a preocupar-se demasiadamente, confiando mais em Deus.

Pode-se ver o que Marina aprendeu da sabedoria de Biraghi no relacionar-se com as coirmãs, que são, primeiramente, simples

companheiras de uma experiência assumida juntas, e depois, com o passar do tempo, se tornam sempre mais filhas. A pesquisa sobre sua personalidade passa também através do exame linguístico de alguns de seus termos, usados na correspondência, também os de origem dialetal e que se reportam, de algum modo, a uma frase ou uma expressão da sabedoria popular: revelam o aspecto vivaz, determinando seu caráter.

Desse modo, foi criada uma espécie de biografia da Videmari que emerge progressivamente de suas próprias palavras, dando-lhe maior participação, verdadeira protagonista desta carta aberta, e menor participação ao eu narrador que escreve a respeito dela, modesta mediação que proporcionou pena e coração à “filha espiritual primogênita”⁶ de Biraghi, como ela mesma gosta de definir-se. Nasce daqui um colóquio, confidencial e franco, a duas vozes: a da autora, que conduz o fio do discurso, e a de Marina que é continuamente interpelada através do texto de suas cartas. Este denso diálogo entre as duas partes é continuamente ouvido pelo leitor que, de tanto em tanto, é colocado a par dos acontecimentos e que aparece como uma terceira presença.

A narração se desenvolve no ambiente histórico do século XIX no qual Marina se move: aqui vemo-la viver sucessivamente todas as etapas de seu percurso existencial, desde o surgir da vocação, através dos acontecimentos mais importantes que se seguem, até a conclusão de sua caminhada humana e cristã. O tom coloquial é proposital, adequado à linha que se escolheu dar à figura da Videmari, de nada formal e bem distante do caráter solene da oficialidade, na tentativa de restituir-lhe a fisionomia original dentro de um contexto real, de caráter familiar. As notas inseridas no final de cada capítulo possibilitam mais facilmente a consulta: constitui parte integrante do texto, porque cita minuciosamente a documentação que serviu de suporte à reconstrução do perfil da Videmari.

Desenvolvendo essas breves narrativas, esperamos ter conseguido fazer, como diz Marina no capítulo conclusivo de seus acenos históricos sobre o instituto⁷, isto é, de tê-los “escrito com simplicidade, cuidando especialmente da verdade e da caridade”, porque, de outro modo, seríamos tentados, como o fora ela, a fazer deles “um fogo de palha”.

NOTAS

¹ AGM-Quadronno, Arquivo Biraghi Luigi (F0001), *Epistolário II* e AGM-Quadronno, Arquivo Videmari Marina (F0002), *Epistolário I*. O Arquivo Generalício das Irmãs Marcelinas se encontra em Via Quadronno, 15, em Milão. Atualmente está sendo reorganizado. Optou-se por citar, segundo os novos critérios de distribuição, os documentos que foram recentemente recolocados e manter a disposição precedente pelos que aguardam nova ordem.

² A questão da data será tratada no capítulo 03, nota 1.

³ Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, no.I, B3.1, no.1, a *Emilia Marcionni*, 22 de novembro de 1880.

- ⁴ A citação é tratada numa carta circular enviada pela Videmari a prelados amigos de Biraghi em 21 de agosto de 1879, poucos dias após sua morte (cf. *Congregatio pro causis sanctorum, Beatificationis et canonizationis servi Dei Aloysii Biraghi, sacerdotis saecularis fundatoris instituti v. d. "Le Marcelline" (1801-18790). Positio super virtutibus*, Romae 1995, 2 Vol., p. 1123ss).
- ⁵ Como se pode ver no texto, a Videmari gosta de se exprimir com imagens, como a da nave, que se repete de maneira significativa. Além de estar presente em suas cartas, pode ser encontrada também na Regra das Marcellinas (*Luigi Biraghi, Regola delle suore Orsoline di Santa Marcellina nella diocesi milanese, approvata da sua Eccellenza l'arcivescovo di Milano, Bartolomeo Carlo Romilli, Boniardi- Pogliani, Milano 1853, p. 64*).
- ⁶ A citação é tirada de uma carta circular enviada pela Videmari a prelados amigos de Biraghi em 21 de agosto de 1879, poucos dias após sua morte (cf. *Positio super virtutibus*, p. 1123ss).
- ⁷ O título do texto é citado por extenso no capítulo 1, nota 5.

O EXPEDIENTE DA CARTA ABERTA

Ou seja “Começarei falando de mim e das minhas coisas”

Milão, 24 de novembro de 2012¹

Cara Marina,

Escrevendo este meu livro, percebo ter-me colocado nas pegadas de uma apaixonante crônica do século XIX, que gostaria de contar - como você diria - de modo familiar. Mais que uma dissertação séria, que poderia ser monótona, gostaria de abordá-la da forma desenvolta de um romance epistolar. Na verdade, não gostaria de escrever mesmo um romance, mas desejaria que o lessem como se o fosse, embora mantendo todo rigor do estudo crítico.

Nasceu-me, então, o desejo um tanto estranho de reproduzir o expediente literário do manuscrito encontrado – neste caso, as cartas encontradas no arquivo de um convento, o das Marcelinas de Milão – para organizar e depois contar uma história que possa ser lida num só fôlego: sua história, Marina.

Num abrir e fechar de olhos, eis que me encontro no arquivo. Certamente teria preferido consultar diretamente aquele arquivo preparado por você; padre Luigi² sabia que você o tinha preparado, porque você lhe escreveu que estava “prestes a fazê-lo³”. Gostaria de ter acesso àquela “gaveta com chave”⁴, onde

you guardava sua correspondência pessoal, aquela que em parte se perdeu⁵. Logo, devo contentar-me com o material que me chegou às mãos: é de qualquer forma bastante vasto, ainda que incompleto. Coloco-me logo ao trabalho. “Folheando o manuscrito” – como diz Alessandro Manzoni nos seus célebres *Promessi sposi*, que pertencem à mesma época desta sua correspondência –, convenço-me cada vez mais de querer narrar sua caminhada, porque é uma história bonita que não pode permanecer desconhecida. Começo consultando suas cartas, penetrando pouco a pouco na profundidade de seus pensamentos. Gostaria de fazê-lo com fineza de espírito; gostaria de fazê-lo de modo imparcial, com inteligência crítica. Ou seja, gostaria que esta história fosse narrada por você, aliás, gostaria que os próprios fatos, os acontecimentos que a viram como protagonista, contassem sua história como fizeram aqueles romancistas do realismo do final de seu século, o XIX. Seu objetivo era claro: retirar-se como mediador da narrativa e deixar o acontecimento falar por si, oferecer o evento ao julgamento do leitor de modo neutro – se isso fosse possível –, deixar falar o autógrafo.

É uma tentativa, entende-se: Sei que não é costume escrever deste modo, na confusão de tantos gêneros literários, de beatos e de santos, e nem mesmo tratar desta maneira despretenhiosa a vida dos religiosos e fundadores de congregações, como você o é. No entanto, gostaria de fazê-la reviver não só nos momentos oficiais – que não deixarei certamente de mencionar – nos quais você foi personagem, mas também e, especialmente, no seu contexto cotidiano, quando ainda não era modelo para ninguém, o que se pode colher no seu costumeiro modo de agir. Entretanto, sinto nascer a necessidade de compartilhar com alguém esta minha busca no território remoto e original de sua vida. Gostaria de usar, nesta minha exposição, um tom mais narrativo, capaz, contudo, de elevar-se ao plano da metahistória, mas logo depois, igualmente hábil em descer à realidade histórica.

É aqui que gostaria de conduzir também meu leitor. É aqui que, com ele, queremos conhecê-la, Marina, no terreno de batalha da vida, enquanto você caminha peregrina nas complicadas vias da história, vivendo com fé sua jornada e confiando na vida eterna; é aqui que a sentimos perto, irmã, amiga. Talvez você não traçou as linhas da grande história, mas você percorreu os caminhos da crônica de seu tempo: e, no seu tempo, você foi grande. Aliás, foi necessária ao seu contexto, como aquele riacho que já não consigo esquecer, do qual fala Saint-Exupéri⁶ num de seus romances: tão comum que não suscita interesse especial nos geógrafos porque não é, certamente, vasto como o Ebro, contudo, indispensável como fonte de vida para uma trintina de flores. Assim gostaria de descrevê-la, eu também, que faço parte desta pequena gleba da qual recebo sustento. Outra coisa não é senão o terreno onde passa o percurso do carisma que você traçou junto ao padre Luigi. Igualmente gostaria que meu leitor reconhecesse na sua história os sulcos dos quais se possa extrair alimento espiritual, para partilhá-los e sentir que no fundo lhe pertencem.

No entanto, é quase chegado o momento de dar-lhe a palavra com as palavras que você usou no início de uma carta endereçada à coirmã Rogorini: “começarei narrando sobre mim e meus feitos”⁷.

Assim, gostaria de começar, eu também, a escrever a respeito de você. Então – eu me disse – experimentemos atualizar de forma narrativa esta sua história do passado que, todavia, nos toca ainda de perto. Tentemos respeitar-lhe o espírito, distanciando-nos dos habituais quadrinhos oleográficos que talvez ainda chegam a encantar-nos, mas que são tão banais e muito pouco realistas. Você compreendeu o conceito, Marina: com um pouco de humorismo, gostaria de escrever algo a respeito de você, não necessariamente “edificante”, no sentido comum do

termo, mas que possa tanto quanto estimular solidamente ao bem.

Afinal, espero que as publicações a seu respeito – as que julgo realmente sérias - não faltem: então, posso tentar algo um pouco diferente, uma narração que a apresente ao leitor de maneira curiosa, quase extravagante. Em seguida, como outros antes de mim, pelo menos na ficção narrativa que me proponho construir – reencontrei um manuscrito, isto é, um pacote de suas cartas; achei-o também interessante e me decidi torná-lo público. E o farei escrevendo-lhe uma carta, abrindo um diálogo com você, uma densa conversa a duas, na qual é permitida a participação de todo leitor possível.

Assim, comecei esta carta aberta, esta missiva que tenho no coração, cara Marina...

NOTAS

¹ A data da redação da carta aberta é a da memória litúrgica da beata Irmã Marianna Sala: é dela, na verdade, a expressão dirigida à Madre Marina Videmari, “Mas sabe que a senhora é uma grande Madre?”, que deu origem ao título desta pesquisa redigida numa forma semelhante ao romance epistolar. É o ano 2012, no segundo centenário do nascimento de Madre Marina. O lugar da redação é Milão, via Quadronno,15, sede do Arquivo Generalício das Irmãs Marcelinas que guarda o epistolário da Videmari.

² Luigi Biraghi (1801-1879) é o diretor espiritual de Marina Videmari: para dar início ao instituto de educação que desejava fundar – as Irmãs de Santa Marcelina (1838) – pedirá a ela em primeiro lugar para participar do projeto apostólico para restaurar em Cristo a sociedade onde era evidente “o estrago”, como ele mesmo disse num autógrafo. Foi proclamado beato no dia 30 de abril de 2006. Da correspondência dos dois pode-se reconstruir parte da história da Videmari, primeira irmã marcelina, cofundadora do instituto.

³ Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, no.547, a Luigi Biraghi, 22 de abril de 1840.

⁴ *Ib.*, n. 545, a Luigi Biraghi, 5 de março de 1840

⁵ Temos certeza de que algumas cartas não chegaram até nós, como afirma a própria Videmari (*ibidem*). Felizmente as cartas que nos chegaram são mais do que o dobro das que ela lembra de ter guardado no arquivo. Nas suas memórias, na verdade, Marina acena “quatrocentos e mais cartas” enviadas por Biraghi às Marcelinas e conservadas por ela no arquivo (Marina Videmari, *Alla prima fonte. Le origini e il successivo svolgersi della Congregazione delle suore Marcelline, narrati alle sue Figlie dalla Veneranda Madre fondatrice, Suor Marina Videmari*, p. 46. Com esta denominação veem igualmente indicados os *Cenni storici dell’Istituto delle Marcelline*, escritos por Madre Marina Videmari em 1885, no final de sua vida, e publicados com o novo título pela superiora geral Irmã Carlotta Luraschi em 1938). Do verbo “encontrareis”, que a Videmari dirige às suas Irmãs neste contexto, pode-se entender que a correspondência entre ela e Biraghi deve ter ficado secreta até depois de sua morte.

⁶ Escritor e piloto militar francês, Antoine de Saint-Exupéry, é o autor do célebre romance, o *Pequeno Príncipe*. Morreu em 1944, no final da segunda guerra mundial, enquanto exercia um voo de reconhecimento. A referência ao riacho é de um outro romance, *Terre des Hommes*.

⁷ Arquivo Videmari Marina, *Epist.I*, B4. 1, n.20, a Giuseppa Rogorini, em 27 de maio de 1878.

QUEM É VOCÊ, MARINA?

Ou seja “acostumada à vida dura e ativa desde muito jovem.”

Cara Marina,

Chegou também seu momento nesta celebração bicentenária. Encontro aqui sobre a escrivadinha muitíssimas cartas suas, manuscritas¹, todas as que se conservaram e puderam chegar até nós, humanidade do terceiro milênio. Eu as li com meticulosa atenção, sabendo que deveria falar com você, assim parece corresponder-me com uma mulher conhecida desde a origem. Já transcorreram duzentos anos de seu nascimento, mas até agora foram poucos os que investigaram seu passado, sua pessoa. Sobre sua narrativa, gira sempre alguma anedota² que corre o risco de deformar seu perfil mais que focá-lo.

Você nasceu em 22 de agosto de 1812, numa casa no centro de Milão que, várias vezes, procurei identificar com precisão: tentativa vã por causa de radicais mudanças urbanísticas. À sombra do Duomo, que era sua paróquia, onde foi batizada, percorri para frente e para trás o quarteirão e a galeria Vittorio Emanuele que alonga um de seus braços na via Silvio Pellico, à procura do antigo bairro dos “Due Muri” sem encontrar traço algum porque havia sido suprimido. Nessa região você nasceu e cresceu.

Ali vivia sua família, família numerosa como muitas daquele tempo. Seu pai, que era lavadeiro e perfumista por pro-

fissão, tinha sua loja ao lado, talvez na mesma rua das lojas de perfumes que cruzava outras transversais, cujo topônimo faz subir ao comércio que ali se praticava. Hoje ainda é assim: caminhar por aí é fazer um mergulho no passado de Milão e basta ler as placas das vias por perto que parece ver, ao longo da estrada, as antigas e ativas lojas de artesãos e ouvir o burburinho das mulheres que vinham fazer compra nesta encruzilhada de mercadores. Família rica a sua³; todavia, você tinha que ajudar, a julgar o quanto você diz numa das primeiras cartas enviadas ao padre Luigi Biraghi: “a mim não pesa o trabalho, tendo sido habituada à vida dura e ativa desde a juventude”⁴. Ele também frequentava habitualmente a sua casa, e você o considerava “qual Anjo protetor das irmãs e “de seus irmãos”⁵, e reconhecia em você “uma filha que tanto se sacrificou pela própria família”⁶.

Não há outra documentação sobre seus vinte anos de vida: podemos apenas imaginá-la como uma das tantas moças de seu tempo, com uma instrução básica – ler, escrever e calcular – e uma formação cristã consolidada pela frequência ao oratório dominical e comprovada pelo exemplo dos pais. Também em sua lembrança de religiosa já madura, tudo para você começa com a direção espiritual de Biraghi, “aos vinte anos, dirigida por ele para uma Congregação Religiosa ideal que ele queria formar”⁷.

Isto é o quanto documentam as fontes: mas, você quem é, Marina? Recolhendo os poucos traços biográficos que lhe dizem respeito, você é descrita como uma das tantas meninas nascidas em Milão no início do século XIX, terceira filha de onze irmãos, que frequentou as primeiras classes do elementar, que ajudou em casa a cuidar dos irmãos, como se fazia então. Para padre Biraghi, é uma jovem bem instruída na doutrina cristã, de temperamento vivíssimo, que herdou da natureza um cará-

ter vigoroso, ativo, empreendedor, nada afeito à vida claustral e a regra tão minuciosa e dependente”⁸. Ele colheu de você o lado exuberante do caráter que a fará mergulhar numa atividade frenética, típica daquele seu dedicar-se sem descanso pelo bom nome dos colégios das Marcelinas, a ponto de comprometer a própria saúde.

E para nós, que vivemos no terceiro milênio, quem é você, Marina? Você foi retratada pela tradição oral, a que corre de boca em boca, como mulher impulsiva – só com o tempo, de fato, aprenderá a adquirir plenamente domínio de si – e, por isso, você passou pela história como uma que dizia pão ao pão e vinho ao vinho. Não mandava dizer, e esta sua franqueza a tornou pouco agradável a quantos costumam atenuar seu discurso com uma sutil diplomacia. Parece-me sentir o sabor azedo de certas respostas secas, brotadas, na verdade, de um profundo sofrimento interior, como quando você escreveu ao padre Biraghi, uma das vezes em que você se sentiu incompreendida: “Oferecerei a Deus também isto”⁹.

Se, ao invés, quisermos olhar também a outra face da medalha, a autenticidade da qual provinham suas palavras, podemos dizer que você foi mulher do “sim, sim; não, não”¹⁰, da clareza evangélica: seja “vosso falar sim, sim; não, não; o mais vem do Maligno”¹¹. Assim dizendo, você não pretendia, certamente, incentivar um agir descortês, aliás, você mesma, com o advento da maturidade, precavia as Irmãs justamente desse perigo, das respostas ásperas, que podem ferir quando são geradas pela pouca tolerância e escasso espírito fraterno: “grandes faltas de caridade são: um tratamento pouco educado entre vocês. Respostas ásperas, sim, não”¹².

Seu temperamento não a impediu de ser uma mulher “sólida”, como se dizia então, para indicar uma pessoa de são

princípios morais, de caráter forte: alguém que sabe perseverar, que sabe resistir, porque suas raízes são profundas. Na Regra estava escrito que “em primeiro lugar é-lhes necessário ter boa e sólida instrução”¹³ para depois “formar as jovens à verdadeira religião cristã”¹⁴; em resumo, à “sólida cultura”¹⁵.

Você foi a fundadora das Marcelinas, “nossa abençoada Madre Fundadora, alma grande, espírito forte, capaz de grandes empreendimentos e de qualquer sacrifício para a glória de Deus e o bem das almas”¹⁶. E, como fundadora, você foi amada e lembrada, abençoada e venerada; ao seu espírito profético são atribuídas por suas Irmãs as fundações futuras, como a do Brasil: “Quanto a mim, últimas entre as Irmãs, - é madre Valentini que escreve – alegro-me ao ver seu caro nome conhecido, ó Venerável Madre Marina, e sua benéfica Instituição também no Novo Mundo, onde um grupo escolhido de suas filhas, ajudadas por extraordinários dons do Céu, levam o estandarte de Santa Marcelina!”¹⁷.

Você foi isso, Madre Marina, e muito mais, mas não o revelo, porque está tudo escrito nas páginas que se seguirão. Se você, leitor, tiver desejo de desfolha-las.

NOTAS

- 1 As cartas consultadas para redigir esta carta aberta são principalmente as escritas por Marina Videmari a padre Luigi Biraghi, seu diretor espiritual, e fundador do instituto das Irmãs Marcelinas do qual Marina será a primeira pedra. Trata-se de uma centena de cartas conservadas no Arquivo Generalício das Irmãs Marcelinas (AGM-Quadronno) no Arquivo Biraghi Luigi (F0001), *Epistolário II*. Todo o epistolário foi recentemente publicado por Giuseppe Nichetti, no volume *correspondere a tanta misericór-*

dia. L'esperienza spirituale de suor Marina Videmari nelle lettere a padre Luigi Biraghi, Glossa, Milano 2010. Uma outra referência imprescindível é constituída pelos três volumes das *Lettere alle sua figlie spirituali*, La Scuola, Brescia 2002-2005, que reúne as cartas de Biraghi enviadas à Videmari de 1837 a 1879. Consultando as duas fontes, contemporaneamente, foi possível reconstruir em parte a correspondência entre os dois. Alguma referência foi extraída ainda de cartas, muitas ainda inéditas, enviadas pela Videmari às Irmãs da congregação, conservadas também no AGM-Quadronno no Arquivo Videmari Marina (F0002), *Epistolário I*, ou então, de cartas enviadas por essas últimas a Marina Videmari, como no caso da Beata Irmã Marianna Sala, extraídas das *Lettere della Beata Marianna Sala, suora Marcellina*, publicadas em 1995 sob a responsabilidade de Enrica Gussoni e Giuseppina Parma.

- 2 Da madre Marina foram transmitidos oralmente alguns episódios que evidenciaram sua personalidade batalhadora e exigente, ocultando sua amabilidade e sensibilidade de espírito.
- 3 Assim relata a memória fúnebre escrita após sua morte: “Nascida em 1812 de pais ricos”(Arquivo Marina Videmari, A 1.3.1, “Em memória de madre Marina Videmari – lembrança fúnebre”, *Suor Marina Videmari, Madre fondatrice delle Marcelline*, Boniardi – Pogliani, Milano, 1891, p. 7).
- 4 Arquivo Biraghi Luigi, Epist. II, n. 535, a *Luigi Biraghi*, 27 de novembro de 1838.
- 5 *Positio super virtutibus*, pp. 1123ss. Trata-se de uma carta circular enviada pela Videmari a prelados amigos de Biraghi em 21 de agosto de 1879, poucos dias após sua morte.
- 6 Marina Videmari, *Alla prima fonte...*, p.14. Neste texto, que Marina escreve nos últimos anos de sua vida, encontra-se o relato dos muitos acontecimentos que são também mencionados na correspondência entre ela e o Biraghi, e que aqui, todavia, aparece mais sereno, sob o olhar de quem o filtrou à distância do tempo, com a compostura de uma conquistada maturidade. Além disso, trata-se da única fonte disponível para reconstruir o período que precede a primeira carta que a Videmari enviou ao padre Biraghi.

- 7 *Positio supra virtutibus*, pp. 1123ss. Trata-se de uma carta circular enviada pela Videmari a prelados amigos do Biraghi, em 21 de agosto de 1879, poucos dias após sua morte.
- 8 Marina Videmari, *Alla prima fonte...*, p.11.
- 9 Arquivo Biraghi Luigi, *Epis. II*, n.594, *Luigi Biraghi*, 11 de dezembro de 1850.
- 10 Arquivo Marina Videmari, *Epist. I*, n. 19, a *Giuseppa Rogorini*, 11 de janeiro de 1878. Do contexto entende-se o quanto a Videmari fosse resoluta em manter, por si mesma, mas também pretender dos outros, que dependiam dela, um comportamento “sólido” que não desse motivo para possíveis “rodeios”.
- 11 Mt 5,37.
- 12 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B5. 1, n.7, às *Suore di Cernusco*, 23 de novembro de 1888.
- 13 Luigi Biraghi, *Regola delle suore Orsolione de s. Marcellina*, 46.
- 14 *Ib.*, p. 51.
- 15 *Ib.*, p. 75.
- 16 AGM-Quadronno, carta autografada, não catalogada de madre Antonietta Valentini, em 25 de abril de 1921. Trata-se de uma carta enviada às Irmãs do colégio da Praça Tommaseo, em Milão, da casa de Botucatu, a primeira fundação no Brasil (1912).
- 17 *Ibidem*.

3

MARINA, VOCÊ É A PRIMEIRA IRMÃ MARCELINA

Ou seja “uma das primeiras pedras”

Cara Marina,

No meio da tinta destas primeiras páginas, entrevejo pouco a pouco delinear-se algum traço de sua figura, modelar-se algum aspecto de sua personalidade, a partir dos sacrossantos temores daquela primeira noite do 22 de setembro de 1838, passada em Cernusco, quando teve início sua aventura de primeira Irmã Marcelina.

Você tinha, então, talvez, 23 anos¹, quando tem início sua história de jovem senhora que começa a orientar-se na vida e que tenta manifestar seu sonho. Transcorria o ano de 1835 – se ficamos no relato que você escreveu sobre as origens do instituto, que, todavia, às vezes vem cronologicamente desfocado, tratando-se da lembrança de algum tempo depois do acontecido – quando uma forte e insistente febre abalava sua esperança de entrar no mosteiro da Visitação, situado na via Sta. Sofia: aquele que se encontra ainda hoje em Milão e que daí, passeando em direção à via Quadronno, antecede outros dois edifícios que então ainda não haviam sido construídos, isto é, a casa generalícia e o colégio daquelas Irmãs, as Marcelinas, dos quais você, Marina, foi a primeira pedra. Agora todos esses edifícios se olham,

de frente a uma urbanística que permaneceu intacta, testemunhos silenciosos de uma vocação claustral fracassada: a sua.

É no outono desse mesmo ano que você participa dos exercícios espirituais pregados na canônica de Santambrósio e ouve as palavras daquele sacerdote tão estimado por seus pais, padre Luigi Biraghi, que você logo definiu como “um piedoso, douto e santo Ministro Seu”². Era o diretor espiritual do seminário da cidade, no qual seu irmão Giovanni entraria no ano seguinte: você também iria seguir seu projeto educativo dando-lhe consistência, uma vez decidida a iniciar a vida religiosa apostólica.

Antes da decisão definitiva, você pediu para fazer uma novena a Santo Ambrósio e a Santa Marcelina, venerados na basílica ambrosiana, junto à qual você passou um tempo em retiro, para discernir sua vocação. Quando desço, eu também, à cripta da igreja milanesa do século XVIII, não deixo de me lembrar de sua passagem e de lançar um olhar à laje do piso de mármore, cuja inscrição lembra o primeiro lugar da sepultura de Santa Marcelina³, de onde seu culto popular começou a difundir-se. É este o mesmo lugar que você frequentava todas as manhãs, quando, da canônica, você passava “diante da cripta daqueles Santos” e rezava “de coração para conhecer a vontade de Deus”⁴.

Poucos sabem de seu passar, de seu orar, de seu discernir. Este lugar, tão íntimo para você, tornar-se-á, em seguida, meta para tantas pessoas, porque mesmo ali perto seriam colocados os despojos do bispo de Milão, Santo Ambrósio, e dos dois mártires Gervásio e Protásio, sepultados a seu lado. E será seu padre Luigi a descobrir suas sagradas relíquias⁵.

Padre Luigi lhe havia pedido tanto, exigente com você desde o princípio, de renunciar à vocação monástica, deixar-se guiar por ele como “uma menina de dois anos que se deixa conduzir aonde e quando achar quem a dirige”⁶, conseguir o diploma de professora para depois fazer a prática e os exames, e assim, estar em condições de abrir sua escola. Para isso, você foi ao internato de Monza das irmãs Bianchi, na escola onde você deveria completar sua formação religiosa e a preparação didática. Padre Luigi já estava pensando no primeiro colégio que você iria dirigir. Ele a abençoava e a encorajava para que você fosse a primeira pedra deste edifício: “coragem, você também, filha abençoada, e saiba crescer cada dia mais no amor e no temor. Você deve ser uma das primeiras pedras deste edifício: mas, as primeiras pedras se colocam em baixo, no fundo, e você humilhe-se muito e não pare de abaixar-se: as primeiras pedras são as mais sólidas e firmes e procure, portanto, fortalecer-se muito na ciência de Jesus Cristo, nas máximas evangélicas, na oração, na pureza de vida. Assim o edifício espiritual será, como deve ser, muito melhor que o material. Rezemos, rezemos!”⁷. Esse pensamento voltava com frequência em suas cartas: “como já lhe escrevi, espero que você seja *uma das pedras fundamentais* da humilde casa que você conhece”.

NOTAS

- 1 Cf. Marina Videmari, *Alla prima fonte...*, p. 9. Segundo outra documentação, pode-se, com razão, supor que a Videmari tivesse uma idade maior e que o ano da participação aos exercícios espirituais na canônica de Sto. Ambrósio – como se dirá logo mais – não fosse 1835, mas 1837. Esse não é o único ponto em que emerge incerteza cronológica que cria uma certa discordância com os dados extraídos das cartas. É evidente que o relato da Videmari, composto nos últimos anos de sua vida, possa conter alguma incerteza sobre a ordem temporal dos eventos evocados. A *Positio super virtutibus* (p. 1184) afirma que “Evidentemente a autora quis celebrar o

primeiro cinquentenário do Instituto, voltando a seu início “espiritual”, ou seja, ao momento da própria adesão à vocação religiosa e à orientação recebida do Servo de Deus [Luigi Biraghi] três anos antes de seu início efetivo, que foi em 22 de setembro de 1838”.

2 Marina Videmari, *Alla prima fonte...*, p. 10

3 Biraghi evoca o lugar na *Vita della vergine romano- milanese Santa Marcellina, sorella di Sant’Ambrogio, compilata su documenti antichi*, Milano, Reali, V ed., 1936, pp. 121-122. Desde 1812, os despojos da Santa encontram-se em outro lugar, na capela a ela dedicada, ao longo das naves laterais da basílica ambrosiana.

4 Marina Videmari, *Alla prima fonte...*, p. 11. A cem anos da morte da madre Marina Videmari e da beata Mariana Sala, que faleceu no mesmo ano, em 1891, o cardeal de Milão Carlo Maria Martini, durante a celebração na basílica de Santo Ambrósio, lembrava “a experiência interior, histórica, que Marina Videmari viveu na Basílica de Santo Ambrósio”.

5 Em 1864, após perquisas de caráter arqueológico, feitas na basílica ambrosiana, foi mesmo padre Luigi Biraghi que encontrou, sob o altar, os corpos de santo Ambrósio e dos dois mártires do primeiro século, Gervásio e Protásio, ao lado dos quais o bispo milanês quis ser sepultado (cf. Luigi Biraghi, *I tre sepolcri santambrosiani scoperti nel gennaio 1864, illustrati dal sac. Luigi Biraghi*, Milão, Boniardi-Pogliani, 1864).

6 Marina Videmari, *Alla prima fonte ...*, p. 13.

7 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 11, 29 de março de 1838.

8 *Ib.*, n. 16, 8 de maio de 1838.

O ESTUDO A APROXIMA DE DEUS

Ou seja “não saberia explicar o prazer
que encontro no estudo”

Cara Marina,

Para abrir a “humilde casa” indicada há pouco, era importante que você se tornasse uma professora estimada: você seria ainda mais apreciada na qualidade de educadora religiosa. Para isso, o padre Luigi concentrava seus esforços sobre duas frentes, consolidar sua fé, através da direção espiritual, e ensinar-lhe a gramática. Para esta última tarefa você foi ajudada por um professor seu amigo, padre Clemente Baroni, e assim as duas coisas procediam simultaneamente. E você se empenhou de boa vontade em ambas. Percebe-se bem, desde quando você escreveu a padre Biraghi sua primeira carta, que abre o acervo das que conservamos, na data de 28 de setembro de 1837. Ei-la cheia de erros ortográficos nunca corrigidos nas únicas primeiras classes elementares que você pôde frequentar¹; contudo, já reveladora de sua espiritualidade, não obstante toda a gramática: “ ‘Preggatissimo Sig.r padre Spiritvvale’ E como poderei responder a tanta misericórdia que Deus usa comigo?”².

Você sentiu logo e, fortemente, o desejo de dar uma resposta ao chamado de Deus do qual você experimentava intensamente a ação da graça. Padre Luigi a havia convidado muitas vezes a captar os “sinais tão evidentes da misericórdia do Se-

nhor sobre nós”³, a “considerar suas grandes misericórdias”⁴, a ver o quanto “o Senhor é bom e cheio de ternura para conosco”⁵. E você respondia sempre pronta a acolher essas solicitações: “Ai de mim se não corresponder em meio a tanta luz!”⁵. São essas suas raízes espirituais.

A estrada para corresponder era toda uma subida. Você teve que passar através das advertências do padre Biraghi, seu diretor espiritual, que lhe feria o coração e que não a deixava dormir a noite inteira⁷. Você teve que entender o porquê de seus nãoos, quando você lhe pediu, em vão, a permissão para fazer penitência e jejum⁸. Você, na verdade, teve receio de que ele a mandasse de volta para casa, distanciando-a de “Seu Instituto”⁹ aquele que você mesma desde o princípio sentia também como seu¹⁰. Parecia-lhe ser sempre inadequada à sua tarefa, inapta a seu papel: por isso, procurava no fundador uma contínua aprovação de seu agir, seu pensar, e essa ânsia não lhe dava tréguas, não a deixava um momento em paz.

Permanecia ainda aberta a questão do estudo: depois de tudo, você deveria ser professora. Precisava, pois, incrementar a dimensão didática. Na verdade, não lhe faltava boa vontade. É memorável a afirmação que você fez ao padre Luigi, aquela que todo professor gostaria de ouvir – você bem o sabe – da parte do aluno, pelo menos uma vez na vida: “não consigo explicar-lhe o prazer que encontro no estudo, digo-lhe unicamente que nada me parece difícil; permanecer na escrevinhinha às vezes cinco, seis horas, parece-me um único instante”¹¹

Os exames de magistério foram magníficos e não poderia ser de outro modo: a intensa aplicação ao estudo lhe deu condições de realizá-los em pouco tempo e de obter o diploma mesmo sem o conhecimento do Biraghi. Tentar não prejudica: se tivesse ido mal, nos teria reprovado. Parece-me ver o rosto dele e de padre Moretti, o diretor da escola onde você fez o tirocínio, enquanto a

chamavam: “E o Exame de licença? E o tirocínio de Professora?” Como única resposta você entrega-lhes os dois diplomas. Leram-nos, entreolharam-se e disseram frases que você só soube depois. “Esta jovem tem um caráter de impressionar”¹².

A professora e a religiosa que amadureciam em você tinham a necessidade de “uma Casa com Capela” na qual – você o recorda no relato dos inícios do Instituto – “com algumas outras jovens de provada vocação poderia entrar, educando jovens e santificando-nos a nós mesmas”¹³. A casa não estava ainda pronta, mas a idéia da santificação mútua que passa através da ação educativa era bem clara desde a origem. Educar-se a si mesmo para educar os outros foi o pensamento que moveu Biraghi e que se radicou profundamente também em você. Educar primeiramente à santidade, isto é, à opção fundamental por Deus: eis um belo empreendimento, digno de uma jovem vida como a sua, ainda toda a ser doada. É inclusive um bom projeto para um sacerdote que se empenha a reunir “filhas que possam tornar-se santas”¹⁴.

Sem dúvida, você tinha no coração as palavras que o padre Luigi lhe havia escrito numa de suas cartas – que você conservou como sendo a segunda na coletânea das suas – a respeito dos estudos a concluir para tornar-se professora. Tinha-a orientado, de fato, a acabar o estudo e lhe tinha indicado a finalidade pela qual valia a pena estudar: isto é, tinha-lhe recomendado “dirigir o estudo ao fim único de melhor servir Jesus Cristo e de melhor ajudar o próximo”¹⁵.

Essa é a orientação que você quis transmitir às alunas de seus colégios. Afinal, a finalidade do projeto estava claramente escrita no prólogo da Regra que padre Luigi havia redigido para o Instituto, com sua colaboração: “O fim pelo qual, com a graça de Deus, foi instituída esta pia Congregação, foi a de educar

bem as meninas, de cuja formação cristã e civil depende, em grande parte, o bem da Igreja e do Estado. O ofício de educador, é santo, difícil e exige muita habilidade, exemplos edificantes, absoluto desinteresse e sacrifícios contínuos; tornam-se, portanto, necessárias as Congregações Religiosas, onde a piedade, unindo-se à ciência, na união de esforços, no interesse único do bem, atendem tão relevante ministério”¹⁶.

A seu ver, estudo e santidade caminham sempre juntos. Você já estava no fim de sua vida quando, em 1883, você quis instituir um lugar de estudo, de formação cultural e espiritual para as jovens que quisessem aproximar-se da vida religiosa: Você o havia então denominado “seminarietto”, saído da mesma raiz, isto é, do desejo de formá-las no conhecimento, como também na virtude”¹⁷. Você se inspirou na instituição de um padre da Igreja, São Basílio, que queria reerguer a situação da *ratio* quando, no século IV, “os estudos” tinham “decaído muito”¹⁸ você o havia chamado, não sem uma pontinha de orgulho, “il mio seminarietto”¹⁹. Ainda uma vez, através da escola, você identificou o veículo da formação cristã, juntamente com o caminho para uma eventual adesão à vida religiosa.

Nas estruturas escolares de hoje, que são filhas dos colégios de então, podemos ainda encontrar, diversamente revestida, mas substancialmente não modificada, a intuição carismática das origens: chama-se paixão pelo estudo, empenho cristão para fazer crescer humana e santamente a juventude.

NOTAS

-
- 1 Não deve impressionar a incorreção gramatical das primeiras cartas da Videmari. Ao contrário, pode ser fonte de admiração, se considerarmos os progressos feitos já nas cartas sucessivas, nas quais a qualidade da escrita se aperfeiçoa rápida e constantemente. Veja-se a nota 10 do capítulo 15

- 2 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 526, a Luigi Biraghi, em 28 de setembro de 1837.
- 3 Luigi Biraghi, *Lettere alle sua figlie spirituali*, n. 139, 10 de julho de 1840.
- 4 *Ib.*, n.47, 14 de março de 1839.
- 5 *Ibidem*.
- 6 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 549, a Luigi Biraghi, 27 de janeiro de 1841.
- 7 Cf. *Ib.*, n. 539, a Luigi Biraghi, 5 de fevereiro de 1839. Depois de ter agradecido a padre Biraghi as “advertências” recebidas na última carta, Marina apresenta-se a ele com suas “misérias” e seus “defeitos”, revelando-lhe suas impressões por “tais admoestações”.
- 8 Cf. *Ib.*, n. 538, a Luigi Biraghi, em 18 de janeiro de 1839. Biraghi não queria que a Videmari se submetesse a penitências e jejuns, devido à sua saúde frágil: “você, porém, não jejue” (Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 47, 14 de março de 1839). Além do mais, queria persuadi-la de que a perfeição não consiste em jejuns e penitências corporais, mas na humildade e na obediência. Quando ela não seguia essas orientações, padre Luigi manifestava-lhe seu desaponto: “Você quis jejuar: nisso não aprovo absolutamente. Exercícios, escola e jejum contínuo prejudicam seu estômago” (*ib.*, n. 46, 17 de janeiro de 1840). Quatro meses depois, repetiu a mesma admoestação de não jejuar e, no dia seguinte, aumentava a dose, recorrendo às Escrituras: “Por acaso, ao Senhor agradam mais as ofertas e os jejuns do que a obediência e a docilidade? Ah vocês jejuam, diz o Senhor, mas nos seus jejuns vocês fazem sua vontade. E eu lançarei em seu rosto o esterco de seus jejuns e de suas devoções”. São palavras da Sagrada Escritura. Cara filha, você tem ótimas intenções em fazer penitência e dar exemplo às outras, mas coloque em mente que estes jejuns podem insinuar um pouco de vaidade e de soberba. Lembre-se de que esta é uma tentação do demônio, para estragar sua saúde, tornando-a doente crônica, boa para nada. Você deve orientar assim também as outras companheiras” (*ib.*, n. 109, 2 de abril de 1840). Deixava-lhes, contudo, plena liberdade de discernimento. No ano seguinte, com extrema reserva, assim lhes escrevia: “E, quanto ao jejum, ajam segundo seus critérios”. (*ib.*, no. 208, 19 de abril de 1841).

- 9 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, a *Luigi Biraghi*, 24 de dezembro de 1838.
- 10 Cf. ib., n. 533, a *Luigi Biraghi*, 19 de setembro de 1838. Alguns meses antes, na verdade, a Videmari havia escrito a Biraghi a propósito do “nosso Instituto”.
- 11 Ib., n. 528, a *Luigi Biraghi*, 5 de outubro de 1837.
- 12 Marina Videmari, *Alla prima fonte...*, p. 22.
- 13 Ib., p. 16.
- 14 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 6, 14 de janeiro de 1838.
- 15 Ib., n. 2, 17 de novembro de 1837.
- 16 Luigi Biraghi, *Regola delle suore Orsoline di S. Marcellina*, p. 17.
- 17 Marina Videmari, *Scopo e regolamento de seminarietto femminile attivato nel sodalizio delle suore Marcelline*, in *Alla prima fonte...*, p. 221.
- 18 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B5.1, n. 10, *Alle Suore*, 27 de dezembro de 1890
- 19 *Ibidem*.

SUA FORMAÇÃO RELIGIOSA E CULTURAL

Ou seja “noviça na senda do Senhor”

Cara Marina,

Como bom diretor espiritual, padre Luigi lhe havia explicado esse aspecto desde o início: a dimensão contemplativa é a fonte que deve ser sempre alimentada. Você, Marina, percebeu imediatamente a importância de fazer espaço a uma cela interior¹: não por nada, num primeiro momento, você havia pensado em “entrar como postulante no Mosteiro das Salesianas em Milão”² e tinha colocado em prática a preciosa indicação, contida naquele “devem deixar sempre um espaço suficiente ao cultivo de suas almas”³, escrita na carta do ‘37, que você quis conservar cuidadosamente. Antes, experimentando o desejo de alimentar sua dimensão espiritual, essa indicação você já a havia, de certo modo, antecipado numa carta de outubro – uma das primeiras que compõem a correspondência com padre Biraghi, fresca, fresca e ainda frágil em gramática – na qual você sentia perfeitamente a necessidade daqueles livros, do Evangelho e do “encaminhamento para a escrita”⁴. Eis que os primeiros tímidos passos se movem no campo da cultura religiosa e da língua italiana. O período de sua formação em ambos os setores foi muito rápido: a correção ortográfica foi sendo conquistada paralelamente ao domínio de si mesma, fruto do abandono confiante em Deus. Todavia, a conquista dessa serenidade, para não permanecer “sempre noviça no caminho do Senhor”, será muitas vezes

marcada pela luta interior. Também algum descuido na escrita poderá ainda aparecer.

Sua formação religiosa começava na constatação dolorosa de “ver-se tão miserável e imperfeita, sentir-se chamada e impulsionada a uma vida santa, e, por culpa própria, não ter força suficiente para abraçá-la!”⁶. Esse sentimento de sua alma deixa marca desde a primeira carta que conservamos de sua correspondência com padre Luigi: concretiza-se em alguma evocação à Escritura, por exemplo, à figura “daquele bom pastor”⁷ da conhecida parábola em que ele sai à procura da ovelha desgarrada com voz doce e suave: somente nele se encontra “paz, calma e repouso”⁸. Entre as figuras que você evoca não poderia faltar a referência ao “penitente Davi”⁹ que dizia ser “mais doce viver um só dia nas tendas” do Senhor que mil anos em outro lugar.

Outros textos que você teria imediatamente às mãos são dos mais conhecidos, como *As Confissões de S. Agostinho*, na versão popular, feita pelo Biraghi, que ele mesmo lhe enviou: “Por ora, mando-lhe as Confissões de Santo Agostinho, que eu adaptei tornando-as claras e fáceis; não por ser obra minha, mas porque, por um lado, vejo-as adotadas também nas escolas ginasiais, especialmente em Brera e, por outro, a iluminarão muito sobre os caminhos de Deus, sobre o coração humano. Leia com atenção especialmente os livros 8º, 9º e 10º”¹⁰.

Agostinho foi o grande santo em quem Biraghi muitas vezes se inspirou, o insigne filósofo, autor daquelas admiráveis páginas de espiritualidade com as quais frequentemente se confrontava, que representa a alma convertida, cujo espírito vibra de amor por Deus. Muitas vezes ele o citará sem citar, como ocorre quando se tem uma pessoa no coração, como aconteceu naquela famosa frase que se encontra em uma carta dirigida a você: “Só no amor a Jesus você não deve colocar medida”¹¹.

Com frequência você recorria a padre Luigi para obter alimento espiritual através de livros, e ele, pontualmente, respondia feliz a esse seu pedido que atendia com solicitude: “Caríssima, para sábado você terá o Catecismo Romano. Todavia, se precisar de outro, escreva”¹². A ele, na qualidade de diretor espiritual e de homem sábio, você perguntava se podia ler os livros que recebia como presente¹³. Você o fazia desde o início, desde quando estava em Monza, preparando-se para o magistério. Seu professor, padre Clemente Baroni – que viria a ser, posteriormente, catequista e docente de matérias científicas nos colégios das Marcelinas que você dirigiria – lhe havia aconselhado de ler Os Pequenos Contos do Sr. Gaspare Gozzi ou outros livros de literatura moderna”¹⁴ para melhorar seu italiano. Você não as lerá nunca, esses contos escritos “para as pessoas do mundo”¹⁵: padre Luigi não os achava absolutamente próprios para você naquele momento e lhe enviava, antes, suas *Confessioni di S. Agostino*. Sabemos que mais tarde lhe enviará também livros de poesias¹⁶.

Sua formação religiosa era privada de devoções secundárias: estava ancorada na Palavra de Deus e tomava diretamente como modelo o Evangelho, isto é, a vida e o ensinamento de Jesus. Na verdade, pode-se dizer que era orientada para a centralidade na imitação da pessoa de Cristo – como lhe ensinou logo ao assumir sua direção espiritual e como insistirá até o fim de seus dias – no seguimento de Cristo, naquele “tornar-se simples, humilde, tudo semelhante a Jesus”¹⁷, ele “verdadeiro Homem, verdadeiro Deus, grande mestre desde o berço, amigo dulcíssimo desde o nascimento”¹⁸. O que encantava o padre Luigi era a humildade do presépio e o “grande livro”¹⁹, o crucifixo, referência indispensável para “crucificar o homem velho”²⁰ e “caminhar por um caminho totalmente novo”²¹. “Oh caríssima, somos totalmente de Jesus Cristo, alma e corpo: deixemo-nos, pois,

guiar amorosamente por ele e bendigamo-lo em tudo. É mesmo o início de uma orientação nova”²². Para a época, na verdade, essa familiaridade com Cristo na vida espiritual era coisa nova”²³. Foi escrito por padre Luigi também na Regra de vida que você mesma ajudou a redigir: “Acima de tudo, tenham em grande estima a devoção a Jesus Salvador: meditem-lhe a vida, os ensinamentos, a Paixão, os benefícios e procurem bendizê-Lo sempre, amá-Lo e imitá-Lo, porque nisso está o tudo da religião cristã, já que tudo existe por Ele, para Ele e nEle, como diz S. Paulo”²⁴.

O *seguimento de Cristo*, você logo o traduziu como serviço em obras de caridade. Embora não lhe tenha faltado a preocupação nessa perspectiva, o apostolado havia assumido um lugar central em sua vida de religiosa e se adequava bem ao seu ativismo Lombardo. Seu tempo também era feito assim: a vida consagrada consistia, antes de tudo, no testemunho do Evangelho, aquele Evangelho que você não demorou em pedi-lo, para conhecer e praticar, para não ser, como se disse há pouco, “sempre noviça na via do Senhor”²⁵. Como para S. Paulo, também para você a ação apostólica era justificada somente pelo amor. As referências de Biraghi ao santo Apóstolo das gentes eram muito frequentes na correspondência que mantinha com você, assim também você quis citar as palavras de Paulo numa das últimas cartas circulares enviada às Irmãs, aquela na qual volta a conhecida expressão: “se não tiverdes caridade...”²⁶

NOTAS

- 1 A imagem da cela, como lugar privilegiado do encontro íntimo com Deus, volta muitas vezes nas cartas que Biraghi envia regularmente à Videmari, especialmente quando lhe dá relação dos períodos transcorridos em retiro espiritual: “Estou aqui eu e Deus, minha al-

- ma e Jesus Cristo, cela e paraíso, e o mundo, lá fora” (Luigi biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 138, 7 de julho de 1840).
- 2 Marina Videmari, *Alla prima fonte...*, p. 9. Trata-se do mosteiro da Visitação, ao qual nos referimos no capítulo 3, fundado por São Francisco de Sales, em 1610.
 - 3 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 2, 17 de novembro de 1837.
 - 4 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 530, a *Luigi Biraghi*, 17 de outubro de 1837. Já foi mencionado que nas primeiras cartas escritas pela Videmari não faltaram erros ortográficos de todo tipo. Esse é um documento interessante para conhecer o nível médio de instrução das escolas públicas de então transmitido nas primeiras classes elementares, as que Marina pôde frequentar. Veja-se também a nota 10 do capítulo 15.
 - 5 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 322, 2 de setembro de 1842.
 - 6 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 549, a *Luigi Biraghi*, 27 de janeiro de 1841.
 - 7 *Ib.*, n. 526, a *Luigi Biraghi*, 28 de setembro de 1837.
 - 8 *Ibidem*.
 - 9 *Ibidem*.
 - 10 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 2, 17 de novembro de 1837. Foi a primeira obra do Biraghi, publicada anonimamente em 1832 e reeditada em 1842 com o título: *Le Confessioni di s. Agostino vescovo di Ipona, volgarizzate e ridotte a facile intelligenza per uso specialmente della colta gioventù dal sacerdote Luigi Biraghi direttore spirituale del seminario teologico di Milano*.
 - 11 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 10, 14 de março de 1838.

- 12 Ib., n. 175, 27 de janeiro de 1841. Na nota 1 se lê: *Il Catechismus ex decreto Concilii Tridentini ad parochos* foi reeditado em 1566 a pedido do Papa Pio V. Uma tradução em língua italiana, a cargo do dominicano Alessio Figliacci, foi publicada em Roma em 1566. A obra, que teve muitas edições, expõe a verdade da fé numa linguagem simples e ancorada nas fontes bíblicas e patrísticas”. O próprio Biraghi redigiu em 1837, por ordem do arcebispo de Milão, Gaisruck, o “*Catechismus ordinandorum*, que foi adotado nos seminários teológicos até em 1866 e mesmo depois. No mesmo ano, fê-lo intérprete do próprio conceito de vida consagrada feminina, confiando-lhe a redação do prefácio das constituições das restabelecidas Claustrais de S. Prassede (ib., vol. I p. 38).
- 13 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 622, a *Luigi Biraghi*, 10 de dezembro de 1852: “Meu Caríssimo Senhor Superior receberá certa obra que lhe envia o Médico Maspero de Varese, pai de uma nossa aluna. Esse senhor deu de presente uma cópia também a nós, mas, não conhecendo tal obra, gostaria de saber se podemos lê-la”.
- 14 Ib., n. 531, a *Luigi Biraghi*, 11 de novembro de 1837.
- 15 Luigi Biraghi, *Lettere alle sua figlie spirituali*, n. 17, novembro de 1837.
- 16 Ib., n. 787, 1 de dezembro: “Providenciei e logo lhe enviarei um outro belo livro de poesias”.
- 17 Ib., n. 385, 3 de junho de 1843.
- 18 Ib., n. 943, 23 de dezembro de 1876.
- 19 Ib., n. 49, 26 de março de 1839.
- 20 Ib., n. 146, 18 de setembro de 1840.
- 21 Ib., n. 551, 18 de abril de 1846.
- 22 Ib., n. 308, 18 de junho de 1842.

- 23 Cf. Repossi Alessandro, *L'educazione cristiana nell'esperienza e nella riflessione di monsignor Luigi Biraghi*, tese de habilitação , ano acadêmico 2007-2008, p. 293.
- 24 Luigi Biraghi, *Regola delle suore Orsoline di S. Marcelina*, p. 32.
- 25 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 322, 2 de setembro de 1842.
- 26 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B5. 1, n. 7, alle *Suore di Cernusco*, 23 de novembro de 1888. Para a citação paulina, cf. 1 Cor 13, 1-3.

VIDA ATIVA E VIDA CONTEMPLATIVA

Ou seja “Marta juntamente com Maria”

Cara Marina,

Era uma grande aposta que padre Luigi Biraghi queria fazer com você: procurar “unir o espírito e os exercícios das instituições claustrais aos requisitos que são exigidos pelas circunstâncias atuais para a boa educação das meninas”¹. Para dizê-lo com uma referência evangélica, você deveria ser ao mesmo tempo Marta e Maria, porque, ao redor dessas duas figuras, estava se consolidando a espiritualidade Marcelina. Você devia encarnar essa intuição, reconhecendo a face da oração na ação cotidiana, a estreita relação entre o desejo de Deus e o amor ao próximo. Devia alimentar-se com a oração habitual que daria sentido a seu agir de cada dia, traduzindo seu espírito contemplativo em atividade concreta e exigente para o bem dos irmãos. Está tudo escrito na Regra: “a vida interior e contemplativa de Maria, mas junto a vida exterior e ativa de Marta”².

Você colocou logo em prática essa orientação fundamental – tenho certeza - ainda que a documentação que nos chegou se refira mais à obra e sobrevoa discretamente sobre a adesão do coração: “em Cernusco, meu coração estava mais tranquilo: - você escreveu ao padre Luigi – mas aqui, em Vimercate, posso fazer um bem maior, e isso me consola”³. Quando passo pelo

colégio de Cernusco lança sempre um olhar para o painel que está sobre a porta de entrada, que representa Jesus falando com Maria, que, sentada à sua frente, o escuta numa atitude contemplativa, e com Marta, em pé, com as mãos ocupadas em afazeres domésticos. Também o colégio de Vimercate, que hoje hospeda as Irmãs Canossianas, conservou, do tempo da fundação, quando você ali morava junto às primeiras Marcelinas, um painel com uma representação análoga, mas com uma Marta mais vivaz, pintada de costas, em pleno movimento, e uma panela no fogo, que justifica claramente sua afobação. Essa é Marta “santa Marta cozinheira”⁴ que, com solicitude, no relato evangélico, vemos recebendo Jesus em sua casa. Marta se ocupa dos “muitos serviços”: Imaginamo-la solícita em preparar uma refeição para acolher Jesus. Justamente por isso seu dar-se ao trabalho tornou-se alegoria da vida ativa na consagração religiosa.

Nessa Marta, você devia reconhecer-se plenamente. O espírito de serviço entrava perfeitamente em sua lógica: você também, ao lado de seu padre Luigi, preocupava-se muitas vezes com a boa acolhida, com o preparo das refeições.

Na pintura, Marta e Maria juntas, as duas faces clássicas da vida religiosa, símbolo da ação e da contemplação, lembram aos transeuntes que conhecem sua história a admoestação inicial do Biraghi: “Seja Marta, mas também Maria”⁶. Sim, seja Marta: Sobre ela recai o acento do Biraghi e de seu século, sem, porém, esquecer Maria, nessa concepção de vida religiosa, onde “Toda-via o mérito da vida ativa é maior, porque se pode cooperar na salvação das almas: e nós escolhemos essa com a graça de Deus”⁷.

Nas cartas que estão à minha frente, podemos encontrar frequentemente intercalado entre a oficialidade de uma formulação séria e o timbre espiritual de indicações morais, o sabor dos alimentos apenas cozidos, a frescor das castanhas e dos espargos

apenas colhidos, a fragrância dos biscoitos apenas saídos do forno. Coisa de cozinha, em suma, e talvez algumas moedas para providenciar o necessário para o dia-a-dia. A correspondência, nesse sentido, revela-se um instrumento maleável que faz emergir as exigências imediatas da vida.

Penso que uma pitada do seu espírito de Irmã Marcelina, do seu ser “Marta, junto com Maria”, se tenha misturado ao perfume genuíno dos alimentos de estação. Era você, de fato, até os últimos tempos de sua experiência terrena, que assim exortava as Irmãs: “quem ajuda com o serviço, quem com a oração, quem com os recursos financeiros, mas que tudo seja feito com a ordem querida por Deus, salvando nossa alma, ajudando o próximo”.

Os ensinamentos do Biraghi de não separar os dois aspectos da vida, o ativo e o contemplativo, estão impressos em você. Reconheço em suas cartas o mesmo sabor – se você quiser me passar a expressão – que lhe faz associar a exortação de alegrar-se com Jesus ressuscitado, ao levar-lhe pessoalmente biscoitinhos⁹. Ele era feito assim, sempre muito atento ao aspecto concreto da vida: “Mande-lhe anteriormente um cesto de castanhas, um rolo de tela de 39 braças, de pouco custo, e um saco de espargos para plantar. Depois, sábado, lhe mandarei biscoitinhos, como lhe prometi. Se precisar de dinheiro ou tecido, escreva-me”¹⁰. Você lhe respondia logo, no mesmo dia, com a prontidão informática de um E-mail: “Recebi as castanhas e lhe agradeço de coração. O portador me entregou um pedaço de tela, a quem devo entregá-la”?¹¹ Sua experiência espiritual, percebe-se, vinha sempre assomada ao cotidiano, misturada à despesa a fazer, que ficou imortalizada nas cartas que chegaram até nós: “Tenha a bondade de comprar-me uma peça de queijo e um pouco de bacalhau”¹²; você os pediu a padre Luigi, que, pouco tempo depois, assegurava-se se tinham chegado realmente¹³.

Este seu agir concreto comove e evidencia o quanto um chamado profundo do espírito requer a unidade inseparável entre espírito e corpo. Apesar da ânsia do ritmo dos dias, você considerava importante, por sua vez, mandar às Irmãs de seus colégios alimentos saborosos e, junto, partituras musicais para elevar o espírito: “salame e música” você mandou um dia no “costumeiro bauzinho”, junto a uma indicação culinária e um voto de partilharem a alegria de estarem juntas, alegrando-se com “um par de aves selvagens que devem saboreá-las com polenta; mas quero mesmo que sejam saboreadas por vocês. Ai se os derem a outros! Ficaria magoada”¹⁴. Um momento festivo era considerado por você como vital para a regeneração dos afetos: é um tempo que toca o sagrado e que, por isso, celebra uma liturgia em volta de uma mesa, no agradecimento e no louvor.

Você tinha também que enfrentar o tempo de trabalho. Você aprendeu bem como gerenciar uma casa, fazer corretamente o balanço, e esse aspecto, tanto prático quanto necessário ao cotidiano, você o transmitia a suas Irmãs: “Você, querida, é um pouco liberal nos consertos; eu sou três vezes mais econômica”¹⁵. Era mulher de pés no chão, aprendeu logo a fazer as contas diante da realidade, para administrar com sabedoria os bens da congregação, e por isso, por justos motivos, nos seus últimos anos, como que para resumir seu modo de agir, exclamava: “Quantas justas economias para não irmos à falência!”¹⁶. o fim dessa economia tinha uma saída para o céu o que estava claramente escrito na Regra: “quando, tirado o necessário, sobrar à Congregação dinheiro ou roupa, lembre-se da advertência de Jesus Cristo: ‘O que lhes sobra deem-no aos pobres’¹⁷”.

Se a coleção das cartas nada informa sobre sua oração pessoal, a feita nos bancos da igreja ou no genuflexório de seu quarto, pode-se, contudo, colher a atitude orante que animava a

cela interior de sua alma e que acompanhava sua vida. Aquele modo de levar uma vida retirada¹⁸ em Jesus Cristo, que padre Luigi lhe havia recomendado num Natal, você o abraçará como seu e com você crescerá com o tempo: “Sim, vivamos retirados com Jesus no seu presépio e aprendamos pobreza, humildade, paciência, desapego de tudo”¹⁹.

“Como o Senhor é bom conosco!”¹⁹, parece-me ouvi-la exclamar exultante. É a sua *confessio laudis*, é o louvor a Deus que realizou maravilhas em sua vida. É a oração de agradecimento. É a oração de louvor que desabrocha da ação.

“*Laus Deo*”²¹: louva o Senhor quando as coisas vão bem. É importante lembrar a memorável visita de improviso, quase uma amigável inspecção, no colégio de Vimercate, de pessoas de altos cargos governamentais. Assim você escreve ao Biraghi: “tudo, com o auxílio de Deus, aconteceu maravilhosamente. [...] Em suma, lhe repeto tudo andou às mil maravilhas. Louvor ao Senhor”²². Louva o Senhor quando as forças não a abandonam e pode ocupar-se inteiramente da congregação; “e, com a ajuda do Senhor, me sinto bem e cheia de energia para iniciar, se achar bom, mais uma terceira casa”²³.

Contudo, as coisas nem sempre vão tão bem. Quando você for colocada em confronto com as tribulações da vida que se apresentam sob a forma de maledicência, de calúnia, quando as energias devem ser recuperadas e o recolhimento em Deus na oração e na meditação parece fugir a toda tentativa, também então, Marina, procure a viver calma no Senhor. Eis que afloram as palavras do salmo 131 junto à imagem amável do menino sereno no colo de sua mãe. Assim responde a seu diretor espiritual e a você mesma: “[...] no meio de nossos contínuos dissabores, vivemos alegres no Senhor. Sim, no silêncio e na oração ofereçemos a Ele todo nosso sofrimento e nEle repousamos seguros, como crianças no colo da própria mãe. Desejo a todas mil

bênçãos do Senhor e perdoo a todos de coração...”²⁴. Reanimar as forças abatidas, atender melhor as alunas, avançar espiritualmente e, ao mesmo tempo, rezar, não é sempre fácil: quando o ânimo está tão atormentado, custa recolher-me em Deus.

Há muita coisa a ser dita neste sentido: se você, leitor, tiver o desejo de saber mais, pode dar uma olhada no próximo capítulo.

NOTAS

1 Luigi Biraghi, *Regola delle suore Orsoline di S. Marcellina*, p. 18.

2 *Ib.*, p. 81

3 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 553, a Luigi Biraghi. A carta não tem data, mas pode ser relacionada à do Biraghi do 31 de dezembro de 1841.

4 Luigi Biraghi, *Regola delle suore Orsoline di S. Marcellina*, p. 101.

5 Lc 10,40.

6 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 2, 17 de novembro de 1837.

7 *Ib.*, n. 146, 18 de dezembro de 1840.

8 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B5.1,n.10, alle Suore, 27 de dezembro de 1890.

9 Cf. Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 113, 18 de abril de 1840.

10 *Ib.*, n ‘92, 19 de fevereiro de 1840.

11 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 544, a *Luigi Biraghi*, 19 de fevereiro de 1840

12 *Ib.*, n.545, a *Luigi Biraghi*, 5 de março de 1840.

13 Cf. Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 151, 14 de março de 1840

14 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B4.1 n. 12, a *Giuseppa Rogorini*, 6 de janeiro de 1869

15 *Ib.*, B4.1.n.40, a *Giuseppa Rogorini*, 2 de abril de 1879.

16 *Ib.*, B5.1, n. 9 *Alle Suore*, 14 de dezembro de 1890.

17 Luigi Biraghi, *Regola delle suore Orsoline di S. Marcellina*, p. 44

18 Cf. Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 540, a *Luigi Biraghi*, 15 de fevereiro de 1839. Nesta carta, Marina parece bem determinada a levar “vida retirada” como dever das religiosas.

19 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 260, 17 de dezembro de 1841.

20 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 616, a *Luigi Biraghi*, 25 de junho de 1852.

21 *Ib.*, n. 559, a *Luigi Biraghi*, 6 de fevereiro de 1849.

22 *Ib.*, n. 615, a *Luigi Biraghi*, 10 de maio de 1852.

23 *Ib.*, n. 614, a *Luigi Biraghi*, 6 de maio de 1852.

24 *Ib.*, n. 590, a *Luigi Biraghi*, 23 de agosto de 1850.

25 *Ibidem*.

AINDA A PROPÓSITO DE MARTA E MARIA

Ou seja “será que penso como deveria
pensar a respeito de minha alma?”

Cara Marina,

Desde os primeiros tempos, você se esmerou para o bom andamento do instituto, para contentar suas coirmãs, as alunas e outros mais; depois, você se sentia improvisamente desorientada, transtornada por toda essa atividade e, então, logo, num ímpeto, você escreveu ao padre Luigi: “mas será que eu penso na minha alma do modo como deveria pensar. Espero que o senhor tenha a grande bondade de escrever alguma coisa para meu proveito espiritual”¹. Sua vida não transcorre no escondimento de um claustro, no secreto recolhimento da cela: parece, antes, transcorrer sob o olhar dos homens mais que sob o olhar de Deus. Curioso: temos dificuldade de imaginá-la em seus aspectos de devoção e de interioridade contemplativa. Contudo, temos a certeza – seja isso claro – que você viveu em profundidade sua fé operosa, enraizada na oração.

Sua oração, como a de todos nós, é também oração de petição. Para obter graças, você se volta à intercessão de Maria, e muitas vezes, como acontece nesta carta, pedia ao padre Luigi que rezasse por você: “nesta novena rezarei muito e espero que Nossa Senhora me obtenha a graça que lhe peço de coração e da qual tenho tanta necessidade. Recomende-me ao Senhor o se-

nhor também”². Recomende também às alunas que confiem na intercessão de Maria e do Anjo da Guarda, o “Anjo tutelar que pedi para protegê-las”³: o afeto que você experimentava por elas lhe faz enviar essa entidade celeste para protegê-las. Quanta doçura, quanto espírito materno emana de suas palavras, também naquele beijo final que você envia a todas, quanta vontade de desejar todo o bem possível às alunas, que são parte inseparável de sua vida, como o declara abertamente: “Não vivo senão por vocês”⁴.

Você, Marina, não separa nunca o momento da intercessão orante daquele da ação. Para a sofrida decisão da fundação da casa de Lecce, num lugar tão distante para se chegar com os meios da época, você rezava e fazia rezar as Irmãs: “Em suma, rezem, rezem durante esta semana e a outra que são dias de decisão para o sim ou para o não: façamos uma santa comunhão nesta intenção”⁵. Sua vida religiosa transcorre imersa na ação de cada dia que nasce da oração cotidiana, como uma planta, da sua raiz.

Suas referências bíblicas não são criadas na mesinha de trabalho, nem num banco de igreja: nascem da vivência, do momento de aplicá-las, na agitação, em situações concretas. Você é uma religiosa que vive no seu século, com a cultura religiosa que então era normalmente permitida a uma mulher: conhece alguns personagens da Bíblia, que na época não era permitido abordar diretamente nos textos, você os ouviu citar oralmente com suas histórias atraentes e sábias e, de igual modo, os citava, por sua vez, no contexto cotidiano. Por exemplo, na decisão a ser tomada sobre a fundação de um colégio em Lecce, você confidenciou a uma coirmã seu temor: “recusar, receio que Deus me trate como a Jonas e aceitar me amedronta e me entristece”⁶. O papa também, você o descreve confrontando-o com um personagem da Escritura, quando conta a alegria de estar em

colóquio com “O S. Padre, vestido de branco, com dois olhos cintilantes e uma bondade de velho Simeão”⁷.

Em suas cartas, especialmente as da maturidade, você nomeia os Padres da Igreja, “S. Bento, S. Basílio e outros doutos”⁸, e retoma seu pensamento, adaptando-o, porém, ao contexto. O mesmo você faz com as palavras do Evangelho de Lucas⁹ quando sinaliza o comportamento virtuoso da Irmã Marcelina: o evangelista fala do Batista, definido por você como o “Santo Precursor às multidões”¹⁰, e lembra as palavras de Isaías que você traduz a seu modo: “enchei os vales com atos de virtude; abaixai as colinas, dominando o amor-próprio; endireitai os caminhos para não se desviarem do andamento até agora tão abençoado”¹¹. As referências bíblicas conferem autoridade a seu pensamento que se desvincula da Escritura e se encarna numa situação concreta. Mas, antes de comentar esse seu modo de interagir com a Palavra, tão concreto e eficaz, gostaria de concluir com as sábias referências que havia começado a elencar.

Você conhece o pensamento de São Francisco de Sales porque declara não se opor às suas palavras¹². De mais a mais, o santo é citado mais vezes por padre Luigi, que desejava transmitir a você aquela idéia que o havia cativado, tanto que se firmou como um aspecto fundante da dimensão espiritual da Irmã Marcelina: a santidade passa através do gesto cotidiano e se constrói no viver normal, dia após dia. Quantas vezes falou disso com você: não são necessárias penitências especiais, mas basta um coração puro e humilde, capaz de mortificação. Nessa afirmação se encontra também toda a sabedoria de um outro santo, Vicente de Paulo. De fato, assim escreve a você e a outras suas companheiras, como Giuseppa Rogorini, que esteve a seu lado desde início: “São Francisco de Sales, que foi aquele grande mestre de espírito que você bem sabe, não tendia muito a penitências corporais, mas preferia as mortificações internas da vontade. Quan-

do se tratava de fazer suas religiosas andarem descalças, respondeu: *Prefiro que minhas religiosas tenham calçados os pés e descalça a mente*, isto é, que prefiram ter a mente, ou seja, a vontade simples, sincera, humilde, mortificada. S. Vicente de Paulo não prescreveu nenhuma penitência corporal a suas filhas da Caridade, querendo que se contentassem com as penas e trabalhos do instituto. E o grande mestre de todos, Jesus Cristo, levou uma vida simples, comum, familiar, sem buscar particularidades”¹³.

Sim, precisamente no levar uma vida comum, “plana”, livre de extravagâncias, consistia a originalidade, a característica que Biraghi queria para suas Marcelinas. Ainda uma vez, através da Rogorini, ele apresenta aquele caminhar “por uma via plana, calma, recolhida, unida a Jesus Cristo, sem singularidade, sem escrúpulos, atenta a seus deveres: e assim se tornará santa”¹⁴. Era esse um ponto firme que o fundador ia explicitando para indicar a via da perfeição, que consistia – como você logo aprendeu dele – no “caminhar familiarmente, sem pretensões e amar muito o caro Senhor Jesus Cristo”¹⁵

Essa normalidade de vida era uma necessidade irrevogável, porque o cenário onde encarnar esse tipo de santidade era a vida comum de todo dia. Também a mensagem que você deixou como “Velha Madre”¹⁶ às suas Irmãs aprofundava ainda aqui suas raízes, precisamente naquele endireitar “os caminhos, não se desviando nunca do andamento até aqui muito abençoado”¹⁷, ao qual nos referimos pouco antes; abençoado como o método indicado pela Regra que a queria sempre presente no meio das alunas: “não abandonem nunca o método até agora abençoado, o de estar sempre no meio das alunas, no dormitório, no refeitório, no recreio, porque essas se formarão mais com bons exemplos do que com muitos preceitos”¹⁸. A idéia nova que estava na origem era a de estar totalmente inserida na realidade comum, na

normalidade do passar dos dias, viver no anonimato comum a resposta ao chamado de Deus com o coração sincero, aberto, alegre¹⁹. É entre caminhos comuns que passa a via plana e se lança para pistas – diríamos hoje – de laicidade, onde quem a percorre caminha ao lado dos outros, igual aos outros.

Você não se distinguia nem mesmo no vestir. Quando você se apresentou com seis coirmãs – “nós, seis ovelhinhas, humildes no último lugar”²⁰ – no Vaticano ao papa, para obter a aprovação do instituto, ele nos perguntou: “É esta sua vestimenta comum ou a de viagem? E nós: diário, santidade. E o S. Padre: gosto, não chama a atenção, e, na atualidade, deve ser assim, de outro modo...”.

Aquele hábito que vocês vestiam “de modesta e digna senhora antes que monacal”²¹ tão adequado para o convívio com os jovens, tão cotidiano, tão diferente do hábito monástico”²², é o que Biraghi quis para suas Marcelinas²³. E, provavelmente, não se tratava unicamente de simples medida de prudência frente aos tempos históricos.

NOTAS

1 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 536, a Luigi Biraghi, 9 de dezembro de 1838

2 *Ib.*, n.562, a Luigi Biraghi, 1 de dezembro de 1849

3 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B6.1, n. 15, às *Alunne del collegio Quadronno*, Natal de 1888.

4 *Ibidem*. Esta carta enviada às “Diletíssimas alunas do Colégio de Quadro-no” por ocasião do Natal, é fruto da já plena maturidade de mulher e de

- religiosa da Videmari. Justamente porque endereçada às alunas, contém algumas diretrizes preceituais das quais se pode recortar a fisionomia de uma jovem mulher piedosa do 1800, pertencente à burguesia: uma sociedade boa, obediente, ordenada, silenciosa, respeitosa; na igreja, contrita, recolhida; na escola, fraterna com as companheiras, afeiçãoada às mestras.
- 5 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, n. 3, a *Una suora*, 20 de janeiro de 1883. Quanto ao destinatário, há uma anotação a lápis: ou Rogorini, ou Capelli, ou Marcionni, ou Sala.
 - 6 *Ib.*, B3. 01, n. 107, a *Emilia Marcionni*, 28 de janeiro de 1882.
 - 7 *Ib.*, B5. 01, n. 3, a *Uma Suora*, 20 de janeiro de 1883. A propósito do destinatário, há uma anotação a lápis: ou Rogorini, ou Capelli, ou Marcionni, ou Sala.
 - 8 *Ib.*, B5. 01. 10, *alle Suore*, 27 de dezembro de 1890.
 - 9 Cf. Lc 3, 4-6.
 - 10 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B5. 01, n. 9, *alle Suore*, 14 de dezembro de 1890
 - 11 *Ibidem*.
 - 12 Cf. Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 539, a *Luigi Biraghi*, 5 de fevereiro de 1839.
 - 13 Luigi Biraghi, *Lettere alle sua figlie spirituali*, n. 45, 6 de março de 1839.
 - 14 *Ib.*, n. 85, 17 de janeiro de 1840.
 - 15 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 554, a *Luigi Biraghi*, 27 de fevereiro de 1842.
 - 16 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, n. 9, *alle Suore*, 14 de dezembro de 1890.
 - 17 *Ibidem*.
 - 18 Luigi Biraghi, *Regola delle suore Orsoline di Santa Marcellina*, p. 55.

19 Cf. Luigi Biraghi, *Regola delle suore Orsoline di Santa Marcellina*, p. 56.

20 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B5. 01, a *Una suora*, 20 de janeiro de 1883. A propósito do destinatário, uma anotação a lápis: ou Rogorini, ou Capelli, ou Marcionni, o Sala.

21 Marina Videmari, *Alla prima fonte...*, p. 68.

22 *Ib.*, p. 135.

23 Cf. Luigi Biraghi, *Lettere alle sua figlie spirituali*, n. 109, 2 de abril de 1840.

PARA O BEM DA CONGREGAÇÃO

Ou seja “mais cara que minha vida”

Cara Marina,

Neste ponto, disponho-me a contar sua história em relação à história de sua congregação: tenho em mãos uma trama rica, tecida de decisões a tomar, de emoções a conter, de confrontos a sustentar. Gostaria, pois, de continuar a contar toda essa tua trama existencial até o fim, seguindo cada indício relevante, documentando, até onde possível, todas as suas afirmações, inserindo-as no contexto no qual foram proferidas. Desta carta aberta que hoje me apressei a escrever-lhe, gostaria que saísse um texto acessível, a fim de que todos pudessem aproximar-se com simplicidade e, por meio de você, colher o perene frescor do carisma que a animou.

Eis que retomo a meada das narrações e tento fazê-las fluir, como o fiz até agora, desde seu início, quando você chegou a Cernusco, na casa Vittadini, recentemente preparada precisamente para você que começava dar forma a seu sonho de Irmã e, juntamente, o de mestra; quando assumiu a direção do primeiro verdadeiro colégio em Cernusco; quando foi ao Papa para obter o reconhecimento do instituto; quando faleceu seu Biraghi e você ficou sozinha para levar a obra adiante; quando entendeu que você também estava acabando seu parêntesis terreno e, então, escreveu suas últimas cartas circulares às “minhas

diletíssimas filhas Irmãs de Cernusco”¹, e às de Gênova e a todas as outras, para dar-lhes “alguns bons conselhos” com grande desapego e suma sabedoria. Também às “diletíssimas”² alunas você dirigiu sua palavra por ocasião de um dos últimos Natais, admitindo, no fundo, não viver senão por elas, que sua boa formação humana e cristã era seu desejo sobre esta terra e que você se tinha sempre prodigalizada para alegrar sua estadia no colégio e beneficiá-las a qualquer custo.

Esta sua história, que ora narro, você a entrelaçou com suas próprias mãos. Foi você a protagonista dos acontecimentos, daquele primeiro momento que deu uma reviravolta em sua vida: “e persuadi-me, por mim mesma, que aquele era o campo de ação no qual Deus me queria”³. Você, primeira a realizar o projeto carismático do padre Luigi Biraghi, abraçou seu futuro de religiosa Marcelina, em conformidade com o diretor espiritual e Irmã Maddalena Barioli⁴, que a havia conhecido durante aquele retiro decisivo junto à canônica de S. Ambrósio. Desde aquele outono, você entrou num caminho de subida, aquele que a levaria a fundar as Irmãs Marcelinas. Já em ‘38, quando você ainda estava em Monza, pedia a padre Biraghi de escrever-lhe algo sobre “nosso Instituto”⁵. A ele, sacerdote e fundador, escrevia no endereço: ao “padre em Cristo, De sua Congregação”⁶: De qualquer modo, Biraghi permaneceu no comando até a morte. Afinal, ele também falava no plural: “eu também estou contente com o bom andamento de nossa congregação; - e, para tranquilizá-la de que não a abandonaria no meio do empreendimento, acrescentava – disponho-me a fazer tudo o que for necessário para conservá-la, assegurá-la, dilatá-la. Em tudo, caminhemos concordes e, o que acharmos melhor, com a ajuda de Deus, o faremos”⁷.

Assim lhe escrevia padre Luigi para tranquilizá-la de que não ficaria nunca sozinha e para responder a sua carta de dois

dias antes, cheia de temores nesse sentido, diante das “nossas duas Casas”, a de Cernusco e de Vimercate: “E o senhor saberá combinar seus deveres de modo a reservar alguns momentos para ajudar-nos, não é verdade? O senhor olhará sempre com doce complacência essas nossas duas Casas, cuja fundação lhe custou tanto trabalho, não é verdade? O senhor não se empenhará nunca em coisas tais que o absorvam de modo a deixar-nos em dificuldade, não é verdade?”⁸. Por três vezes você pediu para não ser abandonada. Mas essa questão de viver “tranquila” e praticar a “confiança em Deus”, como falávamos há pouco, e padre Luigi lhe lembrava com frequência, não era coisa simples para você.

Você vivia continuamente preocupada com as casas de Cernusco e Vimercate. Você iria ter outras casas e tribulações no decurso de sua vida: a casa de via Quadronno em 1854, para colocar “tenda em Milão”⁹, “nosso caro ninho de Quadronno”¹⁰, como você gostava de defini-la em suas memórias, usando o adjetivo possessivo¹¹; depois a casa de Gênova, para levar as alunas ao mar! “Necessidade? Moda? Todos os anos, em julho, muitos pais de nossas alunas as retiravam para levá-las ao mar. Então, os banhos de mar eram a panaceia para todos os males. Grande incômodo e dano para os Educadores! Opor-se? Teriam gritado: retrógradas! Uma solução se fazia necessária e foi logo encontrada: Colocar um Colégio em Gênova. Biraghi era de nosso parecer e nos assessorava”¹². Agora era você que propunha, que fazia. Em seguida, num belo dia de 1882, chegou-lhe de diversos lugares uma insistente proposta de fundação no sul, em Lecce, quando “Meu venerado Fundador já não existia e, por mim mesma, pobrezinha, sozinha, não me sentia capaz de empreender novas fundações. Mas o Senhor Deus nos queria em Lecce e, não obstante as repulsas e negativas de três anos, as minhas pobres filhas foram arrastadas para baixo, para baixo, até o salto da Itália”¹³. Na época sua iniciativa já tinha ultrapassado

os limites nacionais e se lançou também ao exterior, na França, em Chambéry, “onde tinham uma Casa de aluguel para o aprendizado do idioma francês”¹⁴. Essa primeira experiência na Savoia tinha sido altamente positiva, “mas a curta permanência não era suficiente para atingir o objetivo [...]. No final de 1874, foi-nos oferecido o Clos Burdin com Chalet a Chambéry, no declive de uma amena colina, na mais bela e risonha posição – Faubourg Nézin – Paróquia de Lémenc. Falo sobre isso a Monsenhor Biraghi que não hesita na aquisição”¹⁵. Sua índole empreendedora pôde manifestar-se plenamente. Você intuía a exigência dos tempos de levar as alunas ao mar ou fazê-las aprender a língua no lugar e, conseqüentemente, você se deslocava: fazia uma visita, pesquisava, avaliava os custos, comprava a casa. Contando com a fundação de via Amedei, em Milão, você chegou a sete colégios.

Cara Marina, você foi uma mulher cheia de iniciativa, e o modo como enfrentou, ao mesmo tempo, a gestão dos colégios e a direção da congregação só o confirmam. Você logo se lançou à aventura: partiu naquela noite sem nenhuma segurança... A casa onde viver e trabalhar, a regra de vida a seguir, a aprovação do instituto, chegariam em seguida: nasciam da prática, da experiência e não vice-versa. Assim ia se regulamentando uma situação já em ato: partia-se da experiência para se chegar à formalização.

Questões a resolver não lhe faltavam nunca. Transcorria o ano de 1843 e ainda não tinha obtido o reconhecimento governamental do instituto e, para consegui-lo, era necessário, antes de tudo, uma soma de dinheiro para garantir a posse de uma renda. Ao lado de Biraghi, você conduzia as negociações junto a seu bom amigo, o conde Giacomo Mellerio, pessoa culta e aberta à cultura e à educação e também, um grande benfeitor, que iria colocar à disposição a soma necessária. E essa foi feita, mas

havia ainda outro caminho a realizar: o procedimento burocrático para obter a aprovação canônica do Instituto. Você tinha pela frente um longo caminho que seria percorrido, em parte, ainda ao lado de padre Luigi e, em parte, a que a levaria à meta, agora sozinha. Por outro lado, você amava seu instituto e seu Biraghi, mais que a própria vida. Você o havia dito abertamente a Biraghi: “sua felicidade e o bom andamento da congregação me interessam muito mais que a minha vida”¹⁶.

Lembre-se de que, para o bem da congregação, “Nosso ótimo Padre Espiritual foi duas vezes a Roma para contentar suas filhas, mas voltava desanimado porque os tempos se faziam sempre mais borrascosos, logo, desconfortantes colóquios nesse sentido, mantidos pelo Santo Padre Pio IX”¹⁷. Você conservou a carta¹⁸ que Biraghi lhe escreveu após a visita ao Vaticano em 1864, justamente para obter a aprovação apostólica do instituto fundado por ele, sua “família de Religiosas”, que já tinha sido aprovado pela diocese de Milão e que agora esperava o reconhecimento pontifício²⁰ tão desejado por você. Por isso, você teve que esperar “tempos mais tranquilos”²¹; os acontecimentos históricos do ressurgimento aconselhavam, então, aguardar momentos de distensão no relacionamento ente o novo Estado nascente e a Igreja.

Para obter o tão desejado reconhecimento, dois anos depois, iria você também, acompanhada de algumas coirmãs, e você também teria um caloroso encontro com Pio IX e o renovado convite de esperar tempos melhores: “A seu tempo, fomos admitidas à tão suspirada Audiência. Que consolação para nós, pobrezinhas, sermos acolhidas, encorajadas por aquele Anjo Pio IX!...Falou-nos como Pai, dizendo-nos entre outras razões: ‘Não é tempo, minhas diletas filhas, de realizar seus anseios. Brevemente, todas as ordens religiosas sofrerão uma grande catástrofe, e vocês também serão atingidas. Contudo, coragem! Conti-

nuem a fazer o bem sob qualquer nome e forma, contanto que o façam’. Abençoou-nos e partimos”²².

Mais tarde seria sempre você a ir a Roma uma segunda vez, em janeiro de 1883. Tinha chegado o momento em que seu desejo seria realizado: “Eu ansiava por uma Audiência com Sua Santidade Leão XIII! Eu a desejava desde muito tempo!... É verdade que tive um Breve de Pio IX em 1863, depois uma Audiência com aquele Sumo Hierarca em 1866, e ele mesmo aconselhou-me a adiar a aprovação do Instituto. Também Leão XIII me tinha animado e consolado com um Breve em 1879, mas eu queria vê-lo, senti-lo, falar-lhe de todas nossas coisas e receber sua bênção”²³. Finalmente, os tempos estavam amadurecendo: Já não era o momento de adiar. Eis que Leão XIII lhe promete o tão desejado reconhecimento pontifício e se congratula com você: “Parabenizo-a, boa Madre, continuem a fazer o bem, é família abençoada a sua.”²⁴.

Antes de despedir-se, você lhe deixou como presente, um tapete que as Irmãs levaram um ano inteiro de trabalho para prepará-lo. Ele “Olhou-o, contemplou-o, apreciou-o muito, depois disse: ‘Bem, vou usá-lo!’, colocou-o no colo, estendido como uma manta de viagem e acrescentou: ‘hoje mesmo quero usá-lo, o presente de minhas Marcelinas...’então, novamente, o beijo dos pés, da mão, da cruz. Abençoou-nos e nos levantamos. O Mestre da Casa foi para retirar o tapete do colo, e Ele: ‘não, não, deixe-o, me mantém quentinho’ ”²⁵.

Você gostava de contar às Irmãs o encontro com o papa; seu papel e sua idade faziam você senti-las naturalmente como filhas, e a elas confiar seu coração: “Eis tudo, minhas diletas e caríssimas filhas. O dia 20 de janeiro de 1883 foi um dos dias mais felizes de minha vida”²⁶.

NOTAS

- 1 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B5.01, n.7, às *Suore di Cernusco*, 23 de novembro de 1888.
- 2 *Ib.*, B6. 1, n. 15, às *Alunne Del collegio Quadronno*, Natal de 1888.
- 3 Marina Videmari, *Alla prima fonte...*, p. 15.
- 4 Junto à canônica de Sto Ambrósio, onde a Barioli se havia refugiado após a supressão de seu convento de Terceiras Franciscanas, renasceram por iniciativa própria as Orsolinas de S. Carlo, dedicadas à educação das jovens pertencentes à burguesia.
- 5 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 533, a *Luigi Biraghi*, 19 de setembro de 1838.
- 6 *Ib.*, n. 540, a *Luigi Biraghi*, 15 de fevereiro de 1839.
- 7 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 613, 6 de maio de 1847. A Videmari saberá absorvê-la e fazê-la sua essa mesma idéia, repondo-a numa expressão de significado análogo: “Avante, pois, com coragem e fazer cada dia o melhor possível para nós. O resto, Ele, o Senhor, o fará” (Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B4, 1, n.11, a *Giuseppa Rogorini*, 21 de agosto de 1861).
- 8 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 558, a *Luigi Biraghi*, 4 de maio de 1847.
- 9 Marina Videmari, *alla prima fonte...*, p. 65
- 10 *Ib.*, p. 76
- 11 *Ib.*, p. 131: “Parei em Lecce um mês para a primeira instalação, depois voltei ao meu Quadronno com a boa Vigária Rogorini, louvando o Senhor”.

- 12 Ib., p. 91. O relato de Marina continua anotando com precisão que “A aquisição foi efetuada no último dia de 1867”.
- 13 Ib., p. 128.
- 14 Ib., p. 96
- 15 Ib., p. 100.
- 16 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist II*, n. 562, a *Luigi Biraghi*, 1º de dezembro de 1849.
- 17 Marina Videmari, *Alla prima fonte...*, p. 81.
- 18 Na carta à Videmari, Biraghi escreve: “Acabo de chegar da audiência com o S. Padre. Que dia lindo para mim! Depois de Merode entrei eu. Logo que me viu disse: ‘Este é o canônico de Milão que trabalha muito para a glória de Deus com livros e boas obras: Abençoo-o com todas as bênçãos’. E não me deixou beijar os pés, somente a mão. Depois mandou-me sentar perto dele. Falou-me logo de Santo Ambrósio, de Santa Marcelina, da Diocese, etc. etc. E eu respondi: ‘Sabe, beatíssimo Padre, que em Milão eu tenho uma família de Religiosas, aprovada pelo arcebispo Romili, as Marcelinas’. E ele: ‘Sei, sei; conheço o bem que fazem; vejo-o bem: hoje em dia, são as Irmãs que devem salvar a Fé. Abençoo-as todas e encarrego-o de levar minha bênção a todos os que os assistem e os auxiliam’. E eu de início disse: ‘essas Irmãs são aprovadas pela Diocese e agora lhe peço orientação se e como pedir a aprovação apostólica’. E o S. Padre respondeu: ‘Cresçam e estendam-se na forma presente e, quando os tempos estiverem tranquilos, venha que de coração lhe darei a aprovação apostólica: Conto-lhe um caso que vale para vocês: também a tal Casa dos Passionistas, na România, era propriedade particular. E esses novos patrões disseram ao proprietário: Bem, esta casa é sua, fique com ela, mas os Passionistas não são seus, que se retirem. Não, caro Cônego, farão bem em não se arriscar: o essencial é o Espírito do Senhor e este podem conservá-lo igualmente. Abençoo novamente as Marcelinas, minhas filhas, e o abençoo também’. Enquanto assim falava, não pude permanecer sentado; senti-me impelido por uma força intena para que me ajoelhasse”(Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 877, 19 de novembro de 1864.
- 19 *Ibidem*.

20 Era a Videmari que sentia, desde muito tempo, a urgência de obter o reconhecimento pontifício. Também em 1847, embora mantendo em relação ao Biraghi uma atitude de dependência, “a iniciativa de pedir a aprovação canônica do instituto foi da Videmari, apoiada por Biraghi, a quem a história recente talvez tivesse sugerido um conceito diferente de vida religiosa feminina. Finalmente, para fazê-lo decidir-se pelo reconhecimento público, foram determinantes a intervenção e o legado do conde Mellerio, feliz de satisfazer o desejo da Videmari e do amigo Biraghi, precisamente na véspera de sua morte; o favor do recém-eleito arcebispo Romilli; o bom andamento dos dois colégios; o considerável número de mestras já observantes da Regra por ele ditada e consagradas privativamente. Ao preparo da documentação requisitada, que Biraghi assumiu com a competência e o zelo que lhe são próprios, a Videmari participou como ouvinte interlocutora numa condissão – diríamos – igualitária de todas as responsabilidades” (Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, vol. II, pp. 14-15).

21 *Ib.*, n. 877, 19 de novembro de 1864.

22 Marina Videmari, *Alla prima fonte...*, p. 82.

23 *Ib.*, p. 133.

24 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B5. 01, n. 3 a *Una suora*, 20 de janeiro de 1883. Quanto ao destinatário, há um apontamento a lápis: Ou Rogorini, ou Capelli, ou Marcionni, ou Sala. O tão desejado reconhecimento será obtido em 17 de julho de 1899, sob o pontificado de Leão XIII. Marina Videmari tinha falecido em 10 de abril de 1891.

25 Marina Videmari, *Alla prima fonte...*, p. 135.

26 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B5. 01, n. 3, a *Una Suora*, 20 de janeiro de 1883. A propósito do destinatário, há um apontamento a lápis: ou Rogorina, ou Capelli, ou Marcionni, ou Sala.

**UM “QUARENTA E OITO”
TAMBÉM PARA VOCÊ**
Ou seja “Eis a minha política.”

Cara Marina

Sua vida de religiosa se debulha sobre o fundo da história nacional. Grandes acontecimentos, na verdade, se sucederam neste momento que tem como cenário o Ressurgimento italiano. Em Milão, em particular, com as gloriosas “Cinque Giornate”, havia uma grande agitação, um verdadeiro e próprio “quarenta e oito”¹, como se costuma dizer familiarmente. Você teve muito trabalho para salvaguardar as religiosas e as alunas de seus colégios das eventuais incursões militares.

No ano seguinte, para poder dedicar-se à sua obra, em vão você esperou com todas as forças que “nenhum sinistro” viesse perturbar seus “asilos de paz. Não foi assim no final do mês de julho, dias de verdadeira angústia pela volta dos Austríacos. Todos ficaram tomados da mania de mudar de lugar para maior segurança, tantas eram as barbaridades e desastres narrados sobre os Alemães que restavam, terror que entrou também em nosso meio. As Marcelinas de Cernusco fecharam a Casa e vieram a Vimercate escoltadas por quatro camponeses fortemente armados improvisamente. Temia-se aqui também um batalhão de Austríacos, e eu tinha as jovens Irmãs muito agitadas e apavo-

radas a ponto de temer pela sua saúde. Foi-me proposto um antigo castelo em Caraverio (alta Brianza). Mandeí logo para lá umas vinte e mais Irmãs com dois empregados para as suas necessidades. Eu, com outras menos apavoradas, parei em Vimercate. Toda a aldeia ficou deserta, e nosso Colégio acolhia muitas camponesas com seus bebês no colo das Fazendas dos arredores, todas apavoradas, que vinham a nosso abrigo persuadidas de que na Casa de Deus não correriam perigo. Oh, que dias de pavor! Quanto exercício de caridade! Que o Senhor seja bendito; não houve nem espanto, nem dano de espécie alguma”².

Essa também passou, mas a paz estava ainda longe: a luta pela causa da independência enfurecia-se irremovível, determinada a atingir seu intento. Um novo conflito estava às portas, com todas suas implicações. Inesperadamente, em maio de 1859, a pedido da autoridade civil, você se encontrava na primeira fila a dirigir não certamente uma escola, como estava habituada, mas um hospital militar, o de S. Lucas de Milão, onde assistia os feridos do conflito franco-piemontês, deflagrado contra os Austríacos. Eram 17 as Marcelinas que se dedicavam de todos os modos àqueles soldados, tanto a merecerem uma medalha! Mas, eis sua narrativa: “esperavam-se dias de um horizonte tranquilo. Vã expectativa! [...] Os alarmes de guerra, o ribombar dos canhões, a entrada das tropas franco-sardas em Milão agitaram e exacerbaram os ânimos. Colocavam à disposição muitos hospitais provisórios para recolher feridos de ambas as partes em guerra; e, de nossa parte, a caridade cristã, a filantropia de outrem, solicitavam Irmãs de toda categoria para assistirem aqueles pobres sofredores. Às Marcelinas foi confiado o Hospital de S. Lucas, eu na direção, Simonini na secretaria, Locatelli no economato, dezessete Irmãs enfermeiras nas salas dos 600 feridos com a ajuda, cada uma, da própria servente e guarda. Lá, acolhíamos, rezávamos, nos cansávamos, lá recobrávamos vigor com o alimento que diariamente vinha do vizinho Quadronno.

Bom Deus! Aquele foi um trabalho bem penoso para as Marcelinas! Um campo de ação bem diferente o de S. Lucas! Sofredores para assistir, amputados para medicar, agonizantes para confortar e ajudar para o traspasse com os confortos religiosos. [...] Cinco meses depois, deixando o hospital por graça de Deus, deixamos boas lembranças de nós, conservando decorosa e cordial amizade com todos. Na despedida, o Diretor me entregou a Medalha de prata que o Imperador Napoleão III dos franceses destinou à Superiora das Marcelinas pela assistência aos feridos de 1859. Medalha de honra, colocada no Medalheiro do Instituto”³.

Mas ainda não era o fim: alguns anos depois, explodiu a “guerra no Vêneto”⁴, na primavera de 1866, você bem se lembra, precisamente quando você regressou a Milão, voltando da audiência com o papa. E, como se não bastasse, ei-la defrontando-se com a lei da supressão das ordens religiosas. “Em julho do mesmo ano, a terrível lei da supressão foi decretada”⁵: Sua aplicação significava para você o fechamento dos colégios e a perda do sustento econômico de seu benfeitor, o conde giacomio Melerio⁶. Com a ajuda e a experiência de padre Luigi, homem sábio e clarividente, conseguiram contornar o obstáculo: decidiram apresentar oficialmente as Marcelinas como sociedade civil e associação de educação. Desse modo, formando uma sociedade privada de educação, conseguiram satisfazer ao mesmo tempo exigências opostas, a de vocês e a de suas instituições, mostrando não pertencer “à verdadeira classe conventual”⁷.

Em geral, pode-se afirmar que, em suas cartas, você faz pouca alusão aos acontecimentos históricos, mas Biraghi a manteve sempre a par através das cartas que lhe escrevia⁸. Neles, você sempre esteve diretamente envolvida com o destino de seus colégios⁹ e também por motivo dos afetos familiares, como no caso de seu irmão Giovanni, jovem clérigo comprometido nas

barricadas do seminário, lutando a favor da revolução contra os austríacos, naquele março de 1848, em Milão.

Sim, Biraghi fazia mesmo questão que suas Marcelinas estivessem sempre bem informadas¹⁰. Certamente, escrevendo, era necessário ser cautelosos e discretos, porque precisavam levar em conta a censura austríaca: era algo pouco prudente deixar circular cartas que pudessem ser consideradas comprometedoras. Eis porque você teve que queimar muitas delas por segurança e, logo, é inútil procurar em alguma prateleira esquecida informações relativas aos desdobramentos políticos daqueles anos.

Contudo, no acervo de cartas que, por outro lado, chegaram até nós, sua história pessoal entrelaça-se mergulhada na grande história nacional. Pesco, pois, nesse feixe de cartas, porque é ali dentro que encontro exatamente a narrativa dos eventos diários, feitos de necessidades a defrontar, oportunidades a acolher, urgências a prover do melhor modo possível, aborrecimentos a suportar, pesos a sustentar, intrigas a remediar, mal-entendidos, que, depois de exaustivos esclarecimentos, nem sempre atingiram o êxito esperado. São esses os componentes de sua vida que fazem parte da crônica e que, se não interessam aos historiadores profissionais, são argumentos muito preciosos, tirados do cotidiano, para mim que escrevo e também para você, leitor, que talvez já se tenha apaixonado por esse relato de sua existência já encaminhado. Digo isso porque a unidade da Itália você a fez também, Marina, fundando casas marcelinas no território nacional, de norte a sul: da pequena Cernusco sul Naviglio, de onde o olhar, nos dias mais límpidos, pode ainda hoje vislumbrar o arco da cadeia pré-alpina, você se lançou para baixo, até Lecce “ao salto da Itália”¹¹.

Cara Marina, nesses anos quentes, você teve que enfrentar a inquisição política que perseguia seu Biraghi¹². Imagino o desconforto e depois o temor que a terá estarrecido. As acusa-

ções sobre ele eram pesadas e foi somente após todo o episódio que se revelaram infundadas. Para começar, havia sido exonerado do cargo de diretor espiritual no seminário, porque tinha sido acusado de ter instigado os jovens seminaristas a construir barricadas e combater junto ao batalhão estudantil. É verdade que as barricadas foram erguidas também sob seus olhares, diante do seminário na via Veneza: os clérigos se agilizaram e [...] construíram a melhor barricada de Milão; organizaram um efficientíssimo serviço de abastecimento aos combatentes e de assistência aos feridos; de modo especial, solicitaram a intervenção da população do campo com o uso de balõezinhos aerostáticos, que levavam, além da linha da resistência austríaca, as notícias do comitê de defesa e do governo provisório”¹³.

Idéia genial essa, na verdade: foi um recém-ordenado, padre Antonio Stoppani, que idealizou o lançamento dos balõezinhos aerostáticos do interior do seminário, para comunicar a notícia da chegada da insurreição da cidade ao campo dos arredores. Tornou-se, em seguida, famoso e até os dias de hoje é lembrado como patriota, cientista e escritor. Assim, o nome do Biraghi, na qualidade de diretor espiritual do seminário, voou até Viena: foi logo catalogado como subversivo a ser vigiado. Realmente, corria a voz, no gabinete do governador militar e civil da Lombardia, que o professor Biraghi se teria empenhado pessoalmente no campo de batalha para defender a independência italiana e teria fundado um pequeno regimento de clérigos, a Santa Legião, prometendo promoções e privilégios àqueles que tivessem tomado parte na luta¹⁴.

Para você, que o conhecia bem, a questão poderia até fazê-la sorrir, se não estivesse tão preocupada com ele. Certamente era um grande problema governar sabiamente aquele pequeno exército de jovens seminaristas ardorosos, prontos a medir-se com as armas em nome da liberdade. O Ressurgimento

manifestava seus arriscados desdobramentos também no seminário, onde a fé cristã, unida ao amor à pátria se tornava um só ideal pelo qual combater.

Dizia há pouco que, nas cartas, você foi bastante cautelosa, Marina. Habitualmente você procurava entregar as cartas aos empregados. Sabe-se, o correio era controlado, e você já tinha informado padre Luigi que as cartas chegavam abertas: “Para sua norma, recebo suas cartas sempre abertas”¹⁵. Ele sabia muito bem e, talvez por isso, não assinava suas cartas¹⁶. Por um motivo ou por outro, desse período difícil ficaram pouquíssimas cartas de sua preciosa correspondência. E vocês se terão correspondido naqueles anos! Tento fazer dois cálculos com relação a isso, talvez um tanto enfadonhos, mas significativos. Se você, leitor, não gostar de estatísticas, convém passar para o parágrafo seguinte.

De sua parte, Marina, não encontro nenhuma carta do crucial 1848 e não chegam a uma dezena as do ano seguinte. Depois de mais de dez anos de silêncio, de março de 1854 a novembro de 1864, pensei comigo mesma, não é certamente admissível. É verdade que, tendo sido transferida para Milão, no colégio de via Quadronno exatamente em 1854, você poderia tratar de viva voz questões que, primeiramente, eram objeto de correspondência com o Biraghi. Ele também, detendo-nos nos documentos que nos chegaram, lhe escreveu pouco ou nada: 22 cartas ao longo de cinco anos – de 1855 a 1860 – das quais 16 pertencentes ao 1855 e as outras 6 distribuídas nos quatro anos seguintes. Onde acabou a regularidade quase diária de antes na qual vocês trocavam notícias? Absolutamente nada, nem mesmo no triênio sucessivo 1861-1863. É preciso dizer que, também na correspondência que nos chegou, muitas vezes passaram em silêncio episódios históricos cruciais naqueles anos para a Itália, para Milão e para sua vida civil e clerical; quantos acontecimen-

tos, sobre os quais certamente terão falado, permaneceram em silêncio, como, por exemplo, as turbulências na vida eclesiástica entre as facções que se tinham formado na cidade, ou a delicada sucessão do arcebispo de Milão no fim do episcopado de Romilli em 1859¹⁷.

O clero milanês, na verdade, estava em plena crise política e religiosa. Eis, então, o convite do papa¹⁸ dirigido ao próprio Biraghi, já plenamente livre das acusações dirigidas contra ele pelo governo austríaco e nomeado doutor da Biblioteca Ambrosiana, de levar à unidade o clero liberal e o intransigente. Todavia, nada emerge de sua correspondência que evoque essa circunstância, certamente participada pelas filhas Marcellinas e, em primeira pessoa, por você, Marina. Parece-me que você queira esboçar um sorrisinho de entendida, que a faz assumir a expressão típica de quem disfarça: você bem sabe de ter escrito e de ter também recebido. A nós só resta lamentar a correspondência perdida.

Eram tempos difíceis. Ficaram poucos traços escritos, ínfimos e transversais, a serem procurados, talvez, em outra correspondência, como a que você manteve com a superiora Rogorini. Percorrendo as cartas de 1861, por exemplo, chegamos ao conhecimento da acusação de liberalismo que os jornais lhe tinham dirigido. Sua atitude permaneceu fiel à autoridade eclesiástica, mas capaz, ao mesmo tempo, de distinguir os limites: você não gostava das intransigências dos ferrenhos conservadores, tão distantes de seu modo de ver as coisas e do frescor do espírito evangélico. Assim, você decidiu tomar posição além de toda polêmica política e religiosa. Você, então, tranquilizava a Rogorini, assegurando-lhe que poderia contar com você: “Cumprimento-a de coração; tranquilize-se comigo que, de tanto em tanto, pondero sobre certos artigos; mas como estamos já acostumados, desde que os liberais não nos atormentam, a guerra

deve vir-nos sempre dos conservadores exagerados. Avante, pois, a carregar nossa cruz que há 20 anos nunca mudou”¹⁹.

Sua principal preocupação permaneceu sempre uma só: que os colégios religiosos pudessem permanecer abertos sem serem heréticos, cismáticos e que sei eu...”²⁰. E, para tanto, era necessário, naqueles tempos, uma linha decidida: “Eis a política que espero adotar. Oh, sim, convém mesmo rebocar nossa barca e cuidar de nossas coisas até que a tempestade passe”²¹. As assim chamadas “nossas coisas” às quais você se refere eram, em resumo, as que reconduziam ao carisma de origem que, junto a suas coirmãs, nunca havia perdido de vista: “esforcem-se para santificar, junto com vocês, muitas e muitas jovens”²². Com suas Irmãs, você era clara e inequívoca sobre a responsabilidade assumida na educação, na plena consciência de que cada uma deveria fazer sua parte, ainda quando o contexto histórico não fosse favorável. Sublinhando algumas palavras, assim você lhes escrevia: “serenas em nossa casa, para educar cristãmente as alunas e quem deve prestar conta que o faça”²³.

NOTAS

- 1 Referência à insurreição popular milanesa das “Cinque Giornate” deflagrada em março de 1848. “Um ‘48 que explodia quase contemporaneamente em toda a Europa; em Milão, começou com uma surpreendente insurreição popular, que desembocou numa guerra, envolvendo, de diversos modos, os vários estados da Itália num inflamado entusiasmo comum, por isso, já inegável ameaça, como brasas sob cinsas. Na verdade, porém, a insurreição popular milanesa das “Cinque Giornate” de março de 1848 não foi totalmente ‘surpreendente’: havia sido preparada pelos acontecimentos ‘eclesiásticos’ de 1846 e 1847. A eleição de Pio IX à cadeira pontifícia, que pareceu aos italianos uma promessa de resgate do domínio estrangeiro, e a eleição do arcebispo Romilli à cátedra de Ambrósio, vista pelos milaneses como garantia de italianidade, após o logno episcopado do car-

dial austríaco Gaisruck eram valsas a sacudir o ‘bom povo’ ambrosiano de sua aparente indiferença às aspirações de liberdade e independência já bem vivas em alguns salões aristocráticos e em não poucos círculos culturais, frequentados pela mais viva e inteligente juventude local, aberta às ideologias de além-alpes e sob suspeita da polícia austríaca”. (Luigi Biraghi, *Lettere alle sua figlie spirituali*, vol. II, p. 6).

2 Marina Videmari, *Alla prima fonte...*, pp. 56-57.

3 *Ib.*, pp. 74-75.

4 *Ib.*, p.82

5 *Ibidem*. Marina lembra também as palavras proféticas pronunciadas pelo papa durante o encontro com Pio IX: “brevemente todas as ordens religiosas sofrerão uma grande catástrofe, e vocês também serão atingidas”.

6 “Praticamente, as Marcelinas, como religiosas, tinham sido suprimidas e perdido o legado Mellerio, conforme a clausula testamentária, em caso de supressão. Puderam, contudo, continuar sua obra educativa nos colégios, dos quais não se tornariam proprietárias, permanecendo sempre ‘religiosas’ diante da Igreja e de sua consciência “(*Positio super virtutibus*, p. 635).

7 Luigi Biraghi, *Lettere alle sua figlie spirituali*, n. A7, 18 de abril de 1866.

8 “Sob esse aspecto, é de máxima importância a carta de 9 de abril: Nela, Biraghi dá informações a sua colaboradora sobre a visita informal que fez ao conde Gabrio Casati, presidente do governo provisório, para que tivesse presente, nas novas normas civis, as legítimas exigências da Igreja, que o arcebispo lhe teria proposto oficialmente”(*Ib.*, vol. II, p. 361).

9 Em relação aos anos 1848/1849, veja-se Alessandro Repossi, *L'educazione cristiana nell'esperienza e nella riflessione di monsignor Luigi Biraghi*, tese de mestrado, ano acadêmico 2007-2008, p. 43: “Os dois Colégios, o de Cernusco e o de Vimercate, não permaneceram estranhos aos acontecimentos épicos: de Vimercate, na verdade, partiram 120 homens com padre Luigi Cantù, capelão das Marcelinas, e entre os feridos nas barricadas, durante o cumprimento de seus deveres sacerdotais, estava também o irmão sacerdote da Videmari. As Irmãs de Cernusco entraram na confusão da volta dos austríacos e foram obrigadas, com a aju-

da do Fundador, a deixar o colégio para abrigar-se na alta Brianza. No final de 1849, Milão parecia ter entrado num clima de paz aparente; faltava, porém, uma tranquilidade verdadeira por causa de um clima de suspeita, em que a polícia levava adiante suas averiguações, fundada em denúncias equívocas. [...]. Nem Biraghi esteve imune. O Feldmarechal deu ordem de investigar todos os professores do seminário, e padre Luigi foi acusado de propagar opúsculos mazzinianos”.

- 10 É de grande interesse ver como Biraghi confidenciava seus cuidados também políticos àquele grupo de jovens religiosas e não pensava, em sua profunda experiência espiritual, que elas devessem permanecer fora e estranhas ao trabalho tão intenso do povo. Quero antes que se perceba o propósito de alargar o campo de suas ideias e preocupações. A vida do espírito se torna mais ativa em contato com esses acontecimentos e a mesma oração perde toda tendência ao egoísmo para tornar-se solicitude com a Igreja e com todo o mundo humano” (Angelo Portaluppi, *Mons. Luigi Biraghi fondatore delle Marcelline* e Patriotta em “*La Martinella di Milano. Rassegna di vita lombarda*”. 1951.vol. VIII, p. 679).
- 11 Marina Videmari, *Alla prima fonte...*, p. 128.
- 12 ”Em 1848, pegou-o no seminário a insurreição das “Cinque Giornate” à qual os clérigos participaram com todos os recursos de sua juventude, iluminados pelos ideais da religião e da pátria, por ele participados com sabedoria, no respeito às manifestações pessoais de seus filhos espirituais. Isso foi suficiente para que os austríacos, que voltaram vitoriosos em Milão, em 1849, o tornasse responsável pelo tributo dos seminaristas à causa da independência e obrigaram o arcebispo a demiti-lo da direção espiritual do seminário maior”(Luigi Biraghi, *Lettere alle sua figlie spirituali*, vol. II, p. 12
- 13 *Positio super virtutibus*, p. 209.
- 14 Cf. *Ib.*, pp. 462-463.
- 15 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 572, a Luigi Biraghi, 20 de janeiro de 1849.
- 16 Cf. Luigi Biraghi, *Lettere alle sua figlie spirituali*, n. 678, 7 de janeiro de 1849

- 17 “[...] O arcebispo Ballerini, impedido pelo governo de tomar posse da sede, porque eleito sob a sugestão da Áustria; o vigário mons. Caccia Dominioni confinado no seminário de Monza, porque rival da autoridade civil por sua fidelidade à santa Sé; clero e leigo católico divididos entre temporalistas e antitemporalistas, intransigentes e conciliadores” (Luigi Biraghi, *Lettere alle sua figlie spirituali*, vol. I, p. 25).
- 18 Em 1862 Biraghi recebeu uma carta de Pio IX, datada de 29 de junho, convidando-o como mediador entre as facções opostas do clero milanês, dividido entre posições liberais e intransigentes.
- 19 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B4. 1, n. 4, a *Giuseppa Rogorini*, 8 de julho de 1861. No que concerne a palavra “chè” veja-se a nota 10 do capítulo 15.
- 20 *Ibidem*
- 21 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B4. 1, n. 3, a *Giuseppa Rogorini*, 6 de julho de 1861. Para a grafia da palavra “buffera” veja-se a nota 10 do capítulo 15.
- 22 Luigi Biraghi, *Regola delle suore Orsoline de s. Marcellina*, p. 14.
- 23 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B4. 1, n. 3 a *Giuseppa Rogorini*, 6 de julho de 1861. O grifo é da Videmari.

MARINA E AS COIRMÃS

Ou seja “escreva-me com franqueza sua opinião, pois gosto de conhecê-la”

Cara Marina

Você foi a primeira, mas não a única, a começar a caminhada. À tarde de 22 de setembro de 1838, você começou o caminho religioso junto a duas companheiras: naquele sábado você era ainda – por assim dizer – uma delas, mas logo deveria assumir um papel diferente, de formação e direção. “E, quando se trata de obediência e direção”- padre Luigi lhe havia dito com firmeza nos primeiros anos em que você exercia a autoridade – saiba comandar”¹. Aquele seu grupo de três ia aumentando depressa, tal que, no início de dezembro, padre Luigi as definiu como aqueles “cinco passarinhos implumes no ninho do Senhor”², no primeiro ninho, em Cernusco sul Naviglio, temporariamente numa casa alugada. Logo seria construída uma casa totalmente para vocês, primeiras mestras marcelinas, adequada para desenvolver sua obra de educação.

Na sua história haverá outras casas, outras coirmãs e outros “ninhos”, como você gostava de definir os colégios que, pouco a pouco, eram fundados por Biraghi e dirigidos por você. Essa imagem lhe agradou muito: foi usada primeiramente por ele, padre Luigi, no início de sua aventura religiosa, e só tinha que permanecer em sua mente, seu coração e seus lábios, no

desejo de reproduzi-la, evocando lembranças, afetos, raízes. Quantas vezes você abandonou o velho ninho para transferir-se num novo bem preparado. Aconteceu primeiro para Cernusco, depois para Vimercate, qualificado por você, com forte carga afetiva, “meu ninho”³. Depois, também com referência às coirmãs, para o “nosso caro ninho de Quadronno”⁴. A casa-ninho é uma das tantas imagens férteis que permanecem ligadas a você e que fazem referência ao fundador.

Era um grande vaivém naquele ninho, desde o início. Havia quem chegava, quem partia por razão de saúde ou de temperamento não apto à obra empreendida. Já no início do ano seguinte, Biraghi dirigia-se por escrito não mais aos cinco passarinhos, mas às quatro frágeis pombas ainda no ninho”⁵. Afinal, nunca foram numerosas vocês, Marcelinas: eram rigorosas as condições exigidas para aceitar as aspirantes, exigente a formação, comprometedora a perseverança. Chegariam só 24 à profissão dos votos solenes, no 13 de setembro de 1852, em Vimercate, “precedidas pelas alunas do colégio, de véu branco, quais noviças que, carregando um gracioso estandarte bordado por elas [...], seguiam em procissão ao santuário da Bem-aventurada Virgem”⁶.

Daquele ninho inicial, partiu também Giuseppa Caronni. Sobre ela, companheira desde o início, ficou-nos seu claro julgamento: “vejo-a tão facilmente dizer e desdizer”⁷. Você captou logo. Afinal, você podia entendê-la bem, porque você também passou por momentos sombrios: o medo de não conseguir ir adiante, de não estar à altura do dever que lhe fora confiado tomava-a continuamente, tanto é verdade que, para continuar, você tinha necessidade de ser encorajada: mas seu temperamento era forte, seu caráter perseverante nas decisões, seu discernimento sempre lúcido quanto ao objetivo a alcançar.

Por outro lado, permaneceu uma outra primeira companheira, a fiel Giuseppa Rogorini, a que, desde o início, sempre esteve a seu lado como amiga, única irmã que não teria nunca voado do ninho⁸. Você a quis a seu lado como confidente e colaboradora, como vigária do instituto, “a boa Rogorini”⁹. O temperamento da Rogorini era muito diferente do seu, e isso, sobre as primeiras religiosas, gerou certa dificuldade de entendimento: uma vez você chegou até a referi-lo ao Biraghi, após um seu comportamento pouco prudente, - é necessário dizê-lo por amor à crônica – como uma ingênua alegona, pouco capaz de enfrentar a vida da qual não imaginava os perigos: dotada “de um temperamento feliz, é de pouca imaginação, não vê as coisas tão pretas e, depois de desabafar em lágrimas, acalmava-se facilmente. Tenho firme esperança de que o acontecido, por mais desagradável que tenha sido, irá frutificar em bem”¹⁰. Estamos falando de uma desagradável circunstância, que, para nossos objetivos, não vale tanto lembrar; contudo, os particulares estão conservados na carta para quantos desejarem dar-se ao trabalho de verificar. Você percebeu que esse caso tinha “sacudido a fibra um tanto inerte de Rogorini” e que a havia tornado “um pouco mais expansiva, única coisa que faltava àquela cara jovem. Sim, espero que a Rogorini, daqui para frente, esteja mais em condições de perceber que certas coisinhas, de início, são facilmente remediadas; mas, deixadas envelhecer, acarretam verdadeiros danos”¹¹. Este seu ser tão direto em seus confrontos nada diminuía o afeto e você a define, já avançada em idade, a “minha boa Irmã”¹². Você sempre gostou de falar francamente: avaliados os defeitos das coirmãs, foram sempre colocados em evidência. Difícil equivocar-se. Você esteve sempre pronta a dizer as coisas como são, mas seus julgamentos, no início cortantes, foram se suavizando num contexto de sabedoria humana sempre crescente e de sabedoria cristã.

É bom lembrar, a bem da verdade, que o mesmo rigor no julgamento você o aplicava a você mesma. Poucos meses antes da morte, com a saúde abalada, já com “os rins e as pernas que me sustentam com dificuldade”¹³, encontrava ainda força para perguntar abertamente, sem usar meios-termos, se seu amado “seminarietto”- o lugar de formação que você tinha idealizado e ao qual estava tão afeiçoada – lhe sobreviveria. Você o fez de maneira decisiva, voltada àquela que, à distância de alguns anos, teria conduzido a nau da congregação, a coirmã Emília Marcionni. Você o fez, como de costume, perguntando meio à queima-roupa: “Falecida eu, o continuarão”?¹⁴. Você não queria impor às coirmãs uma instituição não prevista na Regra, não queria vê-la continuar sem seu consentimento efetivo, não suportava que sobrevivesse somente em nome da “memória e do afeto”¹⁵ da já veneranda mãe fundadora. Com a mesma lucidez de mente e clareza de palavra, redigiu o regulamento que não queria impor, mas submeter ao parecer das Irmãs: “escrevame com franqueza seu parecer, pois gosto de sabê-lo”¹⁶. Não se trata somente de conhecer um ponto de vista que poderia ser diferente do seu: esse parecer você desejava sabê-lo, mais do que isso, você gostava de conhecê-lo.

Todavia, você nunca ficou condicionada a ponto de mudar suas convicções, nem mesmo em se tratando do parecer de padre Luigi: certas opções cabiam a você e somente você deveria cumpri-las. Sim, você sempre foi decidida com suas coirmãs nas várias situações que a vida pouco a pouco lhe apresentava. Penso no caso de Teresa Sobregondi, aluna das Marcelinas, que entrou na congregação e depois saiu por causa da complexa situação da família; finalmente – você escreve ao Biraghi – “aparece à porta toda trêmula e humilde e pede de todo coração [...] para ser readmitida entre nós. [...] Eu estava propensa a aceitar o desejo dessa pobre criatura, mas [...] achei prudente fazê-la esperar ainda um mês antes de aceitá-la [...] O que lhe parece? Agi

com prudência? Talvez o senhor a teria readmitido logo. Não pude decidir-me. Tenho tanto receio de me enganar uma segunda vez!”¹⁷.

Cara Marina, na direção da comunidade, você se revelou mulher sábia e iluminada. De suas cartas intui-se também o quanto você tenha acompanhado as coirmãs ao longo do caminho da perfeição, exortando-as ao bem com pequenos tratados de espiritualidade Marcelina, para formá-las “ao verdadeiro espírito do Instituto!”¹⁸. Não se tratava de grandes ‘sermões’ como os que, às vezes, lhe dirigia padre Luigi: se existem, no momento permanecem ainda ignorados, porque, boa parte de seu epistolário está para ser estudado. Seu papel, na verdade, não era o de diretor espiritual, mas de mãe das almas: era suficiente uma breve indicação de caráter moral, um sábio conselho sobre uma conduta habitual, um leve toque de espiritualidade misturado a considerações sobre o cotidiano, como costumava fazer num certo momento já amadurecido de sua vida. À moda de Biraghi.

Pergunto-me com quantas coirmãs teria sido interessante poder reconstruir um diálogo epistolar, como o fiz, em parte, com a Rogorini. Dizíamos que existem ainda muitos maços de cartas a serem examinadas, como, por exemplo, as 160 enviadas à Marcionni, que você tanto estimava. Emília era uma dezena de anos mais jovem que você. Era milanese e entrou na comunidade em 1841. Foi, no início, professora, depois superiora e, finalmente, superiora geral da congregação, como você. Também umas vinte cartas de outra Emília, a Simonini, superiora da casa de Via Amedei, estão aqui esperando para serem examinadas. Ela também desempenhou na congregação ofícios importantes: No início, foi mestra das noviças; depois, ela também, superiora em várias casas e, finalmente, vigária geral. Há ainda umas vinte cartas que têm como destinatária uma coetânea sua, Antonia

Gerosa, muito amada superiora da casa de Cernusco nos últimos vinte anos de sua vida.

Cara Marina, o caminho é ainda longo, mas já está aberto: certamente você tem que ter paciência antes que sua imagem seja definida totalmente por esta fonte. Tenho, contudo, a certeza de que esta comemoração bicentenária, apta para lhe dar alguma atenção, saberá trazer seus frutos.

NOTAS

- 1 Luigi Biraghi, *Lettere alle sua figlie spirituali*, n. 109, 2 de abril de 1840.
- 2 Ib., n.30, 1 de dezembro de 1838. Junto à Marina Videmari, havia, nomeando-as em ordem de entrada na comunidade, Ângela Morganti, Cristina Carini, Giuseppa Rogorini, Giuseppa Caronni. Constituem o primeiro núcleo da congregação nascente.
- 3 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 614, a Luigi Biraghi, 6 de maio de 1852.
- 4 Marina Videmari, *Alla prima fonte...*, p. 76.
- 5 Luigi Biraghi *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 37, 7 de janeiro de 1839. Trata-se da Caronni que deixou a comunidade em março daquele ano. Carini também a seguirá logo. A demissão da Morganti ocorrerá só em 1845. Desse grupo inicial permanecerá ao lado da Videmari durante toda sua vida somente a Rogorini, como coirmã e amiga: embora de temperamento muito diferente, Marina a quis vigária do instituto, a sua “boa Giuseppa Rogorini”, como a lembra nos *Cenni storici dell’Istituto delle Marcelline*, escritos por ela. Foi das primeiras 24 a professar os votos solenes no dia 13 de setembro de 1852. Quando Marina deixou o colégio de Cernusco para assumir o superiorato na nova fundação em Vimercate, Giuseppa a substituiu (1841 – 1854), e assim, depois, também em Vimercate, onde dirigirá o colégio até a morte, deixando profunda saudade e,

especialmente, grande fama de santidade, tal a ser lembrada pela exaltação do povo como ‘a santa de Vimercate’.

- 6 *Positio super virtutibus*, p. 471.
- 7 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 533 bis, a Luigi Biraghi, 20 de setembro de 1838.
- 8 É significativo o fato de Biraghi, a dois anos de distância da fundação, tenha definido afetuosamente a Videmari e a Rogorini “caríssimas filhas primogênicas” (Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 147, 7 de novembro de 1840). “filha primogênica” tinha sido definida a Videmari pela primeira vez alguns meses antes (ib., n. 139, 10 de julho de 1840).
- 9 Marina Videmari, *Alla prima fonte...*, p. 35.
- 10 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 614 a Luigi Biraghi, 6 de maio de 1852.
- 11 *Ibidem*.
- 12 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, n. 12, a Antonia Gerosa, 13 de outubro de 1880.
- 13 Ib., B3. 1, n. 162, a Emilia Marcionni, 17 de janeiro de 1891.
- 14 *Ibidem*.
- 15 *Ibidem*.
- 16 *Ibidem*.
- 17 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 614, a Luigi Biraghi, 6 de maio de 1852.
- 18 Marina Videmari, *Alla prima fonte...*, p. 70.

MARINA E MARIANNA

Ou seja “mas, sabe que você é uma grande Madre?”

Cara Marina,

O que dizer, pois, do relacionamento tão particular que se criou entre você e a suave Sala? A jovem Marianna, você a acolheu como interna, uma das primeiras no colégio de Vimercate. Como você, ela foi filha espiritual de padre Luigi; como você, ela foi Marcelina. Como você, havia acreditado na proposta de santidade apresentada pelo Biraghi; como você, pertenceu àquele primeiro grupo de 24 Irmãs que, em Vimercate, professaram publicamente os votos religiosos em 13 de setembro de 1852. Em seguida, você a quis a seu lado como preciosa colaboradora: Você a encontrava sempre pronta e disponível, obediente e serena. A seu lado, ela, tão doce, tão diferente de você, era uma presença silenciosa, mas diligente. Todos diziam que era uma santa... e logo você mesma o teria dito. Então, decidiu colocar à prova suas virtudes para fundamentar essa voz que começava circular com insistência. Voz comprovada: Marianna Sala seria elevada às honras dos altares em 26 de outubro de 1980.

Às vezes, você a tratava com gestos bruscos para medir sua paciência: ela, tão mansa, nunca reagia. Parecia que, para você, Marianna tivesse permanecido sempre uma aluna a ser orientada com firmeza e, logo, a ser repreendida, mas não era mesmo assim. “Os Santos, era necessário prová-los – dizia – e Irmã Sala é uma Santa”¹. A respeito dela você repetia convicta: “Irmã Sala é

mesmo uma santa: provei-a”. Na verdade, conforme a mentalidade corrente da época, você colocava à prova a humildade: correções frequentes e repreensões certamente não lhe faltavam. Da parte dela, ela os considerava necessários, e, na verdade, quando chegavam, bendizia-os: para ela você tinha sempre razão. Provavelmente Marianna tinha reconhecido em você – como dirá mais tarde a uma coirmã - aqueles “dotes que constituem um verdadeiro tesouro, desconhecido até então pelos outros, que dizem respeito somente a Marina Videmari como a encarnação do comando absoluto, dominadora segura do próprio ambiente, temida e respeitada por todos”².

Todavia, as coirmãs se perturbavam com essa sua áspera atitude em relação a ela; porém, você tinha consciência e dizia-lhes: “Não se escandalizem com meu procedimento... Irmã Sala é santa”. E mais: “Não me surpreenderia se de um momento para outro a víssemos fazendo milagres”. Este seu modo intransigente de se relacionar com ela criou no seu tempo entre as Irmãs, e cria ainda hoje, também no leitor moderno que chegue a seu conhecimento, uma certa perplexidade. Pode facilmente surgir um equívoco em quem, hoje, queira interpretar a cena: tratar mal continuamente uma santa... soa realmente mal! Deve haver, na certa, uma explicação precisa quanto a certas atitudes suas que se perpetuaram nos depoimentos das coirmãs no Processo³ que levou à beatificação oficial nossa Marianna⁴.

Não quero forçar suas intenções para sondar a todo custo seus objetivos: prefiro deixá-las onde estão, envolvidas no mistério. Prefiro confiar num canal de conhecimento posterior, logo, adiantar algumas observações emersas simultaneamente desses mesmos relatos processuais das coirmãs, como, por exemplo, a repetição afetuosa daquele adjetivo possessivo que ficou na lembrança das testemunhas quando você falava dela: a “sua Irmã Sala”, a “sua santa”. Sim, prefiro sinalizar ao leitor que, en-

quanto você escrevia a história da congregação, o primeiro nome ao qual você se referia no elenco do grupo de jovens que escolhem a vida Marcelina é mesmo o de “Sala Marianna”, como referência carismática a um modelo de vida.

Ela a considerava com extrema reverência: dirigia-se a você “como a uma Santa” e, ao mesmo tempo, com verdadeiro afeto filial, quando escrevia com frequência “minha muito amada e Reverenda Madre Superiora”⁶; frequentemente e de boa vontade intercalava seu proceder com um sincero “minha boa Madre”⁷. Ela a estimava como guia, mas tratava-a também com simplicidade, afeto e confiança. Totalmente dela é a expressão genuína, brotada do hábito e da espontaneidade do seu relacionamento, que deu o título a este meu falar de você: “Mas, sabe que você é uma grande Madre?”⁸.

Você era, então, para ela “uma grande Madre”, em primeiro lugar porque sabia prever as necessidades de suas filhas e providenciar com generosidade: “Recebi os dois vales postais de £.300 ao todo. E também nisso, novo motivo de gratidão, tanto mais que sua cortesia e bondade quer dar não o dobro, mas o triplo do quanto lhe pedíamos”⁹. Você tinha aprendido do padre Luigi estar sempre presente quando aparecia uma necessidade e nunca deixar as coisas pela metade se fosse necessário intervir com um ato concreto para resolver uma situação, tanto é verdade que uma vez você lhe havia escrito – parece-me mesmo reconhecer seu estilo – que “Ninguém no mundo, pelo que eu saiba, o iguala”¹⁰. Você era “uma grande Madre” para Marianna, também porque incarnava o ideal da mulher forte descrita na Sagrada Escritura, cujos dons ela os aconselhava às educandas¹¹, a primeira entre todas, “virtude sólida”¹², a mesma que padre Luigi havia ensinado às duas. Não por nada, a solidez é a primeira das onze virtudes que ele elenca meticulosamente como peculiares à Marcelina: “Sólida, grave, composta, alegre, benévola,

afetuosa, desconfiada de si, corajosa no Senhor, perseverante no trabalho, solícita para prover a tudo, primeira em todo bom exemplo”¹³. Por isso, você também queria que fossem verdadeiramente sólidas as Irmãs que desempenhavam o ofício de professoras nos colégios; você vivia proclamando: “Temos muita necessidade de professoras e Irmãs sólidas”¹⁴. Frase bastante profética que, no atual contexto histórico, se refere a um campo mais amplo: hoje as Irmãs são ajudadas por muitos colaboradores leigos que, no espírito do carisma Marcelino, exprimem seu ser “mestras” nas múltiplas funções de docentes, de educadores em todos os setores.

Considerando bem, existem nas cartas de Marianna outras expressões em consonância com as suas, como a repetição da virtude da solidez, que ocorrem de modo idêntico também na correspondência entre você e padre Luigi. Ambas, na verdade, falam de “bom coração”: para Marianna, sinônimo de gentileza, de nobreza no sentir, na educação das alunas¹⁵; para você, traço dominante das Marcelinas, segundo a Regra, e queria que as alunas também se tornassem perspicazes, reflexivas, de bom coração”¹⁶, e vocês, “simples [...], sinceras, bondosas”¹⁷. Sem dúvida, trata-se de termos que fazem eco a modelos linguísticos ligados à época, mas, talvez, a questão seja mais profunda. Parece-me entrever uma escolha da qual nasce, em certo sentido, uma linguagem de família, quase um linguajar comum ao grupo Marcelino de então, que o identifica verbalmente como tal; um código que determina uma mentalidade, uma sensibilidade, uma pertença.

Vamos dar um outro exemplo, pois essa conversa corre o risco de confundir-nos um pouco. Estávamos dizendo que você, Marina, como mulher forte, e ela, Marianna, como mulher santa, juntas davam corpo e alma ao carisma. Bem, você se lembra quando perguntava, no início de sua vida religiosa, se seria ca-

paz de corresponder à misericórdia de Deus?¹⁸. Eis que Irmã Marianna usa as mesmas palavras para dirigir-se a uma jovem que se orienta para a vida religiosa, repondo-lhe o mesmo modelo da mulher forte: “Adiante com coragem e sempre com grande humildade e gratidão para com Deus que se dignou chamá-la a seu serviço numa comunidade religiosa. Feliz de você se souber corresponder a tão grande graça”¹⁹. O corresponder à graça de Deus necessita, pois, de grande vigor interior, de sólidos princípios, de convicções claras. O desejo de conformar-se com Deus volta também nas palavras das coirmãs que virão depois de você e que lembrarão com veneração sua madre fundadora²⁰.

Finalmente, eis a última confirmação de quanto se vem dizendo até aqui, e é o que existe entre suas coirmãs – tendo como matriz seu fundador – um modo semelhante de exprimir conceitos análogos. Podemos colocar em confronto²¹ o que Irmã Marianna escreve à aspirante marcelina Luigia naquela carta, mencionada há pouco, de encorajamento para abraçar a vida religiosa, com o que o Biraghi havia precedentemente escrito a Marianna, no tempo de seu aspirantado.

Ambas as cartas têm os mesmos enfoques: O dom que Deus faz ao chamar a si através da vida religiosa; a solicitação de enfrentar as dificuldades que surgem do desapego da família; a certeza de ser recebida por uma comunidade harmônica e acolhedora; o ganho espiritual de se associar à obra.

O círculo se fecha. Você, a beata Marianna e o beato Biraghi hoje repousam na capela do primeiro colégio das Marcellinas, em Cernusco, onde a obra começou. Uma escultura²², colocada em frente à capela da casa generalícia, retrata os três juntos.

NOTAS

- 1 Essas expressões e as imediatamente sucessivas estão contidas no *Processo* instituído para a beatificação da Irmã Marianna Sala. O manuscrito é conservado no Arquivo Generalício das Irmãs Marcelinas (AGM-Quadronno). As citações do Processo são tiradas do livro de uma outra Marcelina, Irmã Mary Ferragatta, intitulado “*Visse per le anime*” pp. 222-226.
- 2 *Marina Videmari nelle prime lettere a Don Biraghi*, a cargo de Madre Antonietta Valentini, Milão, Cavicchioli e Veronesi, 23 de agosto de 1924, p. 01.
- 3 A respeito disso, Enrica Gussoni que, em 1995, se ocupou das *Lettere della Beata Maria Anna Sala Suora Marcellina* escreve: “Devem, portanto, ser relidas à luz de um sério aprofundamento psicológico as disposições processuais e extraprocessuais de alguns textos, segundo os quais o tratamento pessoal a Ir. Marianna por Marina Videmari lhe teria sido motivo de sofrimento” (p.7).
- 4 Marianna Sala consta entre os beatos desde 1980. Segundo o costume milanês, sua estátua se ergue entre as agulhas da catedral, no fundo, do lado esquerdo.
- 5 Marina Videmari, *Alla prima fonte...*, p. 49.
- 6 Enrica Gussoni, *Lettere della Beata Maria Anna Sala Suora Marcellina*, n. 4, 13 de julho de 1873.
- 7 *Ib.*, n. 3, 23 de junho de 1873.
- 8 *Ib.*, n. 11, 13 de outubro de 1873. A respeito do relacionamento entre as duas pessoas, como emerge da correspondência que permaneceu, quem cuidou do epistolário especifica que “Em todas essas cartas revela-se o sincero e vivo afeto para com a Madre, expresso por Ir. Sala com uma intimidade que, às vezes, não receia termos jocosos e alusões espirituosas. Não há motivo de se duvidar de que Madre Marina lhe retribuísse na mesma medida” (p. 7).

9 *Ibidem.*

- 10 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, a Luigi Biraghi. Não há na carta indicação do lugar e da data. Vem depois da carta n. 629, isto é, depois da última carta escrita pela Videmari ao Biraghi.
- 11 Cf. Enrica Gussoni, *Lettere della Beata Maria Anna Sala Suora Marcellina*, n.57, 9 de agosto de 1887.
- 12 *Ib.*, n.74, 8 de Janeiro de 1887.
- 13 Luigi Biraghi, *Lettere alle sua figlie spirituali*, n. 857, 10 de agosto de 1855. Nesta carta, Biraghi esboça o retrato ideal da Marcelina, quando escreve “às diletas Filhas em Jesus Cristo, Irmãs de Santa Marcelina de Cernusco, de Vimercate, de Milão” por ocasião da morte da primeira Irmã, Teresa Valentini.
- 14 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B4. 1, n. 21, a *Giuseppa Rogorini*, 15 de janeiro de 1879.
- 15 Cf. Enrica Gussoni, *Lettere della Beata Maria Anna Sala Suora Marcellina*, n.78, 28 de julho de 1889.
- 16 Luigi Biraghi, *Regola delle suore Orsoline de S. Marcellina*, p. 86.
- 17 *Ib.*, p. 37.
- 18 Cf. Arquivo Biraghi, *Epist. II*, n. 526, a Luigi Biraghi, 28 de setembro de 1837.
- 19 Enrica Gussoni, *Lettere delle Beata Maria Anna Sala suora Marcellina*, n. 33, 3 de abril de 1880.
- 20 A superiora geral Antonietta Valentini, enviando notícias da primeira fundação no Brasil às Irmãs da casa de Tommaseo, em Milão, emprega o mesmo termo “corresponder”, para indicar que também essa obra de Deus começou com um ‘sim’ em resposta à graça divina. Toda a carta, na realidade, é escandida sobre “incipit” do *Magnificat*: “*Magnificat anima mea Dominum*”. Eis as palavras, tiradas da carta autografada não

catalogada de 25 de abril de 1921, conservada no AGM-Quadronno: “A mim, pobre instrumento Seu no início desta obra, só resta inclinar a cabeça diante dEle, Autor de todo bem, luz e força de quem confia, combate e sofre, treme e espera, para corresponder às Suas divinas inspirações, para realizar os imprescritíveis desígnios da sabedoria de Sua Providência!”.

- 21 O texto integral das duas cartas permite ver claramente a correspondência da fala que Biraghi dirigiu à jovem Marianna e que ela, por sua vez, dirigiu a Luigia. Na carta à aspirante Marianna Sala, Biraghi escreve: “Resolveu, então, deixar pai, mãe, casa, irmãos para seguir Jesus Cristo no caminho da perfeição? Muito bem, Marianna: o Senhor Jesus a abençoe e Ele, que lhe inspirou o santo pensamento e já começou em você “a boa obra”, se digne cumpri-la e conduzi-la à perfeição. Grande dádiva lhe faz o Senhor: que não a concede a todos, a de tê-lo como Esposo e de morar nos átrios sagrados e celebrar cada dia seus louvores na santa companhia de suas servas e esposas em sua Igreja, e de viver na obediência religiosa, sem os incômodos deste mundo. Todas as oportunidades de salvar-se e de salvar as almas, você acaba de tê-las: o que significa viver para o Senhor. Seja, pois, agradecida por tão grande bem e, com grande humildade, receba esse favor dizendo: “Ele, o Senhor, suscitou da terra esta pobrezinha, e me tirou da lama do mundo, a mim, miserável, para fazer-me assentar entre os eleitos, entre os eleitos de seu povo”. Coragem, cara filha, você irá sentir o desapego, a revolta da carne e do sangue, e talvez lhe virão perturbações e ansiedade. Não tema: é este o grande sacrifício que faz a religiosa; é o momento do merecimento, é o martírio. Mas, depois, quantas alegrias! Deixe tudo e encontrará tudo, diz o Senhor, encontrará a paz do coração, a luz da inteligência, a suave infusão do Espírito Santo, a certeza do Paraíso. Em verdade, em verdade lhes digo, fala Jesus Cristo, que quem, por meu amor, tiver abandonado pai, mãe, irmãos, irmãs, pátria, comodidades, receberá cem por um neste mundo e a vida eterna no outro. Quanto a mim recebo-a desde já como minha caríssima filha, e se de hoje em diante precisar de alguma coisa, confie que de nossa parte não lhe faltará nada. A Regra, você já a conhece: e conhece também a união e a caridade que reina na congregação; conhece os deveres, os trabalhos e o bem que aqui se faz e que espero em Deus que se fará sempre no futuro. Felizes vocês que se associam a uma obra que oferece tantas vantagens. Quarta-feira estarei eu também em Vimercate, e nos veremos novamente. O Senhor esteja com você, e seu

bom Anjo a acompanhe. A você e a seus pais, cordiais saudações” (Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 668, 18 de fevereiro de 1848). Na carta à aspirante Luigia Carrera, Irmã Marianna Sala escreve: “Nossa boa e Revda. Madre Superiora gostou de sua carta e me encarregou de respondê-la. Antes de mais nada, lhe direi tudo o que mais pode consolá-la, que tivemos o Capítulo no qual a Madre Superiora perguntou às Irmãs a seu respeito e sua aceitação, e elas aderiram de boa vontade. Vê, cara Luigia, que grande graça lhe concede o Senhor, abrindo-lhe, assim, o caminho para servi-lo na casa religiosa? Alargue, pois, o coração e confie na bondade de Deus que a ajudará a realizar alegremente a obra que Ele mesmo, por sua pura vontade, deseja começar em você. Esse novo traço da divina predileção por você, ó minha Luigia, a anime a entregar-se ao Senhor com toda a generosidade possível; sentirá o desapego da família, sentirá a luta da natureza, mas, avante com coragem e sempre com grande humildade e gratidão para com Deus que se dignou chamá-la para seu serviço numa comunidade religiosa. Feliz de você, se souber corresponder a tão grande graça. Quanto aos poucos dias que passou conosco não lhe pedimos nenhuma contribuição, pois é costume que a primeira prova, ainda que durasse um mês, seja gratuita. Bem, você pode dar o quanto puder pela sua demissão da escola, ou melhor, pelo aviso de demitir-se; em seguida, a Madre lhe mandará a lista do enxoval necessário. Receba os cumprimentos da Reverenda Madre Superiora, os meus e os de Irmã Maria Teresa. Afetuosamente, Irmã Marianna Sala” (Enrica Gussoni, *Lettere della Beata Maria Anna Sala Suora Marcellina*, n.33, 3 de abril de 1880).

22 Trata-se de um alto-relevo em terracota (2009) de Mauro Baldessari.

NA ESCOLA DE BIRAGHI
Ou seja “Coragem, minha cara Marina!”

Cara Marina,

Quantas expressões – dizíamos há pouco – ocorrem em suas cartas a padre Luigi, que já li nas dele, dirigidas a você. Sua filha espiritual, você se deixa formar também na linguagem. Somente ao se tornar mulher madura, você utiliza sua maneira de falar vivaz e agradável, cunhada pela sua natureza exuberante e pelo seu olhar crítico sobre a vida.

Quanta “coragem”- só para salientar uma palavra que se repetia – nas cartas que lhe enviava seu diretor espiritual. Incontáveis as vezes: coragem como exclamação em si ou acompanhada de especificações. Coragem entendida especialmente como confiança em Deus, conjugada em todos os modos possíveis: coragem no Senhor, coragem para si mesma, coragem para infundi-la aos outros, coragem para encorajar-nos reciprocamente, coragem associada a muitas virtudes, coragem operosa, a exemplo dos santos e dos apóstolos, coragem para confessar os erros cometidos... e assim por diante.

Encontro ainda a palavra coragem numa declaração do padre Luigi, plenamente favorável a respeito de seu agir correto, dirigida a você, confirmação da qual você tinha tanta necessida-

de: “Depois de Deus, devo tudo a você, caríssima; sua coragem e suas boas maneiras ajudaram-me muito nessa obra do Senhor. Que Ele a abençoe. Siga adiante com coragem e me escreva também confiante. Estou muito contente com esta casa; e todos os bons estão muito satisfeitos.”¹.

Ele inseria a palavra coragem discretamente também ao intercalar uma frase – “Coragem, minha cara Marina -, ou como exortação paterna: “É necessário coragem”³. Você também infundiu muita coragem ao padre Luigi quando ele se encontrava em dificuldade: “Coragem, os problemas vão passar”⁴, você lhe escreveu concisamente. Coragem foi também a última palavra que você pronunciou antes de morrer, naquele 10 de abril de 1891.

Você aprendeu de suas próprias palavras a infundir-lhe “coragem no Senhor”⁵, e a exortá-lo a nunca abandonar a “Coragem e confiança em Deus”⁶, e a unir, como ele o fazia, a coragem às virtudes, à humildade não em último lugar; fazia apelo também à “corajosa firmeza”⁸, certa de que “O Senhor nos ajudará”⁹. Você sempre aprendeu dele a encorajar a quantos lhe eram próximos: “Adiante, pois, com coragem para fazer todo dia o melhor que podemos. O restante, Ele, o Senhor, o fará”¹⁰. Dessa contribuição divina você estava mesmo convencida, tanto que repetia com frequência às suas Irmãs até o fim dos seus dias: “O resto, o Senhor proverá”¹¹.

Quando ficou sozinha para dirigir a nave, “levar adiante o barco até o porto”¹² – para usar uma imagem tão cara a você e ao Biraghi -, a ele, já no céu, você logo se dirigiu, para reencontrar coragem: “Que a santa alma de nosso Fundador me obtenha força e coragem para continuar no difícil desempenho dos deveres que a direção de nossas casas me impõe”¹³. A confiança em Deus da qual obter coragem nunca falhou e sempre acompanhou

sua experiência de vida: pouco antes de morrer, você também não deixará de lembrar que “com a ajuda do Deus Misericordioso a nossa pobre nave sempre velejou bem”¹⁴

Estávamos dizendo que, na falta da presença paterna do Biraghi, você ficou sozinha para encorajar, por sua vez, as Irmãs e encontrar para você e para elas, uma vez mais, a coragem de fazer a nave velejar. O Senhor não lhe deixava faltar a confirmação: quando você teve que voltar ao Vaticano para pedir uma segunda vez – mudados e amadurecidos os tempos da história – a aprovação apostólica para o instituto, a resposta do papa foi “avante com coragem”¹⁵.

Como Superiora Geral, você teve que dar algumas lições, especialmente às Irmãs que tinham dificuldade de reencontrar a coragem e que, por isso, se lamentavam. Você se dirigia a elas com firmeza e ao mesmo tempo com doçura, desdramatizando as situações: “Cruzes, tribulações, todas as temos, minhas caras, mas, quando trabalhamos para Deus, adquire-se tanto vigor e coragem que os mais duros sacrifícios e as maiores cruzes parecem pequenas palhas”¹⁶. “Coragem, minhas queridas, ocupar-se gratuitamente e em favor do próximo é semente lançada, tenho firme confiança em Deus”¹⁷, logo, rezemos, vamos em frente com prudência e grande humildade dia após dia; em seguida, Deus sugerirá o que fazer”¹⁸.

“Coragem” não foi a única palavra que permaneceu, no caminho de padre Luigi, para ser repetida e traduzida nos diversos modos de agir. Da mesma forma, outras palavras e outras ações se seguirão a exemplo do fundador. Como superiora geral que você era, por exemplo, como ele, você se preocupava pela saúde das Irmãs confiadas a você: saúde da alma e também do corpo. Certamente você deve se lembrar de todas as vezes em que Biraghi se preocupou com você e lhe recomendou que co-

messe e poupasse suas forças: “recomendo-lhe sua saúde. Repouse um pouco, alimente-se bem. E veja que lhe falo sempre para seu bem, mesmo quando a admoesto”¹⁹. Essa é uma preocupação que ele sempre teve com você. Disso encontro contínuas confirmações na correspondência da primeira hora, quando você se preparava para os exames para obter o diploma de professora e poder, assim, dirigir a casa de educação planejada: “Não gostaria que você cansasse muito a mente com o estudo e que estragasse sua saúde. [...] Tanto na leitura quanto no estudo, cuide da saúde: não force nunca a mente e a vista”²⁰. Repetia alguns meses mais tarde: “Como já lhe disse, cuide de sua saúde.”²¹.

A preocupação era recíproca, especialmente quando você começou a perceber os primeiros sinais daquele esgotamento que o teria atingido pouco tempo depois; ele não queria que você se preocupasse com isso: “Caríssima em Jesus Cristo, viva tranquila e não se perturbe pela minha saúde, que já se restabeleceu plenamente como antes”²².

Dele você aprendeu também a cuidar da saúde de suas Irmãs: com frequência você usava suas mesmas expressões, empregava suas mesmas palavras em idênticas circunstâncias. Assim, você se dirige à Irmã que está à frente de uma comunidade: “Cuide-se e veja que as Irmãs comam a sopa e o pão, alimento do homem; dê-lhes um pouco do bom vinho, pois, com este calor terrível, é necessário poupá-las, pois temos que resistir”²³. Como ele, você recorreu aos alimentos e ao vinho²⁴ não só para sustentar as Irmãs, mas para gerar alegria, como se faz em família. Do mesmo modo, você se preocupa com as coirmãs, como ele fez tantas vezes com você, enviando-lhe provisões de toda sorte para que você pudesse se alegrar: “Em troca, receba uma caixinha de doces para que façam festa entre vocês amanhã”²⁵.

O doce salientava a festa, e a festa consistia em saboreá-los juntas: às vezes, reparti-los com as alunas²⁶.

Como ele, você se preocupava em manter as Irmãs “um pouco alegres”²⁷, e, para agradá-las, você não se servia só de iguarias, mas também de música²⁸. “Você não acha – perguntava à Rogorini – que se deve pensar em tudo o que possa atender suas necessidades e recreá-las? Alegrem-se, portanto, e sejam todas empenhadas em fazer tudo no e pelo Senhor”²⁹.

Na escola de Biraghi, há ainda outras coisas a aprender. Como ele, você recorre aos santos para fazer suas comparações, mas, especialmente, a Jesus Cristo e este, crucificado, que é o primeiro a ser imitado na prática das virtudes que redimiram o mundo, e para ajudar o próximo. Assim ele lhe indicava “que os sinais do amor a Deus não são as lágrimas e as ternuras do coração, mas sofrer de boa vontade, negar a própria vontade, humilhar-se aos pés de todos, não levar em conta os bens do mundo, viver crucificados em Jesus Cristo. Portanto, animemo-nos a sofrer, a carregar a cruz, a levar uma vida de abnegação e de obras em favor do próximo, outro grande sinal do amor de Deus”³⁰.

Eis porque à superiora Rogorini, que se sentia atingida, escreveu a seu modo: “Resigne-se você também e, em boa paz, como Superiora de um Colégio, será sempre invejada”- e acrescentava, não lhe poupando nada, na verdade, - “molestada e apontada por todos os imbecis, ociosos e à toa. E assim acontecerá também a mim e assim sucedeu a muitos Santos, muito queridos por Deus. Portanto, vamos para frente com coragem para fazer o melhor possível e viver em santa humildade, apoiadas com toda alma à Cruz de nosso Salvador Jesus Cristo; assim suportaremos e até conseguiremos amar os imbecis, os ociosos, os à toa que, afinal, são instrumentos que cooperam para nossa santificação”³¹.

É significativo, além disso, o uso, como fazia Biraghi, de imagens tiradas do campo, mediadas pelos escritos paulinos³², para indicar o terreno da alma humana sobre o qual poder agir: “Tenha ânimo – você desejava à superiora Rogorini no dia de seu onomástico, com tanta evidência – e continue a trabalhar este pequeno campo, atenta a tudo, usando de doçura para com todos”³³. Talvez lhe tenha vindo à mente aquela metáfora de padre Luigi, nas entrelinhas de uma carta que havia escrito tantos anos antes para as alunas do colégio de Cernusco, na qual as comparava às flores do “jardim do Senhor”³⁴, cultivadas com destreza pela mão experiente do jardineiro. E acrescentava com frequência que “As flores não resultam bonitas se a mão do jardineiro não as cultiva com diligência”.

Tantas outras imagens, palavras e expressões poderia extrair de suas cartas, mas o livro inteiro não me seria suficiente para anotá-las todas.

NOTAS

1 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 87, 25 de janeiro de 1840’

2 Ib., n. 55, 10 de maio de 1839.

3 Ib., n.49, 26 de março de 1839.

4 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n.545, a Luigi Biraghi, 5 de março de 1840.

5 Ib, n. 555, a Luigi Biraghi, 22 de novembro de 1842. Cf. também a carta n. 590, 23 de agosto de 1850

- 6 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 595, a *Luigi Biraghi*, 20 de dezembro de 1850.
- 7 Cf. ib., n. 618, a *Luigi Biraghi*, 23 de outubro de 1852.
- 8 Ib., n. 598, a *Luigi Biraghi*, 20 de dezembro de 1850.
- 9 Ib., n. 614, a *Luigi Biraghi*, 6 de maio de 1852.
- 10 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B4. 1, n. 10, a *Giuseppa Rogorini*, 21 de agosto de 1861
- 11 Ib., B5. 1, n. 9, *alle Suore*, 14 de dezembro de 1890.
- 12 Ib., B4. 1, n. 10 a *Giuseppa Rogorini*, 21 de agosto de 1861.
- 13 *Positio super virtutibus*, pp. 1123ss. Trata-se de uma carta circular enviada pela *Videmari a preladados amigos de Biraghi em 21 de agosto de 1879, poucos dias após sua morte*.
- 14 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B5. 1, n.9, às *Suore*, 14 de dezembro de 1890.
- 15 Ib., B5. 1. n. 3, a *Uma Suora*, 20 de janeiro de 1883. A propósito do destinatário, há uma anotação a lápis: ou Rogorini, ou Capelli, ou Marcionni, ou Sala.
- 16 Ib., B5, 1. n. 5, às *Suore della liturgia*, 15 de dezembro de 1883
- 17 Ib., B5. 1, n. 9, às *Suore*, 14 de dezembro de 1880
- 18 Ib., B4. 1, n. 132, a *Giuseppa Rogorini*, 13 de outubro de 1880
- 19 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 214, 4 de maio de 1841.
- 20 Ib., n. 2, 17 de novembro de 1837.
- 21 Ib., n. 10, 14 de março de 1838.
- 22 Ib., n. 70, 17 de agosto de 1839.

- 23 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B4. 1, n. 9, a *Giuseppa Rogorini*, 17 de agosto de 1861.
- 24 Encontra-se um exemplo nesta carta que Biraghi enviou à Rogorini: “Mando-lhe um conforto também para vocês, algumas garrafas de vinho tirolês, que, conforme os estômagos, deverá ser mais ou menos misturado com água, por ser muito forte e conter álcool. Continuem com coragem e confiança em Deus e com santa alegria”(Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 861, 18 de agosto de 1855)
- 25 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B4, 1, n. 10, a *Giuseppa Rogorini*, 21 de agosto de 1861.
- 26 Por ocasião de uma cerimônia, Biraghi se dirige assim à Videmari: “depois do almoço cantarão as Vésperas, e depois tomaremos todas (inclusive as jovens) o sorvete” (Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 229, 4 de junho de 1841)
- 27 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, n. 11, a *Giuseppa Rogorini*, 24 de agosto de 1861.
- 28 Cf. *Ib.*, B4. 1, 12, a *Giuseppa Rogorini*, 6 de janeiro de 1869. Conforme o que Biraghi escreveu à Videmari, refeição e música vão juntos nos momentos solenes. Por ocasião da visita do arcebispo ao colégio de Gênova, para dar a santíssima bênção com o Sacramento em nossa Capela” (Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 903, 19 de novembro de 1872), “Comemos com apetite, em santa alegria [...]. Depois do jantar, houve um entretenimento musical, com o címbalo, oferecido por várias alunas [...]” (*Ib.*, n. 904, 22 de novembro de 1872).
- 29 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B4. 1, n. 12, a *Giuseppa Rogorini*, 6 de janeiro de 1869.
- 30 Luigi Biraghi *Lettere alle suas figlie spirituali*, n. 139, 10 de julho de 1840
- 31 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I* B4. 1, n. 11 a *Giuseppa Rogorini*, 24 de agosto de 1861
- 32 *I Cor* 3,9: “[...] e vocês são o campo de Deus”.

- 33 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I* B4. 1, n. 13, a *Giuseppa Rogorini*, 17 de março de 1869
- 34 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 38, 13 de janeiro de 1839.

COFUNDADORA NAS PEGADAS DO FUNDADOR

Ou seja “a filha espiritual primogênita de tão grande Pai”

Cara Marina,

O Instituto nasceu da inspiração de padre Luigi: ele foi o fundador. Você estava também na direção da nave; acordava toda manhã na casa da instituição, era consultada sobre toda necessidade imediata. Claro, a seu lado estava sempre ele, pronto para intervir, fiel em sustentar a obra fundada: no início, paterno e depois, com o passar dos anos, quando a distância de idade tendia naturalmente a nivelar os papéis e a mudá-los, então, docemente fraterno. O vínculo se fazia sempre mais forte, a colaboração mais madura e frutuosa. Nos vários momentos da vida, vocês sempre cuidaram um do outro.

Você teve, aos poucos, que assumir papéis diferentes: no início, simplesmente sua filha espiritual; depois, a jovem diretora dos colégios e, ao mesmo tempo, a superiora geral da instituição¹ e a cofundadora; finalmente, a madre amada e venerada, muito mais depois do falecimento do fundador.

Em todos esses momentos, o Instituto andou sempre a plenas velas desde o início. Retrocedamos um passo, à antevéspera do Natal de 1840: passaram-se pouco mais de dois anos da tarde daquele 22 de setembro, quando padre Luigi a acompanhou a Cernusco, na casa Vittadini, que a hospedou enquanto

esperava a construção do primeiro colégio. Ele está contente com suas jovens marcelinas: “Caríssimas filhas em Jesus Cristo [...] Tenho sempre em mente sua boa conduta, sua obediência, sua harmonia, sua paciência e caridade; e a respeito de vocês consolo-me com o Senhor, congratulo-me com as pessoas que me falam de vocês. E o que mais me consola é o feliz futuro, esperando de vocês todo bem, exemplos de santidade sempre crescente, educação de filhas que irão reformar as famílias e outras casas para fundar. Coragem, caríssimas: e a coragem esteja toda em Deus”².

Nestas linhas endereçadas a vocês pelo fundador, “À Diretora e às Coirmãs na casa de educação – Cernusco”, revejo o retrato da Irmã marcelina em todo seu fervor como a concebeu o fundador; em outra ocasião, não deixa de especificar com detalhes: “Verdadeiras religiosas que, unindo à vida devota segundo a regra, a atividade de seu ofício, ganharam crédito e confiança para a congregação. São as boas superiores que sabem deixar Deus por Deus e gostos espirituais para a caridade do próximo; são as hábeis mestras que fazem dois esforços ao mesmo tempo, aprender por si e ensinar aos alunos; são as boas cozinheiras, ecônomas, ativas, atentas; são todas as outras fiéis aos próprios deveres, que, fazendo-os, têm o mérito da obediência e não a satisfação do amor-próprio, faz-se a vontade de Deus e não a própria”³.

Desde os primeiros anos, transparece claramente na correspondência a identidade do Biraghi como pai-fundador: para com as coirmãs, as “Caríssimas filhas em Jesus Cristo”⁴; para com você, “filha primogênita”⁵, primogênita em Jesus Cristo”⁶. Você mesma gostaria de retomar esta bela expressão que a caracteriza, definindo-se “a filha espiritual primogênita de tão grande Pai”⁷, na mesma carta na qual você anuncia aos conhecidos o falecimento do fundador.

Se para ele era óbvio colocar-se, desde o início, como pai nos seus relacionamentos e chamá-las logo de filhas, você, ao contrário, deverá conquistar sua identidade de madre-fundadora. Só com o tempo, também para você as coirmãs, de companheiras e amigas, tornaram-se filhas, a tal ponto de mal suportar, a não ser na vontade de Deus, “o sobreviver às amadas filhas”⁸. Por isso, na verdade, você se sentia acabrunhada.

Sem dúvida, antes das Irmãs, era-lhe espontâneo considerar as alunas como filhas⁹; depois, com o passar do tempo, com a soma dos anos e da experiência, com o distanciar-se cada vez mais da idade, também o olhar sobre as coirmãs tinha mudado. Tornaram-se afetuosamente as “Boas Irmãs [...] Minhas boas filhas”¹⁰ de uma madre que já há muito tempo tinha um olhar providente sobre elas.

Esta sua maternidade, você teve que construí-la pouco a pouco, na mudança contínua de papel, na medida em que os dias passavam. Amadureceu gradualmente no decurso da vida. Antes, você teve que passar por pequenas, fraternas atitudes compreensivas em relação às coetâneas com as quais você dividia de igual para igual a experiência do primeiro momento; depois, sobrevivendo as responsabilidades, você teve que assumir a condição de superiora da comunidade; finalmente, falecido o Biraghi, ficou sozinha em sua função de direção, de madre geral. Já avançada em idade, em seus relacionamentos com as Irmãs, você se definia como “sua velha madre”¹¹ e, ao mesmo tempo, chamava-as “minhas diletíssimas filhas”¹², suas filhas, e “filhas da Congregação das Marcelinas”¹³.

Esta maternidade amadureceu plenamente quando você não teve mais a seu lado a presença do Biraghi, o pai, que, lentamente, envelhecia a seu lado e depois consumia seus últimos

dias entre os carinhosos cuidados de suas muito amadas filhas marcelinas. Então, você se sentiu “uma desolada filha e mãe da numerosa família religiosa que perdeu na terra o venerado Pai Fundador”¹⁴. Agora, ninguém mais a chamaria filha.

Como filha que você era para ele, você perdeu o pai e, como fundadora, o fundador: nascia em você a mãe, a mãe da congregação, que fora gerada pelo seu sim e que, pela sua perseverança, pôde crescer e difundir-se nesta nossa Itália que, a partir da metade do século XIX, surgiu como nação, tornada esta também mãe de filhos, de nós, italianos.

NOTAS

- 1 Em Vimercate, o arcebispo Romilli erigia cononicamente o instituto das Marcelinas, então chamadas *Suore Orsoline di S. Marcellina*, e recebia a profissão religiosa das primeiras vinte e quatro Irmãs. A Videmari foi nomeada superiora geral: era dia 13 de setembro de 1852.
- 2 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 162, 23 de dezembro de 1840.
- 3 *Ib.*, n. 398, 9 de novembro de 1843.
- 4 *Ib.*, n. 162, 23 de dezembro de 1840.
- 5 *Ib.*, n. 139, 10 de julho de 1840.
- 6 *Ib.*, n. 162, 23 de dezembro de 1840.
- 7 *Positio super virtutibus*, pp. 1123ss. Trata-se de uma carta circular enviada pela Videmari a prelados amigos do Biraghi em 21 de agosto de 1879, poucos dias após sua morte.
- 8 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B3. 1, a *Emilia Marcionni*, 22 de novembro de 1880.

- 9 Cf. Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 535, a *Luigi Biraghi*, 27 de novembro de 1838
- 10 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I* B5. 1. 9, às *Suore*, 14 de dezembro de 1890.
- 11 *Ib.*, B5. 1, n. 5, às *Suore della Liguria*, 15 de dezembro de 1883.
- 12 *Ib.*, B5. 1, n. 7, às *Suore di Cernusco*, 23 de novembro de 1888.
- 13 *Ib.*, B5. 1, n. 9, às *Suore*, 14 de dezembro de 1890.
- 14 *Positio super virtutibus*, pp. 1123ss. Trata-se de uma carta enviada pela Videmari a prelados amigos do Biraghi em 21 de agosto de 1879, poucos dias após sua morte.

A PRIVACIDADE DE SUAS CARTAS

Ou seja, aquelas cartas que fazem bem “à minha pobre alma”

Cara Marina,

Repenso com frequência por quantos episódios passaram estas suas cartas, que tenho à minha frente, antes de chegarem ao arquivo. Ao abordar os conteúdos, às vezes experimento um certo mal-estar ao lê-las em profundidade e, sobretudo, em divulgá-las, revelando a intimidade de seus pequenos segredos. O objetivo é honesto: é o de torná-la profundamente conhecida por suas coirmãs de hoje e por quantos o queiram, através de suas próprias palavras. É o de interpretar seu pensamento e de deixar transparecer seus sentimentos, de aproximar-se de suas emoções para entender quem é você, Marina: colher sua fibra de mulher, sua densidade de religiosa.

Quantas dificuldades – dizia eu alguns capítulos atrás – sofreu sua correspondência com padre Luigi, começando pela censura que seu tempo histórico, submetido aos rigores do Império Austríaco, lhe impôs ao exprimir seu pensamento. Das cartas de 1848, impregnado do sangue da insurreição popular em Milão, não nos chegou nenhuma; poucas do ano seguinte.

A escassez de escritos daquele período é certamente atribuída à prudência, que lhe sugeriu fossem destruídos, queimando-os, talvez aconselhada pelo fundador. Ele, na verdade, ficou contrariado por aquela carta que se perdeu, que caiu quem sabe

em que mãos: “pois, a carta foi extraviada. Lamento muito, muito, pois quem sabe em que mãos terá caído: e havia mais coisas escritas que lamentaria muito fossem lidas por pessoas imprudentes. Por sorte não a tinha assinado”².

O arquivo de sua congregação guarda, junto à correspondência, uma história na história: à das cartas que chegaram abertas, cartas que nunca chegaram a seu destino pelas quais não nos resta senão lamentar “muito, muito”, cartas queimadas ou anunciadas e, depois, talvez, nem escritas por cautela. E ainda o mistério de algumas cartas escritas com grafia diferente da sua, talvez copiadas por alguém e depois conservadas. Onde terá acabado o original? E quem seria esse copista misterioso? São perguntas até agora não resolvidas, destinadas, talvez, a permanecerem.

Certamente outras causas mais terão contribuído para tornar incompleta a documentação que chegou até nós neste século XXI. Muitas outras cartas dessa atribulada correspondência, algumas com teor moral e espiritual, foram destruídas, desde o início, por diferentes razões. Você mesma o relatou ao Biraghi com amargura, confessando reservadamente conservar sob chave essa cara correspondência capaz de dar respiro a seu espírito: “Por que me escreveu para queimar logo a carta? Teme que eu a possa mostrar a alguém? Não, e, para assegurá-lo, uno aqui a primeira e a penúltima, já que a última a queimei e as outras, conservo-as todas numa gaveta com chave, como algo que me é mais caro e de perene memória, daquele que tanto bem fez à minha pobre alma”³. Como é doce, como é feminina – se assim se pode dizer – esta gaveta totalmente pessoal, no mínimo tão preciosa quanto o arquivo no qual você conservava os documentos relativos ao colégio e à instituição⁴.

Como seria bonito tê-las, essas cartas “todas, todinhas” bem conservadas embaixo de chave! Digo isso porque as lacunas do '48 não são um caso esporádico: há anos inteiros nos quais foi interrompida a continuidade epistolar com o Biraghi, deixando espaço para amplos períodos de sombra. Desde o '54 ao '64 nenhuma carta sua endereçada ao Biraghi chegou até nós: dez anos de silêncio epistolar, interrompido unicamente pelas cartas recebidas dele, que você conservava na amada gaveta. Depois, finalmente, uma última carta sua, quatro anos mais tarde. De 19 de julho de 1868 em diante, não resta senão procurar junto a outros destinatários suas cartas, para melhor entender quem você se tornou e quem se tornaria durante a longa curva do tempo que lhe faltava viver. Sim, porque sua vida seria ainda longa e fluiria laboriosa até 1891. Seria necessário um cuidadoso exame de suas cartas endereçadas a outras coirmãs, como, por exemplo, às enviadas à Irmã Giuseppa Rogorini, Marcelina da primeira hora como você, que se tornaria, com o passar do tempo, seu braço direito. Há ainda muito material para examinar que permanece inédito, até agora quase ignorado. Mas, como foram preciosas essas cartas que encontramos, conservamos e analisamos, ricas de vida cotidiana, de tramas tecidas dia após dia, confiadas ao papel que você dobrava depois de tê-las escrito e dobrava novamente para enviá-las. Você as confiava aos funcionários do colégio para que fossem entregues no dia, ou então, aos parentes das Irmãs em visita. Talvez você nunca teria pensado que alguém um dia as teria reunido, arquivado e depois aberto, lido e relido, examinado a fundo, a fim de poder dizer alguma coisa de autêntico a seu respeito.

E o que dizer hoje dessas cartas, de seu estado de catalogação e conservação? A pergunta interessa muito a quantos quiserem ocupar-se verdadeiramente de você. Agora jazem no arquivo oficial da congregação, em fase de reorganização. Importa também dizer, por fidelidade de crônica, que, no decurso dos

anos, a algumas delas foram acrescentados sinais a lápis, talvez por alguma coirmã que se ocupava de seus autógrafos; outras foram transcritas com caligrafia diferente; outras ainda danificadas pelo lacre que foi arrancado, ou coladas a outra página por meio de selos que não informam seu valor numérico; outras até cheias de buracos no papel que tornam algumas letras ilegíveis. Trata-se, pois, de folhas caras, às vezes marcadas pelo tempo, que conservam, de qualquer modo, nos rabiscos da tinta, a sua intimidade.

Algumas dessas anunciam um colóquio confidencial do qual, obviamente, não devem existir sinais: “Me faça um favor – escrevia ao Biraghi – amanhã, quinta-feira, irei a Cernusco e de lá lhe mandarei a carruagem com essas duas linhas; venha a Cernusco pelo menos por uma hora, assim poderei dizer-lhe tudo o que vai em meu coração [...]”⁵. A carruagem teria chegado como combinado e, finalmente, seu coração teria ficado “tranquilo”⁶ pelo menos por um pouco de tempo. Você ainda não sabia que o coche, com o qual você contava, em breve sairia de cena como meio de transporte: Deveria já aparecer um veículo moderno que substituiria, depois de algum decênio, também o de Cernusco. Feliz por esse progresso tecnológico, você terá escrito à Rogorini: “aquele caro bonde é uma grande comodidade!”⁷.

Deve-se ainda levar em consideração – aliás, não existem mesmo – as cartas esperadas e nunca chegadas, simplesmente porque nunca foram escritas: refiro-me, você bem o sabe, a quando você ansiava por receber a resposta de suas cartas enviadas ao fundador. Quantas vezes você lhe pediu para escrever-lhe uma palavra por caridade! Sua inquietação não suportava o silêncio e mal tolerava o tempo de espera entre uma carta e outra. Não sempre o correio chegava com a correspondência desejada: “Eis que Mênico volta, mas sem uma linha”⁸; e depois

acrescentava suspirando “Paciência”. Ironia da sorte: aconteceu também de você esperar em vão a resposta de uma carta que nunca teria chegado ao destino porque você se equivocou ao colocar o endereço⁹! Mas quanta alegria você manifestava quando as cartas chegavam realmente: “Obrigada pela linda carta que me escreveu”¹⁰.

As cartas eram sempre esperadas por você com apreensão: deixam-nos entender o quanto o relacionamento com o padre Luigi era fundamental. Era também confidencial, aberto e sereno: “Eis, meu bom pai, que lhe digo todas as minhas coisas, angustiantes ou consoladoras, pelas quais imploremos, juntos, paciência ou rendamos graças a Deus”¹¹.

NOTAS

1 A referência é ao capítulo 09.

2 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 678, 7 de janeiro de 1849.

3 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 545, a Luigi Biraghi, 5 de março de 1840.

4 Cf. *Ib.*, n. 574, a Luigi Biraghi 22 de abril de 1840.

5 *Ib.*, n. 594, a Luigi Biraghi, 11 de dezembro de 1850.

6 *Ib.*, n. 595, a Luigi Biraghi, 13 de dezembro de 1850.

7 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, n. 42, a Giuseppina Rogorini, 7 de abril de 1879.

- 8 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 623, a *Luigi Biraghi*, 17 de novembro de 1864.
- 9 Cf. *Ib.*, n. 627, a *Luigi Biraghi*, 17 de novembro de 1864.
- 10 Não há na carta nenhuma indicação, inclusive cronológica.
- 11 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 571, a *Luigi Biraghi*, 11 de janeiro de 1850.

AS PEQUENAS MAZELAS DIÁRIAS

Ou seja “Eis como anda o mundo”

Cara Marina,

Importa dizer que você levava as coisas muito a sério, especialmente as que mais lhe pesavam no coração. “Eis como anda o mundo”¹ é uma exclamação sua pouco adequada para digerir o desaponto causado precisamente por aqueles que você ajudou e que depois não lhe foram de modo algum agradecidos, antes, retribuíram-lhe muito mal. A esse propósito, não seria nem mesmo para nomear – muito menos por escrito – aquele tal sacerdote, crescido no seminário de padre Luigi como um filho, senão como você o faz, com a inicial de seu sobrenome, um C maiúsculo², ou com a variante de um sempre irônico A maiúsculo, o que quer dizer o “Amigo”. De que amigo estamos falando será logo dito.

O relato nos chegou através de uma carta sua. Revela, antes de mais nada, uma sua reação psicológica, os sentimentos, as emoções que esse caso havia suscitado em você. Quantos mexericos saíram então no vilarejo de Vimercate: alguns diziam ao pobrezinho que lhe haviam tirado a casa e que as Marcelinas tinham ficado insensíveis. De seu lado, você se indignou com toda a vila, ou pelo menos com boa parte dessa: sem dúvida, com o numeroso grupo de pessoas que falavam e murmuravam, embora ignorando os fatos. Era “a massa dos ignorantes”³, pre-

cisamente os que deram ouvido às fofocas e se deixaram enganar pelas aparências: essa sacrossanta verdade viria à tona, cedo ou tarde”⁴. Você tinha certeza. Todavia, não houve jeito de fazê-lo entender. Então, você passou ao contra-ataque e colocou em ato um engenhoso projeto: para evitar o escândalo no lugar, você colocou à disposição do amigo uma casa ainda melhor, com um jardim anexo, em lugar daquela outra que, ao invés, servia o colégio e que “aquele cabecinha”⁵ havia ocupado durante anos sem nenhum direito. Para fazer cessar toda polêmica, “para acabar com todo esse sussurro,”⁶, para fazer parar toda maledicência, você chegou a tomar essa decisão, precisamente quando o A, isto é, sempre ele, o amigo, “citava seu mestre [Biraghi] em juízo”⁷. No final, tudo foi concluído do melhor modo: as coisas acalmaram-se, e a denúncia foi retirada pelo sacerdote. Talvez se tenha lembrado daquela pequena frase tão rica de sabedoria, tão carregada de espiritualidade que Biraghi lhe havia escrito, mas que, sem dúvida, terá repetido, quem sabe quantas vezes, também a seus seminaristas e, logo, também a ele: “não nos apeguemos a nada daqui de baixo: aqui estamos por pouco tempo”⁸.

A questão encontrou um amplo espaço na troca epistolar entre você e padre Luigi. Você redigiu com tanta inquietação esse conjunto de cartas inerentes à disputa de dar compaixão ao destinatário por ter escrito com mão descontrolada”⁹. Além de algum pequeno erro na composição da palavra, algum acento omitido, algum descuido lexical, em conclusão, estava perdida por dentro e, talvez, você tivesse consciência porque sabia que a pressa e a emoção pregam sempre alguma peça também com a gramática¹⁰. Não foi essa a primeria vez e não seria a última. Você era assim.

História das pequenas mazelas da vida: história comum que contribui para as mais graves desgraças e que, depois, se

redimensiona no confronto; história da qual você extraía perenes lições espirituais que nos remetem à sabedoria do Biraghi e que você seguia de boa vontade: “Miserável vida humana de quantos males está repleta! Mas tudo serve para nos desapegamos daqui embaixo e fazer-nos aspirar sempre mais o paraíso”¹¹. Biraghi repetia com frequência que “A vida é breve, mas o paraíso, nós o gozaremos por toda a eternidade”¹² e que “Por tão pouca labuta o Senhor nos prepara um tão grande prêmio”¹³: deve-se conduzir a obra “sem esperar outra recompensa senão a graça de Deus aqui e sua glória no paraíso”¹⁴. A fórmula por si era muito simples: “Uma olhada frequente ao paraíso nos parecerá um verdadeiro nada tudo o que é desta terra”¹⁵. Tentemos lembrarnos um pouco, também nós, com frequência e, talvez, vivamos melhor nossa confusa existência de homens do terceiro milênio.

Esse não foi, certamente, o único episódio do gênero. Afinal, todos sabem que nunca faltam as “cabeças falsas” a complicar nossa vida: “Rezemos por todos, especialmente por quem nos inquieta”¹⁷, lhe recomendava Biraghi nessas ocasiões, precisamente quando você estava completamente perturbada pelos dissabores por causa do colégio, entre ele e o tal padre Pancrácio¹⁸, coadjutor em Cernusco, lugar tão amado e primeiro ninho da congregação.

Cara Marina, sua natureza ansiosa e apreensiva não lhe era favorável em nada nessas circunstâncias. Você se perturbou também, e não pouco, porque, num certo ponto dos acontecimentos, a intenção do fundador era o de transferir o instituto para outro lugar, naquele de Monza. Por ele, que não era o tipo afeito a fáceis litígios, teria colocado “tudo sob uma pedra, como se costuma dizer”¹⁹. Pelo contrário, a situação avançou e, finalmente, só depois de muito sofrer, o perigo da temida transferência foi evitado por você. O pensamento forte do padre

Luigi a sustentou nessa situação: “Não tenhamos receio dos homens, somente de nós mesmos e de nossas inconstâncias”²⁰.

Você, então, jovem Marina, assim guiada pelos seus contínuos ensinamentos e exemplos, se preparava a encarar as situações da vida que você deveria depois administrar você própria, amadurecendo seu temperamento, definindo seu estilo. Dessas sementes, sabiamente lançadas em terra, nasceria a mulher, a religiosa, a Irmã marcelina, que ora estamos conhecendo página por página.

NOTAS

1 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 587, a *Luigi Biraghi*, 6 de julho de 1850.

2 O sacerdote aqui referenciado é padre Luigi Cantù, e o contexto é a desavença surgida entre ele e o Biraghi a propósito do aluguel que ele se recusava a pagar, embora alojando-se na casa de propriedade do colégio de Vimercate.

3 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 586, a *Luigi Biraghi*, 4 de julho de 1850.

4 *Ib.*, n. 588, a *Luigi Biraghi*, 30 de julho de 1850.

5 *Ib.*, n. 586, a *Luigi Biraghi*, 4 de julho de 1850. A expressão quer designar uma pessoa teimosa.

6 *Ibidem*.

7 *Ibidem*.

8 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 713, 8 de maio de 1850.

- 9 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II* n. 586, a Luigi Biraghi, 4 de julho de 1850.
- 10 Seria complicado indicar com precisão, para cada caso, o limite que fixa a correção gramatical da língua italiana no século XVIII em confronto à de nosso século. A esse propósito, vale dizer que até o final do século XX certas oscilações ortográficas eram geralmente difusas: usava-se com frequência letras maiúsculas e as palavras podiam ser indiferentemente escritas com ou sem as letras duplas. Além do mais, não havia clareza quanto ao uso do acento e à distinção entre acento grave e agudo. Eis porque, via de regra, no relacionar as palavras escritas pela Videmari, preferiu-se padronizar os acentos à ortografia de nosso tempo, tal a não dificultar muito a leitura do texto. Todavia, por fidelidade à correspondência de Marina, escrita “às pressas” como ela mesma declara, conservaram-se alguns exemplos de diversidade nos sinais gráficos e nos termos recorrentes, sinalizando-os em nota.
- 11 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 598, a Luigi Biraghi, 20 de dezembro de 1850.
- 12 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 457, 25 de maio de 1844.
- 13 *Ib.*, n. 223, 19 de maio de 1841
- 14 *Ib.*, n. 944, 17 de novembro de 1877.
- 15 *Ib.*, n. 713, 8 de maio de 1850.
- 16 *Ib.*, n. 101, 14 de março de 1840.
- 17 *Ib.*, n. 98, 6 de março de 1840.
- 18 Padre Pancrácio Pozzi foi coadjutor do tio Anastasio em Cernusco, após sua morte obteve o título de vigário até a nomeação do novo pároco. Teve relações conflitantes com as Marcelinas por causa do colégio apenas construído, sustentando que perturbava a paróquia, tanto que o Biraghi esteve a ponto de transferi-lo para Monza. A desavença finalmente teve solução, e essa temida transferência não aconteceu. A Videmari, especialmente, sofreu por essa mesma razão também quando fora denunciada ao governo de Milão devido à sua saúde precária. Em seguida

a essa infundada acusação, teve que aguentar a visita do médico municipal para definir se era idônea para manter um colégio. O episódio é narrado vigorosamente por ela mesma na *Alla prima fonte...*, pp. 33-35.

19 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n.101, 14 de março de 1840.

20 *Ib.*, n. 98, 6 de março de 1840.

A CAMINHO DA SANTIDADE

Ou seja “você ainda não é santa”

Cara Marina,

Agora, que a história chegou a um bom ponto, resta-me somente entregar à maturidade de seus leitores aquele punhado de tempos escuros presentes em suas vicissitudes. É bom esclarecer logo, uma vez por todas: a sensação de que tudo vai mal, que você não é capaz de fazer nada e que nada do que você faz é reconhecido, você mesma o experimentou. Testemunham-no suas cartas endereçadas ao padre Luigi, seu diretor espiritual: deveriam ter ficado na privacidade, eu sei, e, ao contrário, ei-las aqui sob o olhar de todos, em seu conteúdo minucioso, nos desabafos dos seus momentos sombrios. Não as escreveu porque queria que se tornassem públicas; espero, pois, que não me leve a mal se isso, ao contrário, aconteceu. Você as escreveu porque queria que seu diretor espiritual a conhecesse a fundo e a ele você abriu seu coração no bem e no mal: De outro modo, como poderia dirigi-la para uma vida santa? Digo-o para que, nas entrelinhas dessas cartas, você não aparece, certamente, como uma figura oleográfica, santa desde o início, como se costuma entender o termo, mas, antes, de temperamento sanguíneo, impetuosa. Nos primeiros anos de seu caminho de Irmã religiosa, o Biraghi escreve a você e de você: “você ainda não é santa”¹.

Quantos talvez teriam preferido ao seu, o temperamento menos ansioso da caríssima, dócil Irmã Giuseppa Rogorini, de “caráter feliz” que “não vê as coisas tão pretas”². Sim, ela, na verdade, será lembrada como a “santa”, você, ao contrário... nunca esteve acompanhada de tal fama, também porque nosso conceito de santidade é, na maioria das vezes, fossilizado por esteriótipos perpetuados nos séculos, dos quais é difícil sair sem escandalizar os preconceituosos.

Digamos claramente: nem todos são chamados ao mesmo tipo de santidade. Seria reduutivo considerar diversamente. Se a santidade cristã consiste na união com Cristo, é precisamente por aí que é avaliada. Seu modo de ser unida a Cristo era o de ocupar-se, de alma e corpo, da Congregação. Esta é a sua santidade. No âmbito de suas específicas características pessoais, você é santa na medida em que está aberta a Cristo para corresponder a seu amor, em sua específica condição existencial, com aquele seu comportamento particular. Somente Cristo, pois, pode medir.

Você é uma mulher apaixonada: suas afirmações são frequentemente enfáticas, às vezes exageradas, com modos até desconcertantes. Padre Luigi, que exerceu em você uma profunda penetração psicológica, as conhecia bem e sabia exatamente que peso atribuir-lhes. Pretendia não frear muito seu ímpeto, para não lhe tirar a alegria do que fazia, mas, ao mesmo tempo, entendia que devia equilibrar seu característico ímpeto juvenil. Por isso, louvava-a e lhe recomendava ao mesmo tempo de continuar “com prudência, com entusiasmo”³. Conhecia-a bem. Habitado ao contato com os jovens do seminário, sabemos que “a sua preparação psicológica era das melhores e sua bagagem espiritual de uma rara completude”⁴.

Dizíamos que, além do significado de suas palavras, ele sabia entender-lhe o sentido: nós, leitores, pelo contrário, que ainda não adquirimos essa sensibilidade, talvez nos surpreenderíamos ainda um pouco. É inútil procurar em você o modelo convencional de comportamento a imitar: encontra-se aí o impulso da ação, o artifício do simples agir e não um ideal codificado a seguir. Aqueles “exemplos de santidade sempre crescente”⁶, dos quais tanto se consolava o Biraghi, eram inseridos no cotidiano, na normalidade da vida, na “via plana”⁶, como ele gostava de chamá-la, que depois era como dizer simplesmente a “sua boa conduta”⁷.

A seu lado, diferente de você – sem fazê-lo de propósito – a atitude dele. Tão diferente de temperamento, ele desempenhava, em relação a você o papel de guia e, logo, estava duplamente motivado a equilibrar suas palavras e ações. Você reconhecia o limite de sua índole e era grata pelo caminho de formação que a fazia seguir: “Reconheço, veja, que tenho uma natureza ruim. E agradeço sempre, todos os dias, ao Senhor de ter caído em suas mãos”, - e continuava grata para com ele, - “perdoou-me já tantas e me vê sempre com bons olhos; mesmo quando me repreende, vejo um coração que me ama e que quer me ver feliz”⁸. Todavia, você queria certificá-lo de que, mesmo faltando em alguma coisa, você procurava fazer tudo o que podia: “asseguro-lhe, porém, ó meu bom Superior, que faço o melhor que posso; se, contudo, não realizo o quanto o senhor gostaria, culpe minha natureza e nunca minha boa vontade. O senhor me entende, não é verdade? E se compadece”⁹.

O fato de você reconhecer sua fraqueza, cara Marina, será de grande valor mais tarde quando você estiver sozinha à frente da Congregação e lhe couber impulsionar as Irmãs para a santidade. Com aquele seu tom benevolmente brincalhão, que nos tempos mais amadurecidos você sabia com frequência en-

contrar, assim você se dirigiu a uma delas: “Quero-a mesmo santa [...] mas que não se torne santa de repente”¹⁰. Essas suas palavras de madre fundadora ecoam as do padre fundador, dirigidas a você quarenta anos antes, em uma carta que parece você ter bem lembrado e feito sua, em sua sabedoria carismática: “devagar, pois, com calma: não se fica santa num dia. A verdadeira santidade consiste em fazer seu dever sem coisas extraordinárias”¹¹.

Você, assim, passou a fazer parte do gênero de pessoas que padre Luigi mais gostava: não as perfeitas desde o início, mas as que devem percorrer um caminho penoso para atingir a meta, à maneira de São Paulo, à maneira de Santo Agostinho¹². A seu modo, como eles, o seu sim foi a resposta à misericórdia de Deus.

NOTAS

1 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 220, 15 de maio de 1841.

2 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 614, a *Luigi Biraghi*, 6 de maio de 1852.

3 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 41, 26 de janeiro de 1839.

4 São as palavras do primeiro biógrafo oficial do Biraghi, Angelo Portaluppi, extraídas do *Profilo spirituale di Mons. Luigi Biraghi fondatore delle Marcelline*, Milão, 1929. O texto foi escrito 50 anos depois do falecimento do Biraghi.

5 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 162, 23 de dezembro de 1840.

6 *Ib.*, n. 17 de janeiro de 1840.

- 7 Ib., n. 162, 23 de dezembro de 1840.
- 8 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II* n.553, a *Luigi Biraghi*. A carta não tem data, mas pode ser a mesma em relação àquela do Biraghi do 31 de dezembro de 1841.
- 9 Ib., n.622, a *Luigi Biraghi*, 10 de dezembro de 1852.
- 10 Arquivo videmari Marina, *Epist. I*, B5.1, n. 12, a *Antonia Gerosa*, 13 de outubro de 1880.
- 11 Luigi Biraghi, *Alle sue figlie spirituali*, n. 109, 2 de abril de 1840.
- 12 Cf. Luigi Biraghi, *Le confessioni di s. Agostino vescovo de Ippona volgarizzate e ridotte a facile intelligenza per uso specialmente della colta gioventù*, Milão, ^a Dozio, 1832. No prefácio do texto escrito pelo Biraghi, que simplifica e reduz as *Confessioni* de Santo Agostinho, assim ele se exprime, examinando a vida dos santos e admirando-se de como a graça de Deus agiu neles: “Existem duas espécies principais de vida de santos. Uns nos apresentam esses amigos de Deus cumulados de toda bênção de Deus desde o nascimento, mais heróis que homens, como se não tivessem sido feitos deste frágil barro, tendo vivido sempre como anjos do céu sobre esta terra de pecadores. Outros, pelo contrário, apresentam os santos antes como pecadores, entregues mais ou menos às más inclinações dos sentidos e do orgulho, os quais, depois, pouco a pouco, caindo em si, combateram e venceram com a ajuda de Deus e chegaram à mais sublime perfeição. Num gênero de vida ou no outro, deve-se admirar a graça de Deus e louvar o Salvador Jesus Cristo que de várias maneiras maravilhosas nos atrai a si. Mas, levando em conta o mais vantajoso para os fiéis, sou da opinião de que a segunda espécie de vida seja mais apropriada para ser proposta ao leitor comum. Porquanto nós pobres e débeis pecadores quando nos vemos diante dos santos que sempre foram perfeitos, milagrosos, nos sentimos desanimar em confronto com eles: enquanto que, se vemos um homem que antes foi incorreto e dado ao mal e depois arrependido empreender a própria reforma e tornar-se santo, então não temos desculpa alguma de nossa fraqueza e, com nosso coração tomado de salutar remorso, somos constrangidos a dizer: O que fizeram estes e aqueles não poderá fazê-lo você também? Esses também eram pecadores, talvez mais que você: esses também experimentaram penas e agonias para romper com o mundo e fazer os primeiros passos para Deus. Por que você não

segue seu exemplo? [...] Deus, porém, não quer privar a Igreja desse tesouro e suscitou diversos desses santos convertidos a escreverem ou narrarem eles mesmos sua vida e sua conversão. Assim fez S. Paulo Apóstolo [...] Entre esses distingue-se Santo Agostinho, que escreveu dez livros de suas confissões”. A citação informada é extraída da V edição póstuma de 1889, pp. 1-3.

INCOMPREENSÕES EPISTOLARES

Ou seja “Somente com Marina não há compreensão alguma”

Cara Marina,

Já estou inteiramente envolvida na leitura de sua correspondência, muitas vezes rica de reflexões espirituais e de exame de consciência. Às vezes me parece até perceber sua perturbação ao referir certos acontecimentos intrincados ou algumas revoltas confidenciais da alma a padre Luigi, o “Caro Pai”, “Pai em Cristo”, como lhe agrada dirigir-se a ele por escrito desde o início. O fato de você ter que servir-se também da escrita para comunicar-se com seu padre espiritual, traz em si consequências. Antes de mais nada, seu pensamento – que desse modo chegamos a conhecê-lo também nós – emerge sintético, mais claro, certamente incisivo. Ao escrever o que você pensa realmente – ainda que às vezes você esteja com pressa e isso não favorece a clareza dos conteúdos - obriga-a a tomar consciência mais clara de sua identidade. Além disso, deve-se dizer que todo seu ser, na sua dimensão intelectual e emocional, está envolvido: o conceito, uma vez impresso na tinta, preto sobre o branco, revela imediatamente que, na maioria das vezes, foi tirado do profundo do coração. Com o advento da maturidade, as palavras, embora geradas pela sua índole impulsiva, não brotam sempre do primeiro impulso, mas são escolhidas com arte, adaptadas para exprimir melhor o quanto pretendia comunicar. Ou, pelo menos, tentava. E, quando não conseguia, somente o bom Biraghi sabia realmente de que

modo tratá-la. Ele também viveu mil pequenos equívocos dos quais, em algumas cartas, ficam indiscretos testemunhos.

Ser mal-entendida pelas pessoas que mais nos amam você também o experimentou. E sob esse aspecto – que é necessário reconhecer – o gênero epistolar não ajuda mesmo em nada. Quantas incompreensões revelam, não sem grande sofrimento, algumas expressões de seus escritos a padre Luigi: “seus modos – você lhe escreveu um dia com determinação, mas também com um fio de emotividade que a levou a adotar um tom exagerado – de alguns meses para cá, são um tanto duros comigo e me fazem muito mal”¹. E, no dia seguinte, redimensionando a situação, logo você acrescentava duas linhas unidas à presente “nas quais você lhe pedia a não levar a mal tudo o que você expressou naquela carta: senão ficaria duplamente inquieta”². Em seguida, você lhe lembrava que seu modo de agir, de exprimir-se, de comunicar-se, era muitas vezes, atravessado por um pouco de rancor: “Não é verdade que há dez anos eu lhe escrevia tudo de mim e, às vezes, com algum ressentimento?”³. Enquanto isso, você lhe lembrava, indiretamente, que desde então havia motivo de estar ressentida.

Você lhe abria inteiramente seu ansioso coração como se faz com um amigo, com um pai ao qual se deve dizer também que as coisas vão mal e agora você se sente humilhada por ele, parecia-lhe que tudo o que você fazia era mal interpretado e que seu coração para com você tivesse, a um certo ponto, mudado. Você não conseguia mais entender sua atitude como paterna e afetuosa e lhe parecia que era somente com você que ele não tinha “nenhuma consideração”⁴, ele que a tinha – segundo você – julgado duramente, considerado-a agressiva com as coirmãs, aflita com suas misérias do passado.

Em conclusão, você fez um grande e belo desabafo: pena que a resposta não nos tenha chegado. Você mesma admite que seu caráter tendia a esse modo de se expressar; talvez seja esse o motivo pelo qual você pensou em conservar uma carta de padre Luigi que lhe havia enviado alguns anos antes, precisamente para aliviar suas perturbações emotivas, a perplexidade e a inquietação que a dominavam. Menciono suas palavras porque por elas fica claro o quanto ele a conhecia bem: sabia como levá-la, como tranquilizá-la, como acalmar aquele seu desconforto de nunca ter feito o suficiente, como aquietar sua necessidade de contínuas confirmações. Assim lhe escrevia, pois, seu pai espiritual: “Eis, pois, um novo motivo de inquietação. A mínima palavra a perturba, toda minha advertência, ainda que carinhosa, a faz chorar: você vive sempre inquieta, desconfiada de mim, sem consolo, crucificando-se e crucificando-me. Caríssima Marina! Por tantos e tantos fatos, você deveria estar persuadida de que a amo sinceramente no Senhor. Veja que eu não paro um momento de providenciar para esta casa tudo o que posso, especialmente para você. Acaso esqueço a minha madre e a minha família? Não me esqueço nunca de vocês e da casa à qual pertencem. Falo de você a todos com a máxima satisfação e confiança e a todos digo abertamente que, se você me faltasse, ficaria no maior embaraço. [...]. Faço-lhe alguma advertência? É uma advertência de pai solícito que lhe quer bem. Faço-lhe alguma ponderação? É uma ponderação prudente de quem lhe quer bem. Faça, pois, o melhor e vá adiante em paz. Você quer que a louve em todas as cartas? Que devesse açucarar cada admoestação como se faz com as crianças? Você deve perceber: escrevo sempre às pressas, escrevo de boa-fé, sem cerimônias, na confiança recíproca. Por que, pois, inquietar-se por tudo? Se eu soubesse que iria inquietá-la, rasgaria a carta, não diria uma palavra. Deveria eu sentir prazer em afligi-la, você a quem quero tanto bem?”⁵. Nada mal como demonstração de estima e de afeto paterno: seu relacionamento, confidencial e familiar, sabia, numa eventuali-

dade, ser direto. Naquele tempo, você era ainda muito jovem, e sua história de marcelina tinha começado havia poucos anos. Você deveria amadurecer ainda sua sensibilidade afetiva, aprender a dominar seu temperamento. Teria sido o esforço de toda sua vida.

Além do fator afetividade, que governava certos seus maus-humores, ocorria-lhe ter razoavelmente protestado. Res-sentida, você repreendia padre Luigi quando não a colocava a par dos fatos que você deveria, ao contrário, saber, como, por exemplo, certas questões concernentes ao clero de Vimercate que frequentava seu colégio. Refiro-me aos dois padres que prestavam serviço de capelão (o Boffa) e de catequista (o Mappelli), e que, para obter uma resposta, se dirigiam a você, na certeza de que você conhecia o assunto. Quando você encontrava um deles que queria saber de você a decisão tomada pelo Biraghi sobre o próprio encargo no colégio, você ficava em má situação, porque não tinha sido informada: “E, verdadeiramente, eu não sabia o que responder, ignorando o que ele pretendia fazer”⁶. Essa omissão não era certamente proposital, mas acontecia. Talvez fossem essas as circunstâncias nas quais você ia abrir a “gaveta com chave”, que mencionei desde o início de minha narrativa, para reler a correspondência, como aquela carta de alguns anos antes, na qual padre Luigi repetia, uma vez mais, o quanto o instituto e todas vocês, Marcelinas, foram amadas por ele: “Mas meu coração não as esquecia, e a lembrança de vocês me vinha agradavelmente à mente”⁷.

NOTAS

1 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 562, a Luigi Biraghi, 1º. De dezembro de 1849.

- 2 Ib., n. 563, a Luigi Biraghi, 2 de dezembro de 1849.
- 3 Ibidem.
- 4 Ibidem.
- 5 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 220, 15 de maio de 1841.
- 6 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 564, a Luigi Biraghi, 7 de dezembro de 1849.
- 7 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 162, 23 de dezembro de 18

QUANTO AFÃ PARA A OBRA!

Ou seja “sozinha para puxar o carro”

Cara Marina,

Procurei em todos os buracos sua carta de novembro de 1844, mas devo conformar-me porque, provavelmente, não foi conservada. De todo aquele ano, encontramos unicamente uma e não a que ora me interessa. Verdadeiro pecado! Interessa-me porque nela havia aquela expressão tão vivaz e tão significativa, aquela maneira de dizer que pertence ao povo, ao viver cotidiano de quem está habituado a trabalhar duro, mas que percebe não mais conseguir tudo. Gostaria mesmo de encontrar aquela frase proverbial que você escreveu a seu padre Luigi, lamentando-se de ter que ser você, e sozinha, a realizar tudo. Consegui, enfim, recuperar essa expressão tão sua que não passou despercebida: foi transcrita na resposta dele, de 9 de novembro daquele ano. Ei-la aqui em toda sua crueza: “sozinha a puxar o carro”¹.

Diante de uma afirmação de tal importância, da parte do pobre Biraghi seguem logo palavras de consolo e de encorajamento, uma doce ladainha que se conclue com a habitual recomendação: “Pobrezinha! Tenha paciência, o Senhor a ajudará. Adiante com coragem. Poupe-se o mais que puder”².

Sim, queria que você poupasse suas forças. Ele o havia sempre dito, também a propósito de certos trabalhos pesados que, com o passar do tempo, poderiam ameaçar sua frágil saúde: “Consola-me que você esteja bem e que se tenha fortificado, mas não aprovo que você faça esforços e tentativas imprudentes. Que necessidade havia de você lavar sozinha uma caldeira pesada? Isso é correr o risco de se machucar. Lembre-se, pois, quer seja você, quer as outras, não devem nunca fazer esforços extraordinários e, na necessidade, façam-no em duas ou chamem algum homem, como quando teve que transportar mesas, cômoda e coisas semelhantes. Juízo e prudência”³. Padre Luigi preocupava-se um pouco por essas coisas e tinha suas razões.

Se manuseio ainda um pouquinho as cartas, vem-me às mãos uma que remonta a alguns anos depois e que relata uma pequena cena quase cômica – se quisermos tomá-la sob este aspecto – de você correndo à direita e à esquerda, tentando conseguir fazer tudo sozinha: a ideia de delegar não lhe passava de modo algum pela cabeça! E padre Luigi parece fazer-lhe simpaticamente o refrão, disfarçando sob um véu de humorismo, sua preocupação pela sua frágil saúde: “Porque é muita, muita a inquietação que você se permite. Toca a campainha? É você que corre. Deve-se passar? É você que passa. Você quer cozinhar. Todo trabalho você quer abraçá-lo como qualquer outra e mais do que outra. De um lado, você tem os deveres de superiora, visitas a receber, cartas a responder, e o estômago sempre cansado e a voz sempre alta. Como é possível não sofrer? Assim você compromete a boa constituição física e a saúde, enfraquece-se, a vontade fica fragilizada, irritável”⁴.

Nesse contexto, entendo por que muitas vezes suas cartas, inflamadas e impetuosas, são escritas às pressas: você mesma o declara ser: “às pressas, mas de coração”⁵. Como de cos-

tume, você quer sempre chegar em toda parte, nunca delegar, o contrário do que padre Luigi lhe recomendava, sugerindo-lhe também a motivação: “não apressar-se a tudo, mas, com frequência, sirva-se das outras, para que elas também treinem”⁶. Pelo contrário, fundamentada em sua experiência, você via diversamente: “para que tudo andasse em ordem, depois da graça de Deus, era muito necessário acompanhar as tímidas, encorajá-las e orientá-las mais com as mãos do que com a voz, estimular as preguiçosas, seja com palavras amáveis, seja com ajuda quando erram, e impulsioná-las com obras, para torná-las, assim, bem preparadas para seus ofícios”⁷.

Esta sua inquietação, com ou sem razão, este seu ser Marta – não na medida entendida por Biraghi, que lhe havia dito: “Sejam Marta, mas também Maria”⁸ – confirma-se perfeitamente também na postura premente de sua correspondência. Suas cartas, na verdade, são habitualmente escritas para comunicar acontecimentos, logo, deixam Maria na sombra, aquele espírito contemplativo que está em você. Emergem das cartas situações nas quais você teve que “puxar o carro”. Emergem as dificuldades da vida em seus pormenores que, além de encontrá-los nas cartas entre você e padre Luigi, são procurados também na correspondência que você mantinha com suas coirmãs. É óbvio que os colégios você os levava adiante, enfrentando os inconvenientes cotidianos, e que você não podia certamente perguntar ao monsenhor o que fazer diante das dificuldades imprevisíveis. Quanto ao mais, vocês estavam de acordo no conduzir os trabalhos domésticos que prosseguiram na plena confiança recíproca: “deixo em suas mãos a casa e todo cuidado, confiando plenamente em você e a fiz herdeira de tudo”⁹, tinha-lhe escrito Biraghi abertamente.

A direção da vida familiar marcelina tinha suas exigências, e manter vivo o espírito carismático exigia suas modalida-

des. Unicamente você sabe quanto tempo exigia o agir cotidiano, especialmente se entrelaçado com aqueles cuidados sempre presentes que, contudo, não virão nunca à tona, senão esporadicamente, em algumas linhas, não fácil de se notar: observações quase óbvias dirigidas às alunas, como naquela tarde de verão. Naquele dia, você já havia escrito à Rogorini, superiora do colégio de Vimercate; enviou-lhe ainda uma outra carta, longa e empenhativa. Desta lhe transcrevo o post scriptum porque nos dá a medida do seu entregar-se até o fundo com delicadeza e eficácia: “Milão, tarde do 3 de julho de 61. A jovem Giuditta Lepori que lhe mandei tem necessidade de trocar a roupa íntima com mais frequência. Diga à De Ry que observe os hábitos e a roupa íntima sem que a pobrezinha perceba, visto ter encontrado certas imundícies...”¹⁰. E não estando ainda satisfeita de ter-se ocupado suficientemente, três dias depois enviou à Rogorini “as roupas”, isto é, os vestidos da jovem, “exceto uma camisa que estava ainda na lavanderia”¹¹.

No ímpeto de querer chegar a tudo, no final só poderia confessar que estava “muito cansada” e de ter no mínimo “as ideias um tanto confusas”!¹². No mesmo dia, como de costume, você providenciava tudo: ao padre que chegava em visita, que fosse servido “Cafê e leite; ao nosso empregado e carroceiro, pão e salame e ao cavalo, um pouco de aveia”¹³.

Certamente tudo transcorria calmamente, às custas de grandes sacrifícios. Sim, porque, além das pequenas coisas diárias, estavam sempre de atalaia as fundamentais que pesavam sobre você como responsável geral. Por sorte – devemos reconhecê-lo, deixando de lado o pequeno desabafo, ao qual nos referimos há pouco, que não conseguia conter – você podia contar com quem estava a seu lado. O “carro”- para retomar sua linguagem – era puxado também por outros. Basta a referência, declinada no plural, à formação das jovens desejosas de fazer

parte do instituto: “Porém, no meio de tantas coisas que andavam bem, quem poderia dizer as imensas fadigas, as contínuas penas, as duras provas que devíamos sustentar para formar as jovens noviças à ciência, à virtude, a nosso gênero de vida tão laborioso, pobre, apostólico, tal de não termos uma cela para dormir ou retirar-nos?”¹⁴. Esforço dividido, portanto.

Às vezes, você se terá sentido igualmente sozinha a puxar o carro: imagino que poucos tenham sido tão velozes quanto você no fazer as coisas e que, na prática, era você que chegava antes de outros. Eram essas as situações nas quais você devia dominar a natureza exuberante que você recebeu, aprendendo a agir em espírito de entendimento, “na união de esforços, com o único interesse do bem”¹⁵, porque esse era o melhor modo de agir indicado pela Regra.

E sobre esse entregar-se, esse lançar-se ao máximo no campo do apostolado, há o que dizer também no próximo capítulo.

NOTAS

- 1 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 482, 9 de novembro de 1844. O contexto no qual esta colorida expressão vem enquadrada está descrito em Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, vol. II, p. 14: “Efetivamente, a Videmari cresceu no seu fácil aprendizado de religião, de superiora e de educadora e, embora sempre numa relação de dependência e obediência, havia conquistado para com o venerado Superior aquela liberdade de expressar seu próprio parecer, que a tornou colaboradora titular na fundação do instituto. Como se percebe nas cartas, o Biraghi pediu seu parecer e conselho sobre a Regra que estava escrevendo; com ela ponderou a oferta de vários projetos de fundações; dela aprovou a decisão relativa ao hábito religioso para as Irmãs, às melhorias na construção das duas casas, ao recrutamento dos vários subordina-

dos, e com ela combinou as relações com o clero destinado ao serviço religioso dos colégios. Uma contínua colaboração que desmente o lamento que deixou escapar um dia à Videmari de se sentir ‘sozinha a puxar o carro’”.

- 2 *Ibidem.*
- 3 Ib., n. 54, 6 de maio de 1839.
- 4 Ib., n. 220, 15 de maio de 1841.
- 5 Arquivo Videmari Marina, *Epist I, B4. 1, n. 6, a Giuseppa Rogorini*, 17 de julho de 1861.
- 6 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 212, 27 de abril de 1841.
- 7 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II* n. 548, a *Luigi Biraghi*, 11 de dezembro de 1840. Para a grafia da palavra “così” veja-se a nota 10 do capítulo 15.
- 8 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 2, 17 de novembro de 1837.
- 9 Ib., 220, 15 de maio de 1841.
- 10 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I, B4. 1, n. 2, a Giuseppa Rogorini*, 3 de julho de 1861.
- 11 Ib., B4 1, n. 3 a *Giuseppa Rogorini*, 6 de julho de 1861.
- 12 Ib., B4. 1, n. 2, a *Giuseppa Rogorini*, 3 de julho de 1861.
- 13 *Ibidem.*
- 14 Marina Videmari, *Alla prima fonte...*, p. 48.
- 15 Luigi Biraghi, *Regola delle suore Orsolione di S. Marcellina*, p. 17.

PARA A GLÓRIA DE DEUS

Ou seja “exemplares em público”

Cara Marina,

Desde o início, padre Luigi esteve, de fato, “habitualmente contente, satisfeito”¹ com você e com a obra. Haviam passado dois anos e alguns meses da fundação do primeiro colégio em Cernusco e ainda lhe escrevia frases verdadeiramente gratificantes: “Asseguro-lhe diante de Deus que esta casa é minha maior consolação sobre esta terra, e a coisa mais cara nesta casa é você. Considere de fato todas as circunstâncias desde nosso primeiro conhecimento até agora e deveremos afirmar que nossa obra é de Deus, que Deus suscitou você para começá-la para sua glória, que Deus quer que você a realize. Eu, pois, não posso senão colocar em você toda minha confiança e meu crédito, olhando-a como dada a mim por Deus para esta obra”².

Você também deveria sentir-se feliz porque, enfim, era a cofundadora desta obra. Você se dedicou ao máximo. De resto, esse era também o conceito de seu tempo: por que admirar-se tanto? O apostolado era a medida do bom religioso, era a maneira de dar testemunho da própria consagração, era a finalidade principal. Dizíamos que padre Luigi, que entreviu logo os perigos de sua natureza tão ativa, lhe escrevia desde o início para não exagerar, para descansar um pouquinho, cuidar da saúde, não cansar “nunca a mente nem os olhos”³.

Tomemos como exemplo o ano de 1842 e o segundo colégio, o de Vimercate: a crônica nos conta que você abre a escola para alunas externas e a gratuita para as oratorianas; que continua os trabalhos de reestruturação da casa e da capela; que carrega sobre você incumbências sempre mais pesadas e numerosas. Resultado: no fim do ano, por excesso de trabalho, deve submeter-se a cuidados médicos. Biraghi tentou em vão evitar esse esgotamento, para isso, continuava a mostrar-se satisfeito com seu trabalho, esperando que você também estivesse contente e que teria, portanto, ralentado um pouco seu passo. Mas a conhecia muito bem para iludir-se: “Caríssima em Jesus Cristo – escreveu-lhe algum tempo antes – Embora você tivesse certeza de que eu estava contente com você, você se permitiu pouco descanso. [...] eu não sabia mais o que fazer para demonstrar-lhe meu pleno contentamento”⁴.

A preocupação pela obra como testemunho do Evangelho será de primeira importância no decurso de toda sua vida. No seu contexto institucional, ocupava-se também, com atenção vigilante, de que nos seus colégios fosse sempre respeitada a lei civil. Você devia cuidar da escola, como também da honra dos colégios. Quanto esforço para que tudo corresse bem, quanto cuidado pelas coisas, quanta atenção para com as alunas e para com seus pais, quanto interesse pelas Irmãs, quanta atenção no relacionamento com os padres! Biraghi também fazia questão de ganhar estima e apreço, porque sabia o quanto pesa o julgamento das pessoas, às vezes tão diferente daquele de Deus: “quanto a nós, basta que nos tornemos santos, pelo menos no escondimento, e exemplares em público”⁵, escreveu-lhe inequivocavelmente. É uma palavra, uma bela pretensão servir sempre de exemplo, não é verdade, Marina? Lembra-se de quantas emoções vividas durante a visita anual do inspetor ministerial em Vimercate? O momento era realmente solene. Tenho diante de

mim seu animado relato, imortalizado numa carta⁶ ao Biraghi, quando você já era diretora dos dois colégios em Milão.

Era apenas o início do ano de 1850, você deve lembrar-se bem. Nas suas palavras aflorava uma vez mais a presença da misericórdia de Deus: aquele “nosso bom Deus que nos dispensa tanta misericórdia!”. A consciência “de não merecer tanto” e a alegria de colocar-se a serviço para a glória de Deus fazem parte de sua espiritualidade: “O louvor seja, pois, para nosso bom Deus”. Como também faz parte de seu caráter sentir-se plenamente satisfeita quando o supervisor ministérial declara em seu relatório que sua casa de educação “pode-se dizer que é um verdadeiro modelo em tudo o que diz respeito à instrução e à educação moral, religiosa e doméstica de uma jovem”. E ainda, numa outra ocasião semelhante, parece-me sentir a palpitação daquele 10 de maio de 1852, quando se apresentaram, improvisamente, numa visita de cortezia, na porta do colégio de Vimercate, que você dirigia, um grupo de pessoas importantes: o cunhado do marechal Radetzky, tenente marechal Michele Strassoldo, com a Condessa, sua esposa, e outra notável comitiva. Era meio-dia e meia de uma segunda-feira – anota com minúcias – e logo acrescentou que “com o auxílio de Deus tudo caminhou maravilhosamente bem”⁷.

Para seguir de perto o desenrolar do acontecimento, é bom percorrer os fatos ao vivo. Eis uma parte da crônica daquela visita, tal e qual você a narrou a padre Luigi: “A Condessa gostou muito do uniforme das meninas, o modo com o qual se apresentaram e as respostas desenvoltas que davam às perguntas. Quis conhecer os trabalhos e quem os executava. Desejou ler algumas composições; interessou-se por tudo e nos encorajou com as mais lisongeiros palavras. Quis visitar Cozinha, Refeitório, Jardim, enfim, todo o estabelecimento com grande prazer. Finalmente, na sala de desenho, saboreou com agrado doces e refrigerantes enquanto ouvia diversos trechos de música. Após uma

hora e meia, partiu demonstrando grandíssimo apreço pelo nosso Instituto e verdadeira satisfação pela ordem que disse ter encontrado e pela desenvoltura que não esperava em lugar de freiras. Finalmente, repito-lhe, tudo caminhou maravilhosamente. Louvor a Deus!”⁸.

NOTAS

- 1 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 41, 26 de janeiro de 1839.
- 2 Ib., n. 220, 15 de maio de 1841.
- 3 Ib., 17 de novembro de 1837.
- 4 Ib., n. 220, 15 de maio de 1841.
- 5 Ib., n. 880, 30 de junho de 1867.
- 6 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II* n. 571, a Luigi Biraghi, 11 de janeiro de 1850.
- 7 Ib., n. 615, a Luigi Biraghi, 10 de maio de 1852.
- 8 *Ibidem*.

O RELACIONAMENTO EPISTOLAR COM PADRE LUIGI

Ou seja “o senhor será sempre, depois de Deus, meu único apoio”

Cara Marina,

É curioso notar como as etapas de seu desenvolvimento humano e espiritual se desenvolvem junto ao que é dito em suas cartas. Na verdade, o afinar-se de seu relacionamento com padre Luigi e depois o emancipar-se dele à medida que você se tornava mais madura – aspecto que pode perfeitamente ser deduzido através de sua correspondência -, tem ainda alguma relação com a correção gramatical de seu escrito. Explico-me melhor. Refiro-me, como exemplo, àquelas cartas que você escreveu, quando jovem Irmã, e que, antes de enviá-la ao destinatário, você as mostrava diligentemente ao padre Luigi: “Todavia, se não a achar adequada, ou se encontrar erros, devolve-a que a corrigirei de boa vontade”¹. Ele a corrigia, quando necessário, na margem, alguma desatenção lexical, depois lhe devolvia aquelas cartas porque sabia que você se prontificava a recopiá-las “de boa vontade”, como você mesma tinha afirmado. Às vezes, a seu escrito ele acrescentava o dele: “A sua carta à senhora Guastalla estava bem, mas quis acrescentar aquele tal pensamento etc.”².

Outras vezes ainda você transcrevia as cartas diretamente do rascunho de padre Luigi: “Escreva duas linhas a mons. Zerbi”³, - ele lhe dizia – e lhe anexava o texto. Só anos mais tarde

você se determinou convidar, por sua vez, padre Biraghi a escrever uma carta a um padre, sugerindo-lhe os conteúdos: “Acho, porém, necessário que o senhor lhe escreva uma resposta negativa, com delicadeza, para não criar inimizade”⁴. Mas antes de então, você era ainda muito jovem, sem uma sólida cultura, aberta ao aprendizado, numa atitude de total dependência dele. Era uma aluna diante do mestre, uma filha diante de um pai, uma Irmã dirigida por um sacerdote: você começava com ele uma obra da qual era o fundador. Todavia, no período de alguns anos, você tornar-se-ia uma pessoa deveras importante: o colégio que dirigia e depois as novas fundações se tornariam exemplares no campo da educação das jovens. Paralelamente a isso, ia se forjando sua identidade de religiosa, de superiora e de mãe.

Seu relacionamento com padre Luigi ia mudando: ele não se encontrava mais diante de uma jovem a dirigir passo a passo, mas da mulher capaz de iniciativa pessoal, pronta a estreitar uma relação de verdadeira colaboração⁵. Você logo emitiu um parecer próprio, definiu sua própria linha de conduta, embora no espírito de obediência que nunca a abandonou. Em relação a ele, na verdade, você aprendeu cedo de seus pais a fazer aquele gesto de reverência ao qual você se referiu também numa carta: “beijo-lhe humildemente a mão”⁶. A atitude de seu coração será sempre a de seus lábios: “O senhor será sempre meu bom Superior, ao senhor contarei sempre toda minha inquietação e todo meu desejo, com o senhor dividirei sempre toda minha ansiedade e toda minha consolação e o senhor será sempre, depois de Deus, meu único apoio”⁷. Ressoa nessas linha a redundância daqueles “sempre”, quase a confirmar eternidade a sua afirmação.

Da parte dele, ele se dirigia a você para cada detalhe: queria, justamente, que a instituição crescesse junto com você. Con-

sultou-a para definir o hábito que seria seu uniforme: “Escrevi-lhe sobre o *uniforme*: Você deve ter ponderações a fazer. Muito bem: escreva, argumente, fale: eis, vamos nos entender a respeito de tudo”⁸. Dirigia-se a você enquanto definia os detalhes da Regra das Marcelinas: “Revi a regra: o que você colocou vai bem, mas faltam ainda algumas coisas, sobre o quê nos entenderemos a viva voz”⁹. Assim, progressivamente, você tomava confiança em você mesma, colocava em foco seu papel que, como já nos falamos, andava mudando em seus confrontos. Você devia sempre combinar as coisas de igual para igual: de filha que você era – e permanecerá sempre – de tanto em tanto, você o considerava como fundador. Dirigia-se ainda, como nas primeiras cartas, ao “Pai Espiritual”, precedido de um convencional “estimadíssimo”, ou fórmulas similares, depois, sempre mais, ao “Caro Pai”¹⁰, “Pai em Cristo”¹¹, denominação que você não abandonará nunca em toda sua correspondência. Logo mais, o cabeçalho de suas cartas exhibe também a denominação “Superior”¹², “Reverendo Superior” ou algo semelhante; depois, mais afetuosamente, você se dirige ao “meu bom Superior”¹³, ou ainda ao “meu bom Pai”¹⁴.

Você sabia sustentar suas opiniões diante dele, superior e pai, querido pai e bom superior, e sabia defender e argumentar bem como “pobre mulherzinha”¹⁵, como você mesma se definiu um dia. Você sabia quando era o caso de deixar-lhe a última palavra. Por exemplo, padre Luigi via diferentemente de você aquele caso do dote da Rogorini que ainda não estava na posse do Instituto, não obstante os anos passados de sua entrada no convento: “Disse a mim mesma não ser conveniente tocar ainda neste assunto”¹⁶.

Em outras ocasiões, pelo contrário, era ele que, prontamente, cedia, como aconteceu naquela vez a propósito da direção do colégio de Cernusco: “Estou contentíssimo com esta ca-

sa, mas ela não é o Paraíso: permita, pois, que a avise se houver alguma que eu julgue merecedora de observação. Pode ser que minhas observações não sejam adequadas. Escreva-me, então, livremente, que eu mudo de opinião e me informo sobre a sua”¹⁷. Certamente algum problema do instituto ele o tratava unicamente com você, visto que você era a superiora, a madre, a fundadora. De sua parte, você era discreta e não falava nada com ninguém, “somente com o Senhor”¹⁸, e você afirmava isso por escrito.

No respeito mútuo, na franqueza entre vocês dois, que só pode existir quando a estima é verdadeira, quando há raízes profundas, acontecia a mútua colaboração. E a obra continuava florescendo.

NOTAS

- 1 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 549, a Luigi Biraghi, 27 de janeiro de 1841. Pela ortografia da palavra “addatte” veja-se a nota 10 do capítulo 15.
- 2 Luigi Biraghi *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 178, 1º. de fevereiro de 1841.
- 3 *Ib.*, n. 231, 8 de junho de 1841.
- 4 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 564, a Luigi Biraghi, 7 de dezembro de 1849.
- 5 Uma outra confirmação da estreita relação de colaboração entre os dois nos foi dada pela segunda edição da *Regra*, publicada em 1875, que “saiu contemporaneamente a um pequeno volume (60) páginas da superiora principal Marina Videmari, entitulado: *Costumiere delle suore Marcelline*, ou seja, “normas e avisos” para todas as Irmãs responsáveis dos vários ofícios. O Servo de Deus [hoje Beato] assume a responsabili-

dade declarando, na “Lettera alle carissime figlie Marcelline” citada no fim do texto: “Este *Costumiere* foi recolhido e compilado pela madre superiora, após a experiência destes trinta e seis anos, para que sirva de norma prática para a observância da santa regra e o bom desempenho dos deveres dos vários ofícios. Examinei-o e achando-o ditado por uma sólida prudência, claro e adaptado às suas necessidades, deixei-o em sua forma original e o proponho à sua exata observância, com o que caminharão como um só corpo, um só espírito para sua santificação e a dos outros” (*Positio super virtutibus*, p. 488).

- 6 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 544, a *Luigi Biraghi*, 19 de fevereiro de 1840.
- 7 *Ib.*, n. 558, a *Luigi Biraghi*, 4 de maio de 1847,
- 8 *Luigi Biraghi*, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 220, 15 de maio de 1841.
- 9 *Ib.*, n. 661, 24 de dezembro de 1847.
- 10 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 536, 9 de dezembro de 1838. É a primeira vez em que a Videmari se dirige ao Biraghi com esta expressão.
- 11 *Ib.*, n. 540, a *Luigi Biraghi*, 15 de fevereiro de 1839. É a primeira vez em que a Videmari se dirige ao Biraghi com esta expressão.
- 12 *Ib.*, n. 550, a *Luigi Biraghi*, 9d de junho de 1841. É a primeira vez na qual a Videmari se dirige ao Biraghi com esta expressão.
- 13 *Ib.*, n. 558, a *Luigi Biraghi*, 4 de maio de 1847. É a primeira vez em que a Videmari se dirige ao Biraghi com esta expressão.
- 14 *Ib.*, n. 556, a *Luigi Biraghi*, 30 de junho de 1843. É a primeira vez em que a Videmari se dirige ao Biraghi com esta expressão.
- 15 *Ib.*, n. 596, a *Luigi Biraghi*, 15 de dezembro de 1850.
- 16 *Ib.*, n. 562, a *Luigi Biraghi*, 1º. de dezembro de 1849.

- 17 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 220, 15 de maio de 1841.
- 18 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 543, a Luigi Biraghi, 31 de janeiro de 1840.

MARINA E O GOSTO PELO PROTAGONISMO

Ou seja “os enganos e a inquietude do amor-próprio”

Cara Marina,

É certo que a perfeição e o paraíso estavam ainda longe! Quando se olha dentro com sinceridade, percebe-se quanto caminho falta percorrer antes de chegar à meta.

À propósito de suas atitudes bruscas, fruto de suas apreensões e de seus tumultos interiores, o bom médico da alma, que era padre Luigi, tinha prontamente diagnosticado: “O inquietar-se e o perturbar-se é fruto da soberba e do amor-próprio”¹. Deve-se notar, a bem da verdade, que, desde o início de sua história, ele já tinha identificado esta sua fragilidade e também a terapia para enrobustecer o espírito: “Examine-se bem e encontrará em você os enganos e as inquietações do amor-próprio”². Ele havia reconhecido no seu entregar-se tanto, no fazer demais, as raízes nefastas da obsessão de sobressair e quis destruí-las imediatamente. Bem mascarada pelo anseio de perfeição, alimentavas em ti a inclinação à vaidade, subrepticamente. Quanto se tornou religiosa e decidiu seguir a via da virtude, o empenho na luta contra as próprias imperfeições tornou-se um exercício de tenacidade. Ele o conhecia bem e, de sua parte, encorajava-a sempre porque, conhecendo sua determinação, constatava que você se empenhava totalmente, ainda que fazer notar seus sucessos era, muitas vezes, mais forte que você. Dizia-lhe: “Coragem; de minha

parte, continuarei a compadecer-me de seus defeitos, e a lhe proporcionar todo bem espiritual”³.

Ele lhe queria realmente bem e, por isso, desejava vê-la “calma, tranquila e serena”⁴. Deu-lhe logo alguma referência, por exemplo na pessoa de São Francisco de Sales, que lhe lembrava com frequência, porque, “quando jovem era irritável, furioso, raivoso, depois começou a refletir e examinar-se e combater o defeito e se tornou tão manso, doce, amável, que é chamado o *santo da doçura*”⁵. Para fazê-la progredir no caminho da virtude, sabia que deveria ainda combater contra aquele “pouco de vaidade e de soberba”⁶ que tendia insinuar-se em você. Por outro lado, você tinha suas convicções a esse respeito e o havia informado já bem antes, de maneira clara, como de costume: “Nunca acreditei que fosse soberba, como o senhor me escreveu, trabalhar incansavelmente, ajudar minhas Companheiras e antecipar-me às mesmas nos ofícios mais humildes e cansativos. Aliás, pensava que esses meus esforços fossem agradáveis a Deus, já que me cansava muito ao fazê-los”⁷.

Ele sempre a exortou a permanecer “no recolhimento, no silêncio, na humildade”⁸. Na mesma carta, aconselhava-a também a vigiar: “Tenha sempre o olhar sobre você mesma e vigie sobre suas tentações, sobre seu coração. O demônio não deixará de tentá-la na soberba e de fazê-la crer que é boa, engenhosa, hábil e a fará gostar dos louvores que lhe farão e a levará a desejar ocasiões de honra”. E continuava com firmeza: “Resista ao demônio e persuada-se sempre mais de que você sabe pouco e não é capaz de nada”.

Em outra ocasião, esta vez com referência a Santo Inácio e ao compêndio das Constituições dos Jesuitas, ensinava-lhe o rigoroso princípio do *agere contra*, muito praticado na época: “Vá ao encontro das tentações com seu contrário: à loquacidade,

com o silêncio; à soberba, com a humildade”⁹. Algum tempo depois, falando também por si, reforçava: “Conservemo-nos humildes, mortificados, totalmente consagrados a Ele com a oração, a paciência, o desapego de qualquer coisa do mundo”.

Esse era também seu desejo desde o princípio, quando decidiu abraçar a vida religiosa: “Fazer violência às minhas paixões perversas e viver pobre, humilde”¹¹. E assinava “humilíssima serva e filha em Jesus Cr[isto]. Marina Videmari”, e a esse propósito lhe escreveu, pouco depois, que suas cartas lhe haviam inspirado “sentimentos de grande humildade”¹². Mas, nem sempre conseguia manter seus propósitos, por conseguinte, você tinha que reparar: “Que humilhação para mim ver que, numa carta sim, noutra não, lhe escrevo que não farei mais assim e assim e, depois, sou sempre a mesma!”¹³. E ainda, um ano depois: “Deverei ser humilde [...]; paciente nas tribulações [...]; caridosa com as outras, considerando quanta caridade tiveram para comigo. E ao invés...”¹⁴.

Chegou finalmente o momento quando você teve que ensinar, por sua vez, esta bendita humildade às coirmãs, e sobre isto você dava relação ao Biraghi, ainda com alguma inexactidão na escrita: “Nos três dias em que estive em Cernusco, como miserável que sou, procurei transmitir às minhas Irmãs que a sua perfeição não consiste em preocupar-se com seus defeitos, mas era humilhar-se diante de Deus, desconfiar de si mesmas e caminhar modestamente, sem pretensões, amar muito o caro Nosso Senhor Jesus Cristo...”¹⁵. Eram esses os preciosos ensinamentos que padre Luigi costumava transmitir-lhe.

Na prática lhe havia sempre dito que o caminho da santidade, que no início da vida religiosa você achava que fosse marcado por obras extraordinárias e penitências excepcionais, era, ao contrário, praticado na humildade e na simplicidade por

quem quisesse cumprir, com fidelidade, o próprio dever cotidiano. Ele o havia dito a você e às outras, como à Rogorini, quando tomou como modelo a imitar precisamente o “grande mestre de todos, Jesus Cristo” com sua “vida plana, comum, simples, sem singularidades”¹⁶.

Por outro lado era importante esclarecer logo esta questão de vida plana, porque precisamente aqui seria apostada uma grande fatia da experiência espiritual das futuras Marcelinas. Segundo o fundador, as Irmãs deveriam ser contrárias a toda forma de singularidade e fixar o ideal de perfeição nos pequenos passos diários que a vida nos chama a dar: “Devagar, pois, com calma; não queira tornar-se santa num dia. A verdadeira santidade é a de fazer o próprio dever sem ostentação”¹⁷, repetia com frequência padre Luigi.

Repito eu também a citação que já citei em outro lugar¹⁸ por achá-la fundamental.

NOTAS

1 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 54, 6 de maio de 1839.

2 *Ib.*, n. 20, 29 de julho de 1838.

3 *Ib.*, n. 322, 2 de setembro de 1842.

4 *Ibidem*.

5 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 40, 22 de janeiro de 1839. A *Regra* assinala que a superiora da comunidade deve saber “unir a doçura à firmeza necessária”(p. 74). Biraghi admira muitas vezes a doçura do próprio Cristo (cf. *Lettere alle sue figlie spirituali*, nn. 39,245,252).

- 6 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 109, 2 de abril de 184; cf. n. 214, 4 de maio de 1841.
- 7 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 548, a Luigi Biraghi, 11 de dezembro de 1840.
- 8 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 54, 6 de maio de 1839.
- 9 *Ib.*, n. 435, 8 de março de 1844.
- 10 *Ib.*, n. 494, 3 de dezembro de 1844.
- 11 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 530, a Luigi Biraghi, 17 de outubro de 1837.
- 12 *Ib.*, n. 531, a Luigi Biraghi, 11 de novembro de 1837.
- 13 *Ib.*, n. 544, a Luigi Biraghi, 19 de fevereiro de 1840. Pela grafia de algumas palavras dessa situação, veja-se a nota 10 do capítulo 15.
- 14 *Ib.*, n. 549, a Luigi Biraghi, 27 de janeiro de 1841.
- 15 *Ib.*, n. 554, a Luigi Biraghi, 27 de fevereiro de 1842. Para a grafia de algumas palavras desta citação, veja-se a nota 10 do capítulo 15.
- 16 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 45, 6 de março de 1839. Cf. também a carta n. 85 e a Regra, p. 56.
- 17 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 109, 2 de abril de 1840.
- 18 A referência é o capítulo 16, nota 11.

INCIDÊNCIA DIALETAL LOMBARDA

Ou seja “num bom italiano se diz: qui gatta ci cova”
 “num bom português: neste mato tem coelho”

Cara Marina,

Quantos provérbios você cita e quantas gírias encontro no seu falar. Anoto tudo com exatidão, porque me parece uma valiosa pista para conhecê-la melhor: podem revelar ou confirmar algum aspecto de seu caráter que até agora não tenha sido identificado na gama das palavras que você usa para exprimir-se e que, portanto, permaneceu involuntariamente velado.

Na correta incidência do rigoroso italiano, um bom sabor dos termos lombardos mistura-se às máximas de sabedoria popular: nasce daí uma deliciosa mescla regional, um quadro pintado com tintas locais, uma saborosa voz vernácula da qual nem sempre consigo – ai de mim – achar os significados. As palavras mudam com o tempo, arrastam consigo significados novos, adquirem matizes imprevisíveis, desaparecem sem deixar traços, nem mesmo nos dicionários. Felizmente, o contexto no qual esses termos se encontram ajuda a sutileza do leitor, no começo um tanto desorientado por idiomas ignorados, mas, em seguida, progressivamente divertida à medida que intui o sentido e saboreia a expressão na estimulante ocorrência do frasear. Sim, pois, no mais das vezes, é questão de explicar situações desconfortáveis ou de descrever o comportamento de algumas pessoas incômodas, como no caso de alguma Irmã inquieta. Então, como

descrevê-las, senão com um belo termo em dialeto? E por que não acompanhá-lo do seu diminutivo, colocando-se no final uma desinência que, justamente, minimiza verbalmente o defeito, redimensiona-o, torna-o aceitável ou pelo menos se tenta?

“Aquela ‘*ciallina*’¹, por exemplo, é termo dialetal que hoje não aparece no dicionário da língua italiana, mas sobrevive ainda naquele milanês do 1800: com essa expressão, você quis indicar o comportamento frívolo, tolo de uma coirmã que não se deve tomar como modelo na congregação, a tal ponto de desejar que vá para outro lugar. Você a aponta como “uma verdadeira ‘*Pessina*’”²: nem aqui o vernáculo nos ajuda a entender, se não viesse logo depois de algum termo ao lado, o correspondente italiano que acompanha e esclarece a desconhecida expressão. Entendo, pois, que se tratava de um elemento pouco recomendado por causa de sua natureza superficial, leviana, “*ciallina*” em resumo. Alguém que se compraz em maledicências inventadas por ela mesma, uma – como dizer – “crôniquinha imaginária” que vai em giro, contando em detalhes fatos que nunca aconteceram a “todas suas comadres”⁴, isto é, ao séquito de mulheres fofoqueiras e curiosas, as comadres “*commari*”, escrito em italiano com duplo m exigido pela forma dialetal.

Quando deve dar uma opinião negativa sobre uma pessoa, você o faz de modo firme, mas a franqueza da língua local procura abrandar a severidade do julgamento, e a desinência “*ina*” que apareceu no termo “*ciallina*” e “*cronichina*”, parece, justamente, atenuar o defeito, suavizá-lo, pelo menos verbalmente, redimensionando-o na sua aspereza evidente, diminuindo, enfim, quase associá-lo, na sua desinência, a um modo afetuosos, familiar.

Isso é o que leio, não tanto na palavra, mas atrás dela. E atrás de sua pessoa leio um grande sofrimento: algumas linhas

adiante é ainda ela, a mesma coirmã, que se queixa de ser mal cuidada pelos médicos e, de maneira vivaz, “lamenta estar nas ‘mãos de cães’”. Sempre ela a não querer mais dar “lições de piano, vendo-se um *“grattone a petto”* – arranhão no peito - das outras mestras de piano”⁶. Parece-me sentir o estridor incômodo daquele onomatopáico *“grattone”* que faz arrepiar.

Voltando aos termos com desinência “ino”, topo com uma outra Irmã inexperiente, uma que é melhor acompanhar porque, de outro modo, poderá desgarrar-se: é uma verdadeira tolinha⁷ “bertoldino” E os “cicini”⁸ quem são? Aparecem com frequência, misteriosamente repetidos nesta carta, até que no final se revelam, justapondo-se a “*sciocchi*” tolos e “*fannulloni*” indolentes, todos juntos associados à elegância de uma expressão latina, a “*Majorem Dei Gloriam*” – para a maior glória de Deus -. A despeito deles, como se costuma dizer, tudo acaba em glória!

É sempre nesta mesma carta que “em bom italiano” se encontra aquele modo cauteloso de falar, aquele “neste mato tem coelho”, fruto da experiência que você ia acumulando: é melhor não confiar na aparência, pode haver algum engano por baixo. Isso dito, o leitor não pode ser induzido a pensar que sua índole, Marina, seja inclinada a uma exagerada reflexão antes de tomar uma decisão. Deve-se dizer também que muita ponderação, muita medida nas coisas pode ser contraproducente e induzir a um estado de inércia contrário a toda renovação. Você mesma, Marina, por exemplo, julgava prejudicial a excessiva prudência dos bispos piemonteses na redação da carta circular que você leu, achando-a “*bella davvero, benche (benchè) al quanto codina*” -bela realmente, embora um tanto retrógrada⁹: enquanto você se expunha exprimindo esse julgamento sobre sua mentalidade conservadora, esqueceu de acentuar a conjunção.

Abandonemos a seu destino a desinência “ina” para ocupar-nos de seu exato contrário. A você mesma, desde o início, você atribui os substantivos que terminam em “ona”: “sou uma bordelona”¹⁰ “*bordellona*”, uma atrapalhada, barulhenta “*fracassona*”, uma verdadeira ruína, enfim, uma “boa para correr, afobar-se e incapaz de fazer alguma coisa boa”¹¹. No amplo espaço dessa desinência que abraça toda a categoria dos inexperientes, há também os folgazões¹² “*bontemponi*” que lhe colocam o pau na roda com sua invasão, metem o nariz em tudo e não deixam o colégio em paz.

Não faltam nem mesmo as desinências “occa”, como “*bacciocca*” que é palavra dialetal, não mais usada hoje, para dizer criançola, para designar, assim, a aluna ingênua e inexperienced. Quem sabe quantas ocasiões teve para recorrer a esse termo durante sua vida de educadora! E depois, durante sua experiência de guia no leme da nave da Congregação, constatou tantas vezes que “lidar com certas cabeças “*a cui non si può far capire ragioni*”¹⁴ – às quais não se consegue fazer compreender as razões - não ajuda a levar adiante a obra. Portanto, grande miséria precisar lidar com certas cabeças!”¹⁵. Sim, porque “cabecinhas são sempre cabecinhas”¹⁶: e aqui me parece inútil acrescentar qualquer comentário. Das assim chamadas “cabeças”, na verdade, você tinha certo receio. Era a responsável geral, logo, você devia ser cautelosa: “É necessário ter percepção para não admitir cabeças que perturbem e prejudiquem a paz”¹⁷.

Cabeças em suas cartas há de todo tipo: obstinadas, obtusas, também “cabeças quadradas”¹⁸, que, a bem da verdade, é um belo elogio – você diz com uma sutil ironia – se não se tem medo “dos seus quatro ângulos”. Há até uma “tartaruga”¹⁹ – não para se entender, certamente, como elogio – que não quer entender as razões, com a qual, todavia, é bom “falar definido e cla-

ro”. Entre todas essas cabeças ordenadamente elencadas, encontrar também um “pobre cérebro”²⁰ que, como tal, induz o proprietário a fazer muitíssimos “passos falsos”.

Aqui, numa linha, confusa entre as cabeças, finalmente encontrei também a sua. Também para você é difícil, antes milagroso, chegar a fazer tudo e fazê-lo bem, tanto é verdade que nos deixa esta declaração: “acreditem, é um prodígio poder ter cabeça e tempo para tudo”²¹. “Na sociedade atual tão corrompida, em tempos tão tempestuosos”²² entendo quanto seja difícil resistir, porque seu século não é tão diferente do meu, que o vejo estragado, enfim, defeituoso. Então, como hoje.

“É demais o estrago das famílias”²³: você o afirmou decididamente nos últimos tempos de sua vida, como se não conseguisse mais suportá-lo. Porque daqui deriva o “mundo estragado”²⁴. Em seus colégios, especialmente, você pôde ver de perto o que padre Luigi havia definido “tão grave e universal estrago da educação”²⁵ em prejuízo das jovens senhoras, futuras mães de família. Na verdade, também em prejuízo das jovens Irmãs que aspiravam à vida religiosa sem possuírem as qualidades necessárias. A esse propósito, me vem à mente aquela sua exortação concisa, incisiva e juvenil, - “Cuidado” – assim você chamava a atenção das superiores em aceitar ou não as aspirantes. De outra forma acontecem problemas sérios, e isso você percebeu logo, tanto que mencionou um dito: “Há um provérbio: corpo expurgado sadio está. Faça, Senhor, que nossa Congregação não necessite mais de semelhantes purgativos!...”²⁷

NOTAS

1 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B3. 1, n. 107, a *Emilia Marcionni*, 28 de janeiro de 1882.

2 *Ibidem*. Na carta do dia precedente, a mesma pessoa é indicada com um nome semelhante, provavelmente pelo significado análogo: “uma espécie de pestinha”.

3 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I* B3. 1, n. 106, a *Emilia Marcionni*, 27 de janeiro de 1882.

4 *Ibidem*.

5 *Ibidem*.

6 *Ibidem*.

7 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B3. 1, n. 31, a *Emilia Marcionni*, 12 de março de 1881.

8 *Ib.*, B4. N. 11, a *Giuseppa Rogorini*, 24 de agosto de 1861.

9 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 5677, a *Luigi Biraghi*, 20 de dezembro de 1849.

10 *Ib.*, n. 541, a *Luigi Biraghi*, 19 de novembro de 1839.

11 *Ibidem*.

12 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 614, a *Luigi Biraghi*, 6 de maio de 1852.

13 Arquivo Videmari Marina, *Epist I*, B4 1, n. 3, a *Giuseppa Rogorini*, 6 de julho de 1861.

14 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 582, a *Luigi Biraghi*, 19 de junho de 1850.

15 *Ib.*, n. 623, a *Luigi Biraghi*, 14 de dezembro de 1852.

16 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, n. 37, a *Giuseppa Rogorini*, 22 de março de 1879.

17 *Ib.*, B4.1, n. 30, a *Giuseppa Rogorini*, 15 de fevereiro de 1879.

- 18 Ib., B4. 1, n. a *Giuseppa Rogorini*, 24 de agosto de 1861.
- 19 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 623, a *Luigi Biraghi*, 14 de dezembro de 1852.
- 20 Ib., n. 582, a *Luigi Biraghi*, 19 de junho de 1850.
- 21 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B5. 1, n. 9, às *Suore*, 14 de dezembro de 1890.
- 22 Marina Videmari, *Alla prima fonte...*, p. 132.
- 23 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, n. 10 às *Suore*, 27 de dezembro de 1890.
- 24 Ib., B3. 1, n. 162, a *Emilia Marcionni*, 17 de janeiro de 1891.
- 25 Arquivo Biraghi Luigi, *Autografi*, n. 69, *Notizie sull'istituto milanese delle Suore Orsole Marcelline*, s. d.
- 26 Marina Videmari, *Alla prima fonte...*, p. 136.
- 27 Ib., p. 99.

PALAVRAS COMO IMAGENS

Ou seja “falo [...] com uma certa franqueza”

Cara Marina,

Inexaurível fonte de imagens! Como se entende depressa sua linguagem imagística! Você está toda dentro, imagística Marina, no imediato destas figuras que você cria com a palavra. Este tipo de linguagem convém a você porque é direta e vivaz como você. É colorido, é prático, é eficaz. Você é mulher de ação: antes você consulta e depois... resolve de vez, “corta a cabeça do touro”, “como se costuma dizer”¹ numa conversação familiar. Às vezes, algumas de suas expressões são de tal modo espontâneas a causar perplexidade. Você mesma o reconhece quando escreve: “conto, defendo e falo, se quiser, com uma certa franqueza”². Também à coirmã Rogorini você escreve sem hesitação sua máxima no que diz respeito a um seu aborrecimento, isto é, que não se deve dar peso àquelas pessoas que não realizam nada: “O pouco caso é para aquela numerosíssima multidão de homens e mulheres folgazões e inconsequentes que povoam a terra”. E, se existe alguma palavra a pôr em evidência, eis que você a sublinha prontamente.

Sua escrita e sua fala são simples e lineares, logo, compreensíveis a todos, eficazes, ricas de referências como só as figuras conseguem fazer. Linguagem nada formal na boca de uma religiosa, responsável por uma congregação inteira; linguagem

talvez de pouco uso, por ser multiforme, imprevisível, mas, justamente por isso, adequada à capacidade de escuta de quem quer que seja. Linguagem misturada de provérbios e de maneiras de dizer, com a sabedoria popular que esses ditos sabem transmitir.

Não falta nesta sua terminologia um fio de afável ironia. Alguns exemplos os encontro em expressões deste tipo, quando você quer dizer que todos no mundo tem sua função, como acontece com os instrumentos de uma orquestra, porque: também as trombetas são úteis numa sinfonia. Basta usá-las no momento oportuno”⁴.

No leque de suas expressões não faltam nem mesmo velados subentendidos que, ai de mim, não conseguimos mais entender! Perdemos o contexto, pelo que não conseguimos voltar a seu significado. Conservamos de você também essas imagens mudas, privadas de suas referências. Não me atrevo, certamente, fazer uma lista, porque seria chato e inútil, mas, para dar pelo menos uma idéia ao leitor, poderia dar um exemplo, unicamente um, quando você diz: “Gostaria de mandar logo dom Gius Nicora ao Paraíso terrestre...”⁵. Não é, como poderia parecer à primeira vista, uma expressão irreverente em relação a este personagem pertencente ao clero diocesano milanês, mas uma curiosa referência à vila chamada “Paraíso”, onde Monseñor Caccia tinha sua residência.

Você é uma mulher sutil, Marina! É certo que você brincava com as palavras, gostava, realmente, de transformá-las em imagens. Pouco importa se, de tanto em tanto, no surgir frenético dos pensamentos, você deixava escapar alguma imprecisão ortográfica, quando a pressa ou o cansaço tinham a melhor.

NOTAS

- 1 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 586, a *Luigi Biraghi*, 4 de julho de 1850. A imagem a que se refere essa expressão é da Videmari e é escrita assim: “Torro”.
- 2 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B4.1, n. 6 a *Giuseppa Rogorini*, 17 de julho de 1861.
- 3 *Ib.*, B4. 1, n. 10, a *Giuseppa Rogorini*, 24 de agosto de 1861. O sublinhado é da Videmari.
- 4 *Ib.*, B4. 1, n. 6, a *Giuseppa Rogorini*, 17 de julho de 1861.
- 5 *Ib.*, B4 1, n. 2, a *Giuseppa Rogorini*, 3 de julho de 1861.

SUAS MÁXIMAS DE SABEDORIA

Ou seja “Você tem um coração de mãe”

Cara Marina,

Percebo, nos meandros desta sua história, que agora estou conhecendo a fundo, sua capacidade de ser mãe e mestra no acompanhamento das pessoas e na fundação das casas. Você trabalhou tanto, desde o início, sobre a massa rude de seu coração para “tornar-se sempre mais madura, reflexiva, verdadeira mãe e matrona”¹, fina nas atitudes e sábia no agir, como a queria padre Luigi.

Agora você está diante de mim com todos seus eventos: a alegria irradiante de quando as coisas iam bem. Os sentimentos mais delicados que não manifestava com frequência, mas que guardava no coração; os medos e os momentos de incerteza que não podia manifestar e que permaneciam nas pregas mais ocultas da mente; a raiva daquelas fofocas sem fundamento que às vezes acompanharam alguns problemas do colégio; a ansiedade que a dominava quando não conseguia fazer as coisas andarem como deveriam. Você diz bem, com uma linguagem simples, quando afirma que “nem tudo pode andar conforme nossos desejos”³.

E mais, os escrúpulos. Você mesma admite “ter herdado um temperamento muito melindroso, o que lhe ocasionava tanto sofrimento”³.

“O coração de Mãe”⁴ que lhe atribuiu uma filha espiritual, Irmã Marianna Sala, você teve que forjá-lo dia após dia. Existem ainda outras palavras afetuosas escritas nessa carta que revelam um seu traço materno, muitas vezes sombreado pela sobriedade de seu caráter franco: “Agradeço-lhe tanto, tanto, por mim e pelas Irmãs, toda a generosidade de coração com que se propõe a providenciar além do que precisamos. Se soubesse o quanto me comovem certas expressões suas!... Mas a senhora tem um coração de Mãe: eis tudo. Deus a abençoe e a console”.

Você soube fazer amadurecer um coração amável e sensível, capaz de fazer espaço a muita sabedoria para enfrentar, em primeiro lugar, suas próprias fragilidades e, depois, as das coirmãs e filhas, para colocar as bases de uma vida serena, para superar os revezes da vida que nunca faltam e que, aliás, geram forças precisamente enquanto as energias diminuem com o passar dos anos. É como afirmar que as dificuldades nunca chegam sozinhas: quantas vezes você experimentou que “as coisas desagradáveis chegam sempre binadas”⁵. Então não há outra coisa a fazer senão render-se à vontade de Deus: “Mas, então, como fazer? É necessário receber tudo da mão de Deus, senão não se ganha nada para o céu e se perturba muito na terra”⁶.

Boa afirmação, porque essas palavras vêm precisamente a seu caso, especialmente quando você se encontrou diante de grandes decisões a tomar, como a de fundar uma nova casa. Quanta aflição – você lembra – para decidir abrir um colégio em Lecce! Diante da proposta, seu coração de mãe pensou logo nos sacrifícios que você deveria exigir não só de você mesma, mas também das filhas marcelinas. Casas a atender já havia muitas; e depois, os anos haviam passado também para você e para as Irmãs sobre quem costumava contar. Além do que, você sentia que suas forças diminuía, visto que Birghi havia falecido: “Meu Venerado Fundador não estava mais, e por mim mesma,

pobrezinha, sozinha, não me sentia capaz de empreender novas fundações”⁷. Por um momento, você foi tomada pelo desânimo.

Todavia, o trabalho estava começado. Choveram do alto todas aquelas vozes de autoridades, nas quais você tinha sido educada a expressar-te a vontade de Deus; antes de todas, as do cardeal e do arcebispo que a impeliavam a aceitar. Dissolvia-se, assim, parte de seu temor, bastante justificado, e outra parte, ao invés, permanecia ainda presente: “Dizem: vão a Lecce, que Deus o quer, e eu faço um passo para frente e três para trás”⁸. Então, você recorreu à oração “para que Deus a iluminasse naqueles dias de decisões”⁹. Veio-lhe logo à mente a luta de Jonas¹⁰ que não queria mesmo ir à Nínive. Você diz “aceitar me apavora e me entristesse”¹¹, no entanto, finalmente, você foi a Lecce, como Jonas, a Nínive. Esse colégio existe ainda hoje, solene no tamanho, imerso no amplo verde do pomar e da horta.

Já idosa, quando não estava mais em condições de girar pelos colégios, de visitar suas filhas pessoalmente e de animá-las ao bem, você chegava a elas com seu conselho e recomendava que fosse levado em consideração, porque fruto de grande experiência¹². Uma coisa especialmente você fazia questão de transmitir – você a havia experimentado anos antes – que em todas as pessoas existe o bem e o mal e que cada um deve ser considerado na sua totalidade: “é o que acontece a todos os homens; é necessário colher o bom e compadecer-se das fraquezas”¹³.

Estando no leme da nave, “nossa pobre nave”- como você gostava de defini-la, usando a mesma imagem da Regra, - nave que “navegou sempre bem, aumentando em casas, em comodidade e em bênçãos de Deus”¹⁴, você compreendeu bem que também as Irmãs têm seus defeitos. No posto privilegiado da “nave principal”¹⁵ de Quadronno, você logo viu de perto “as

misérias que existem também nas hortas fechadas e no jardim do Senhor”¹⁶ e, já perto do fim, não lhe faltava o coração de mãe para compreendê-las. Os anos a tornaram mais sábia, mais sensível. Para as Irmãs, você tinha se tornado a “Vossa Afeioadíssima Velha Madre”¹⁷ que, algum ângulo de você mesma, com o tempo, havia aplainado, que havia aprendido, você mestra, algumas lições de vida da história, porque, “a história é Mestra da vida!”¹⁸ para quem dela souber tirar proveito e busca ponderar e melhorar a si mesmo e a tudo o que empreender”¹⁹.

Por exemplo, você tinha aprendido a temperar suas cartas com uma pitada de humorismo, capaz de adoçar o rigor do discurso, quando este era exigente. À superiora Rogorini, a quem você escreveu uma longa carta sobre as fadigas que sua função envolvia e, sobre quanto essas últimas, todavia, lhe teriam favorecido a santificação, assim você concluiu: “Dispensó-a de ouvir a pregação amanhã, porque já a fiz e longa”²⁰.

A propósito de “sermão” e, logo, de padres: no coração de mãe havia lugar também para eles. Não sempre, sabe-se, é possível gozar de sua colaboração, torná-los participantes do projeto em ato, tê-los a seu lado, enfim. Então, deve-se encorajar o “tímido e incerto sempre”²¹ ou, então, refinar a intuição daquele outro grosseiro e pouco perspicaz, um verdadeiro “fuxiqueiro de Cúria”²². Uma imagem sugestiva nunca prejudicava seu linguajar colorido.

Este coração de mãe empenhava-se muito em contentar a todos: coisa difícil também para você, se nos detivermos ao que você conta numa carta ainda inédita²³. Trata-se de uma preciosa prova que nos chegou colada nas margens, com duas etiquetas, numa folha amarelo claro e com a data escrita a lápis. Verdaderamente preciosa porque testemunha não só seu empenho constante pela obra, mas, sobretudo, pela atenção que você devotou a

quem deveria sentir-se satisfeita pela obra. Na realidade, com a sabedoria dos anos, assim você se dirige à Irmã Rogorini: “Persuada-se de que não sou incontentável, nem exijo mais do que cada uma me pode dar, assim, Deus me ajude até o último suspiro, mas há um problema e grande que não consigo contentar a todas e, se a isso se acrescenta chamar a atenção desta ou daquela, ou porque corre demais, ou porque não quer andar, as torno insatisfeitas. Mas, li, uma vez, uma bela frase, um pensamento novo “Criar não é nada, o mais difícil é contentar as pessoas”²⁴. Assim você se exprimia em seu dialeto que gostava de usar quando queria gerar um conceito que nenhuma outra linguagem no mundo sabe fazê-lo, de maneira tão direta, como os provérbios. O falar local tinha uma outra vantagem: sabia tirar a fria oficialidade de seu dizer e aproximar o interlocutor com simplicidade, deixando-o logo à vontade.

O coração de mãe tinha também aprendido a deixar em segundo plano o interesse pela instituição, embora lhe fosse muito cara, dando prioridade às exigências da pessoa que se tornara para você prioritária. A quem lhe agradecia por se ter interessado pela sua saúde com solicitude materna, você respondeu: “Recebi sua carta cheia de reconhecimento por tê-la mandado aos banhos de mar. Desagrada-me somente uma frase repetida: de me ter dignado a pensar em você”²⁵. Você compreendeu e recomendava a suas Irmãs que “a nós, religiosas [...] bondade e caridade nos convêm mais”²⁶. Sim, sua fala sobre a caridade tornou-se predominante em você à medida que os anos passavam e se tornava real na vivência da vida religiosa como vida de família, feita de presença materna, de relações fraternas entre as Irmãs, e, quando houvesse necessidade de uma chamada de atenção da parte dos superiores, que o fizessem sempre como “suaves admoestações”²⁷.

Enquanto escrevia essas palavras, certamente lhe vieram à mente – embora transcorridos já uns cinquenta anos – aqueles “doces momentos, quando se fala familiarmente com Jesus!”²⁸, numa relação de simplicidade que padre Luigi lhe havia ensinado para com aquele Deus que por primeiro “fala conosco de modo familiar”²⁹. Desse modo de agir e de rezar encontro referência também na Regra, onde há uma outra citação inerente ao relacionamento fraterno que deve existir entre os membros do instituto: das irmãs se diz que formarão “uma só família sob uma só direção, com um patrimônio comum, com um só coração”³⁰.

NOTAS

1 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 54, 6 de maio de 1839.

2 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, n. 29, a *Giuseppa Rogorini*, 12 de fevereiro de 1879.

3 Arquivo biraghi Luigi, *Epist II*, n.558, a *Luigi Biraghi*, 4 de maio de 1847.

4 Enrica Gussoni, *Lettere della Beata Maria Anna sala Suora Marcellina*, n. 7, 26 de setembro de 1873.

5 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B3. 1, n. 81, a *Emilia Marcionni*, 26 de outubro de 1881.

6 *Ibidem*.

7 Marina Videmari, *Alla prima fonte...*, p. 128.

8 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B3. 1, n. 145, a *Emilia Marcionni*, 14 de junho de 1882.

9 *Ibidem*.

10 A referência é ao profeta Jonas, cujo episódio é narrado no Antigo Testamento, (*Jo* 1, 1-3).

11 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I* B3. N. 145, a *Emilia Marcionni*, 14 de junho de 1882.

12 Cf. *Ib.*, B5. 1, 9, às *Suore*, 14 de dezembro de 1890.

13 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 564, a *Luigi Biraghi*, 7 de dezembro de 1849.

14 Arquivo Videmari marina, *epist. I*, B5. N. 9, às *Suore*, 14 de dezembro de 1890.

15 *Ib.*, B4. 1, n. 12, a *Giuseppa Rogorini*, 6 de janeiro de 1869.

16 *Ib.*, B5. 1, n. às *Suore*, 14 de dezembro de 1890.

17 *Ibidem*.

18 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B5. 1, n. 10, às *Suore*, 27 de dezembro de 1890.

19 *Ib.*, B3.1 n. 162, a *Emilia Marcionni*, 17 de janeiro de 1891.

20 *Ib.*, B4. 1, n. 11 a *Giuseppa Rogorini*, 24 de agosto de 1861.

21 Marina Videmari, *Alla prima fonte...*, p. 101.

22 *Ibidem*.

23 Cf. Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B4. 1, n. 147, a *Giuseppa Rogorini*, 18 de dezembro de 1889.

- 24 *Ibidem*. Da máxima do dialeto milanês pode-se entender que a coisa mais difícil a fazer não consiste tanto no aplicar-se com sucesso à obra, quanto contentar as pessoas.
- 25 Arquivo Videmari marina, *Epist. I*, B5. 1, n. 4 a *Francesca Cristini*, 22 de julho de 1881.
- 26 *Ibidem*.
- 27 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I* B5. 1, n. 7 às *Suore di Cernusco*, 23 de novembro de 1888. Esta circular é uma das mais significativas que revelam o espírito materno da última Videmari ao considerar as coirmãs como pertencentes não tanto à instituição quanto a uma família. Expressões como “verdadeiras mães”, “irmãs maiores da família” são uma contínua lembrança do núcleo familiar, para indicar a atmosfera que devia estar presente entre as primeiras Marcelinas. A referência recíproca devia ser sempre correta, respeitosa, fruto da caridade. Eis o texto completo da carta: “Minhas muito amadas filhas Irmãs de Cernusco, não podendo ir visitá-las, permitam-me que lhes mande, de tempo em tempo, alguma cartinha para dar-lhes algum conselho. Permaneçam todas em seu lugar. A Superiora desempenhe seu ofício com caridade, prudência, qual verdadeira mãe como o fez até aqui, informando-me sobre as mínimas faltas de caridade de suas dependentes para fazer mudanças em tempo e dar suaves admoestações a fim de manter a paz na Casa. As Assistentes, quais irmãs maiores da família, ajudem de coração a Superiora. Auxiliem-na em tudo, mas com dignidade e discrição, verdadeiras mães com as Irmãs; deem-lhes continuamente bom exemplo, animando esta, aconselhando aquela, estimulando a outra; mas tudo com grande doçura e caridade, não por conta própria, mas aconselhando-se com a Superiora. E vocês todas, dilettíssimas Irmãs, amem-se, honrem-se, respeitem-se mutuamente. Vocês não imaginam quantas bênçãos de Deus, quanto bom nome fora, quanta paz entre vocês obterão, colocando em prática essas máximas. Adverti-as como nunca em Quadronno e louvo a Deus por isso. Evitem toda palavra menos educada; não levantem demasiadamente a voz; boicotem a superioridade. S. Paulo diz: “Jejuar, mortificar-se, fazer penitência a vida inteira, coisa boa; mas, se não houver caridade, anatema sit! Dar esmola aos pobres é obra santa, mas, se não houver caridade, anatema sit! Ressuscitar mortos é ato extraordinário, mas, se não houver caridade, anatema sit!” ‘E são graves faltas de caridade: ser indelicadas umas com as outras. Respostas secas, sim, não. – Digam: sim senhora, não senhora. – E muito menos o orgulho e as murmurações. Verdadeiramente, não digo isso porque vo-

cês se comportam assim, não caras; pedi licença para dar-lhes estes poucos conselhos, frutos de experiência e devidos ao meu cargo. Agora uma oração. Peço que façam uma prática devota, sugerida pela sua Superiora, durante seis terças-feiras, para obter uma graça em favor de vocês e de todo o nosso instituto. Rezem por mim, diletíssimas. Que o Senhor as abençoe todas! Sua Afeíçoadíssima Ir. Marina Videmari Sup[eriors]”.

28 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 17, 22 de maio de 1838.

29 Luigi Biraghi, *Regola delle suore Orsoline di S. Marcellina*, p. 27.

30 *Ib.*, p. 19.

OS ÚLTIMOS ANOS

ou seja “estou velha”

Cara Marina,

Coloquei-me aqui, diante de seu retrato de jovem Irmã, como aparece na capa. O quadro original do qual tirei esta sua foto está pendurado na parede de uma sala da atual casa-madre. Os traços joviais de seu rosto, imortalizados por hábeis pinceladas, lembram com dificuldade os traços já amadurecidos de suas fotografias já amarelecidas que se entreveem atrás dos reflexos das vitrinas do museu¹.

Confrontando essas imagens, porém, aparece claro, na pintura, que as feições de seu rosto foram enobrecidas, retocadas por um hábil pincel, o de uma sua coirmã do século XX, Irmã Edvige Bender. Todavia, a primeira ideia não foi dela: ela se inspirou numa tela atribuída à escola de Hayz, famoso retratista do século XIX. Essa pintura está também conservada na casa generalícia: aqui você aparece solene, em pé, atrás de uma mesa sobre a qual se apóia um livro que você está folheando, o olhar dirigido ao crucifixo. É jovem, é bela.

Na verdade, seu aspecto real não correspondia aos modelos estereotipados de beleza que a lógica imaginária do mundo quer aplicar também a você, embora religiosa, mas sempre mulher: o costume quer que a estética esteja diretamente proporcio-

nal à ética. O conceito clássico da beleza ideal associa-se inseparavelmente à bondade, contra a experiência de vida que torna vão todo julgamento baseado unicamente no aspecto físico.

Eu também, por minha vez, quando se tratou de tornar pública sua imagem, preferi dar ao leitor suas aparências dentro dos moldes convencionais da beleza feminina. Eu o fiz conscientemente porque, assim fazendo, neste ponto de minha carta aberta, parece-me, de qualquer modo, não ter falsificado seu aspecto, se o entendemos na sua globalidade, na configuração verdadeira de todo seu ser. Agora que a conheço melhor, que sei quem você é, que sondei sua inteligência crítica, medido sua autoridade, dividido os sobressaltos de sua emotividade, percorrido os sulcos traçados pela sua espiritualidade, posso afirmar, para além de qualquer imagem de você, tê-la olhado verdadeiramente no rosto, biblicamente face a face, isto é, na sua autêntica beleza, que compreende também a interior.

Na harmonia de todo seu ser, seu aspecto não me poderia ser senão muito amado, qualquer que tenha sido realmente. Seu verdadeiro rosto, encontro-o imortalizado nas primeiras películas fotográficas, talvez não tão belo, talvez não mais jovem, todavia, capaz de deixar transparecer sabedoria, confiança: pode-se ler também atrás das rudes aparências, atrás das pregas das rugas, sua delicadeza de mãe. Quero pensá-la assim, na verdade dos traços já maduros, quando você diz, sem meios-termos, “estou velha” um ano antes da morte, e assina as últimas cartas dirigidas às Irmãs “Sua afeioadíssima Velha Madre”. Até o fundo é sempre você, assim tão direta e franca também com a morte. Pouco tempo antes, na verdade, fazendo o balanço de sua vida, você se perguntava: “Mas o que sou eu, enfim? Um bambu que Deus, com um sopro, faz falar conforme seu beneplácido e dele se servirá até quando achar bom usá-lo segundo seus inescrutáveis decretos, ou de chamar para junto de si para substituir outra sentinela em Israel”³.

Dizia que era um ‘instrumento’ nas mãos de Deus, tanto assim que, talvez não por acaso, nas linhas seguintes da carta você quis lembrar a aquisição daquele “belo órgão” que havia colocado na igreja e daquela arpa, comprada “para contentar alguns pais” que desejavam que suas filhas aprendessem a tocar: Encontram-se ainda na casa de Quadronno esses dois instrumentos, testemunhas fiéis de um passado que podem ainda falar-nos .

Provavelmente não se sentia tão velha, embora se tenha definido por brincadeira como “antiguidade”⁴, naquele tremendo dia de 1866⁵, quando se apresentou em Quadronno uma comissão proveniente da delegacia de polícia encarregada de apurar se havia no colégio “objetos preciosos, monumentos, obras de arte, códigos e manuscritos antigos”⁶. “Nada disso encontrarão” - respondeu secamente e, com a habitual argúcia, acrescentou – “que lá só havia coisa sem valor e moderna. A única antiguidade desta família sou eu porque sou a primeira a formá-la”.

Contudo, num certo ponto, a velhice tinha chegado realmente para você, como narra o documento que conta seus últimos dias terrenos: “Todo o mais belo dia tem seu ocaso, e, embora esteja sempre irradiado de luz serena, prelúdio da próxima aurora sorridente, é sempre um ocaso!”⁷. Este mesmo documento nos faz saber que você tinha mudado duas atitudes antigas: não mais correr à direita e à esquerda, mas passar os dias entre o quarto e o escritório. Você não se queixava, mas podia-se imaginar um véu de tristeza sobre seu rosto. Suas filhas estavam sempre atentas para mantê-la o mais possível tranquila, conhecendo bem sua “sensibilidade, seu caráter suscetível, a facilidade de se preocupar com tudo e, às vezes, não sem ansiedade”⁸.

Sim. Você se teria mantido ansiosa por toda a vida, como a conhecemos quando noviça! Deve-se dizer, porém, que nunca perdeu sua “habitual benignidade, mesmo no leito das dores e nos entretenimentos familiares e exemplos virtuosos”⁹ dados às

que a assistiam, e não deixava de agradecer-lhes festivamente pelo menor serviço prestado. Como mulher forte que sempre foi, dava orientações à espera do fim. Ter-se-ia pensado que você não temia a morte: “É tempo que parta; - dizia com grande prontidão de espírito – a vida presente é uma passagem para uma melhor; vocês, rezem muito por mim”¹⁰.

Assim você terminava seus dias sem desmentir seu “caráter soberanamente forte e maternalmente doce”¹¹. Queremos lembrá-la assim, peregrina nos difíceis caminhos da história em direção à pátria eterna.

NOTAS

- 1 O material fotográfico a que se refere está conservado no museu Beato Luigi Biraghi, na casa das Marcelinas em Cernusco Sul Naviglio (MI).
- 2 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B5. 1, n. 9, às *Suore*, 14 de dezembro de 1890.
- 3 *Ibidem*.
- 4 Arquivo Biraghi Luigi, *Memorie riguardo alla suppressione religiosa. Anno 1866 (dal 28 luglio al 30 agosto)*, catálogo provisório no ALB 2, &7, 7d, s.d.p.1.
- 5 Foi no dia 28 de julho, quando a Videmari se defrontou com a visita fiscal no colégio de Quadronno para aplicar a lei da supressão dos institutos religiosos.
- 6 Arquivo Biraghi Luigi, *Memorie riguardo alla suppressione religiosa. Anno 1866 (de 28 de julho a 30 de agosto)*, catalogação provisória em ALB 2, R7, s.d. p. 1.

7 Archivo Videmari Marina, *Madre Marina Videmari: notizie biografiche, cronache, studi e riflessioni intorno alla sua figura*, A1.3.1, *Malattia e morte della Venerata Fondatrice ed esequie*, s. d. p.1.

8 Ibi., p. 2.

9 *Ibidem*.

10 Ibi., p.3.

11 Ibi., p. 4

MARINA, UMA MULHER PARA A ESCOLA

ou seja “meu ‘*seminarieto*’ de 25”

Cara Marina,

Durante toda sua vida você nunca parou de estudar nem de... fazer estudar. Nas cartas, na verdade, aflora muitas vezes o assunto escola: e não poderia ser senão assim, pois seu mundo pertencia à escola. Tenho diante de mim uma que me parece muito significativa porque resume sua experiência: você a escreveu quando já era “velha”¹ como você mesma se define nas últimas cartas. Dessas linhas emerge quanto interesse você teve para que as escolas estivessem sempre “em perfeita consonância com as leis vigentes”, de modo a desenvolver sua atividade educativa no respeito às normas do Estado. Quem sabe o quanto você se empenhou para o bem do instituto, o quanto se cansou para que os exames pudessem ser mantidos “em casa [...]”. Que bom! Que vantagem para o Instituto”! Você quer que o estudo seja planejado com seriedade e enfrentado com êxito, você quer que em seu instituto paire sempre uma “forte inteligência para dedicar-se a tais estudos” da parte dos alunos definidos por você como “bons sujeitos”.

A atenção para com a escola se manifesta na dedicação aos alunos. E também às professoras. Você se preocupa com a formação de suas professoras, que devem ser “Mestras boas e competentes” e não devem mostrar-se “vaidosas e sabichonas”, “inaptas para educar”.

Biraghi, por sua vez, ficava satisfeito com a fama que o instituto ia adquirindo sempre mais e lhe referia com prazer os elogios que lhe chegavam aos ouvidos, aquele “um grande bem, quase uma maravilha”². Quanto ao mais, a formação e a atualização das professoras eram contínuas. O que era ensinado era escrito detalhadamente até na Regra: “As ciências ensinadas no Instituto são: antes de tudo, a Religião, depois, todos os trabalhos femininos, mesmo os de puro ornamento, a caligrafia, a gramática e a literatura italiana, a aritmética, o francês, os fundamentos de história e geografia e, onde fosse possível, também outras matemáticas, o alemão, a música, o canto, o desenho”³. Ao ler esse elenco de matérias, faz-se um mergulho no passado: algumas delas prendem-se a um mundo, o seu, que já não existe. Permanece, contudo, ainda válida, a mesma finalidade didática: o estudo era considerado meio e não fim em si mesmo. Não devia ensoberbecer, certamente não devia criar diferenças de classe, nem mesmo entre as Irmãs que, indistintamente, se ocupavam dos trabalhos domésticos como qualquer mulher. De igual modo deveriam ser educadas as alunas: e isto era uma novidade de ordem social, que não deixou de ser salientada nos seus tempos⁴. A educação transmitida nos seus colégios era uma educação séria. Sabemo-lo por um artigo de jornal⁵ publicado pelo professor Baroni, estimado educador do instituto de Cernusco, o qual afirmava que “na educação juvenil um pouco de espartanismo faz bem”.

A seriedade dos estudos unia-se bem à prática de um método pedagógico moderno, que consistia em viver sempre em contato com as alunas, na simplicidade, como em família. “Método abençoado”⁶: a experiência de vida partilhada ensinava. Sobre esta linha há ainda muito a se falar. Dizia-se que a “Característica peculiar dos colégios das Marcelinas era a convivência de educadoras e alunas e laços mais estreitos com as famí-

lias. O Biraghi, na verdade, permitiu que as educandas pudessem passar as férias de verão junto às famílias, receber visitas dos pais, sair toda semana para passeio, visitar os doentes no hospital, diversamente do estilo de vida dos educandários dos mosteiros femininos nos quais as educandas participavam da clausura das monjas. As educandas das Marcelinas, mantendo contato com a sociedade durante os anos de formação, preparavam-se melhor para a vida”⁷. E isso não era, certamente, pouca coisa.

Mas há outras coisas. Com o passar dos anos, você foi sempre mais orientada para a formação didática e religiosa; por esta razão, você instituiu uma nova estrutura em estreita sintonia com o mundo escolar, a partir do nome – “meu ‘*seminarieto*’ de 25”⁸ – como o fizeram em outros tempos S. Bento e S. Basílio e outros grandes”. Tratava-se de transmitir às jovens uma sólida formação cultural e, ao mesmo tempo, espiritual e de prepará-las, assim, também à escolha da vida religiosa.

Deste seu tão amado “*seminarieto*” parece-me, contudo, que um outro aspecto seja ainda mais interessante: podemos considerar que, para você, a formação de bons cristãos e de bons estudantes coincide, quando você exclama “Eis como se formam bons e santos religiosos e conservou-se a boa língua italiana”⁹. De fato, você vê a formação cristã como inspiradora do saber: aqui está o núcleo de seu carisma traduzido na prática escolar, na didática cotidiana. Será que os professores que trabalham nos institutos atuais conservam esta visão? Será que são “bons e competentes” como você pretendia que fossem? Será que conseguem fazer amadurecer nos alunos a formação cristã através da vida escolar de cada dia? Será que conseguem atingir a instrução básica que teve padre Biraghi: formar as jovens mulheres do amanhã para que sejam as colunas da futura sociedade, restaurando os costumes a partir de dentro?

A mensagem está toda voltada para o feminino: afinal, no seu tempo não podia senão ser assim. Cabe a nós atualizá-la, dirigindo-a também ao masculino.

Cara Marina, você sempre se encontrou no meio de exames. Toda sua vida foi um exame. Antes, os seus pessoais, para obter o diploma de professora e, assim, poder ensinar; depois, para solicitar os de suas coirmãs, seja para obter a habilitação ministerial ao ensino¹⁰, seja – e são os últimos anos de sua vida – para obter-lhes o diploma universitário exigido aos professores do ensino médio. Sim, Marina, você fazia muita questão que seu instituto estivesse sempre conforme às exigências dos tempos e, para tanto, você deveria garantir uma preparação didática sempre atualizada¹¹.

Você sempre se preocupou com os exames das alunas, que precisavam ser encorajadas e apoiadas nas provas. Às vezes era necessário uma pitada de sã ironia para equilibrar as tensões: “também quanto a Brambilla, Deus providenciará, isto é, fazendo-a sentir-se um pouco melhor ou fazê-la morrer antes do exame”¹².

Tanto empenho era ainda sustentado pela oração: “Reze, que amanhã nossas três alunas em Chambéry devem fazer o exame”, você recomendou à coirmã Rogorini¹³. Três dias depois, de novo lhe escrevia, não conseguindo esconder sua impaciência pelos resultados. Até agora não recebi a notícia do resultado do exame”¹⁴. Alguns dias ainda e você teve conhecimento: “Os exames foram como Deus quis; Comissão terrível; ninguém passou, nem mesmo as nossas”. E acrescentou em seguida: “Quieta! Ninguém ainda sabe”¹⁵. Mais três dias para recompor-se do impacto e retomar ânimo; “Não, não me afligi pelo mau êxito do exame; a ciência permanece, diplomas, já temos um e é suficiente”¹⁶.

De qualquer modo, o balanço permanecia ativo: você re-dimensionou logo o fracasso, na certeza de que uma preparação séria não acaba danificada por um episódio negativo.

NOTAS

- 1 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B5. 1, n. 10, às *Suore*, 27 de dezembro de 1890. As citações segintes foram tiradas da mesma carta.
- 2 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 330, 21 de novembro de 1842.
- 3 Luigi Biraghi, *Regola delle suore Orsoline de S. Marcellina*, p. 47.
- 4 Era a *Gazzetta privilegiata di Milano*. Cf. *Positio super virtutibus*, p. 325.
- 5 Luigi Biraghi, *Regola delle suore Orsoline de S. Marcellina*, p. 55: “Não abandonem nunca o método até aqui abençoado, o de estarem sempre no meio das alunas, nos dormitórios, no refeitório, no recreio, pois essas se formam mais com seu bom exemplo do que com muitos preceitos”.
- 6 Massimo Marcocchi, *Introduzione*, em Luigi Biraghi, *Lettere alle sue fillie spirituali*, vol. I, p. 9.
- 7 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B5. 1, n. 10, às *Suore*, 27 de dezembro de 1890. Sobre o seminarieto, já foi explicado no capítulo 4.
- 8 *Ibidem*.
- 9 Foi em 1865.
- 10 Visto que o governo exigiu o diploma universitário para os professores do ensino médio, de 1889-90, a Videmari fez apresentarem-se a sessões extraordinárias de exames, junto à universidade de Pavia e de Gênova, 14 Irmãs, que obtiveram diploma em letras, pedagogia, moral, ciências naturais e matemática.

- 11 “Para manter seu instituto informado sobre as exigências dos tempos e para favorecer a preparação intelectual das Irmãs, Marina Videmari decidiu que algumas Irmãs obtivessem o diploma, inserindo-se, assim, no movimento que trabalhava para o acesso da mulher na universidade” (Massimo Marcocchi, *Introduzione*, em Biraghi Luigi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, vol.I, p. 9).
- 12 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, n. 9, a *Giuseppa Rogorini*, 17 de agosto de 1861.
- 13 Ibi., B4. I, n. 38, a *Giuseppa Rogorini*, 26 de março de 1879.
- 14 Ibi., B4. I, n. 39, a *Giuseppa Rogorini*, 29 de março de 1879.
- 15 Ibi., B4. I, n. 40, a *Giuseppa Rogorini*, 2 de abril de 1879.
- 16 Ibi., B4. I, N. 41, a *Giuseppa Rogorini*, 5 de abril de 1879.

QUASE UMA CONCLUSÃO

Ou seja “o grande boletim que nos interessa”.

Cara Marina,

Já estou chegando ao fim desta minha carta aberta, dirigida a você e partilhada, ao mesmo tempo, com quantos tiveram a vontade e a constância de chegar até este ponto da leitura; aqui acaba minha descrição”¹, como você disse, concluindo a vibrante narrativa que nos deixou de sua vida em Veneza.

A história de sua vida chegou ao fim, mas a descoberta de sua figura de mulher, de religiosa, de marcelina não está concluída. Aliás, mal começou. Pode estar satisfeita: procurou o caminho a percorrer, fundou colégios na Itália e no exterior, tornou-se “uma grande Madre”, como disse Marianna Sala. Depois, falecido Biraghi, ficou você, a venerada Fundadora. Enfim, chegou também para você a hora de mostrar “o grande boletim que nos interessa”³ a todos, para falar até o fim em termos escolares. Falo do balanço de sua vida.

Você teve, também, alguma satisfação, dizia eu, por exemplo, quando o *Corriere della sera*⁴ daquele longínquo 1889 informou com benevolência os resultados brilhantes obtidos pelas Marcelinas nos exames universitários, e *La Voce* de Roma citou as palavras do *Cittadino*, jornal local de Gênova, onde se deu a brilhante prova: “Nesses dias, na régia Universidade de Gênova, nove Irmãs Marcelinas enfrentaram os difíceis

exames em belas letras e foram elogiadas pela comissão examinadora. Foram todas aprovadas. Nossos parabéns às exímias senhoras que demonstraram uma vez mais como os estudos sérios e profundos podem muito bem conciliar-se com as práticas da religião que é, na verdade, inspiradora do saber”⁵. Belíssimo testemunho, em perfeita consonância com o carisma.

Até o fundo você esteve na vanguarda: Sem dúvida, trata-se de diplomas obtidos entre as primeiras como mulheres e como religiosas. Afinal, sua vida começou com a bandeira da novidade, com uma nova forma de vida religiosa, justamente a da marcelina. E com a novidade logo se caracterizou: Viver familiarmente com as alunas, levá-las à praia e ao exterior para aprender a língua. Coisa sem precedentes em seu tempo!

De você, ficaram para nós diversos ensinamentos, entre os quais, pelo menos algum, resumidamente, agrada-me lembrar. Você queria que se aprendesse nos livros – você mesma logo pediu alguns ao padre Luigi – mas, sobretudo, diretamente da vida, porque – é bom repeti-lo em conclusão – “a história pessoal e dos acontecimentos é mestra para quem sabe aproveitar e tem a tendência de ponderar e melhorar a si mesmo e tudo o que empreende”⁶.

Você também queria que diante de “tempos turbulentos”⁷ não se perdesse a dedicação, nem enfraquecesse a esperança de melhorar a sociedade. Você nunca esteve indiferente diante das expectativas de sua congregação e nem perdido de vista o fim pelo qual fora instituída, que está impresso com muita clareza no prólogo da Regra: “O fim, pelo qual, com a ajuda de Deus, esta Congregação foi fundada foi o de bem educar as jovens de cujo desempenho cristão e civil depende em grande parte o bem da Igreja e do Estado”⁸.

Sua posição no campo educativo foi como a linfa vital que sobe de baixo, sem fazer barulho, dia por dia.

Por isso, você foi decidida no dar uma resposta ao que o Biraghi apontava como o “estrago da educação”⁹ e que você chamava também o “estrago das famílias”¹⁰, dividindo plenamente com ele a preocupação que recaía sobre a educação das alunas: “formemo-las, pois, nós, aceitando as que Deus nos mandar”¹¹, você respondia à degradação de seu tempo, empenhando nisso sua dedicação, sua criatividade.

Cara Marina, como gostaria de ler o boletim de sua vida. Quem sabe quantas boas notas você mereceu no Céu! ”Eis que, pouco a pouco, vamos todas à pátria – você escreveu à Rogorini – Mas, pense na nossa alegria, se Deus usar de misericórdia, de reencontrar-nos todas unidas nEle na glória!”¹².

NOTAS

1 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B4. 1, n. 20, a *Giuseppa Rogorini*.27 de maio e 2878.

2 Enrica Gussoni, *Lettere della Beata Maria Anna Sla Suora Marcellina*, n. 11, 13 de outubro de 1873.

3 Arquivo Marina Videmari, *Epist. I*, B6. 1, n. 15, *Alle alunne del collegio Quadronno*, no Natal de 1888.

4 Trata-se dos números 16 e 17 de novembro de 1889.

5 Trata-se do número do dia 15 de novembro de 1889.

- 6 Arquivo Marina Videmari, *Epist* I, B3. 1, n. 162, a Emilia Marcionni, 17 de janeiro de 1891.
- 7 Marina Videmari, *Alla prima fonte...*, p. 132.
- 8 Luigi Biraghi, *Regola delle Suore Orsoline di S. Marcellina*, p. 17.
- 9 Arquivo Luigi Biraghi, *Autografi*, n. 69, *notizie sull'istituto milanese delle Suore Orsoline Marcelline*, s.d.: “Após a supressão geral dos institutos religiosos, em 1810, as senhoras leigas apoderaram-se de toda a educação das jovens de condição civil da sociedade de Milão. Era uma educação frívola, além do mais, voltada à aparência e à vaidade. Com a pompa dos favores públicos, com as bajulações pelos certificados honrosos concedidos às alunas, com a pretensão de ter aquela ampla ciência negada pelas antigas religiosas, viviam enganando os pais e estragando uma geração inteira. Estando eu em Milão, experimentei um grande pesar deste grave estrago universal da educação e, com a ajuda de Deus, pensei como se poderia instituir um corpo religioso que unisse o método e a ciência exigida pelos tempos e pelas leis escolares ao espírito cristão, às práticas do Evangelho”.
- 10 Arquivo Marina Videmari, *Epist*. I, B5. 1, n. 10, às *Suore*, 27 de dezembro de 1890.
- 11 *Ibidem*.
- 12 Ibi., B4. 1, n. 30, a Giuseppa Rogorini, 15 de fevereiro de 1879.

O CENTRO DE ESTUDOS DA CONGREGAÇÃO

Ou seja “quem mais sabe mais reconhece o imenso conhecido humano que ignora”

Cara Marina,

Também esta longa carta aberta chegou ao fim. Seu objetivo é o de prestar homenagem à sua figura, restituir-lhe uma fisionomia nova, original, longe da lembrança imóvel e solene que exigiria a comemoração bicentenária. Você foi presa quase de improviso no imediato de seu agir, no concreto de seu cotidiano: entre luz e sombra, entende-se. É este o momento de encontrar “o suco de toda a história”¹.

Chegando ao fim desta narrativa, toquei com mão o quanto me arrisquei ao empreender esta obra, mas, ao mesmo tempo, entendo quanto foi irrenunciável fazê-lo. Tenho consciência de só ter reconstruído em parte sua figura através de uma resenha de textos incompleta, de ter parado um pouco para considerar alguns momentos de sua vida relacional mais que de outros e também – trabalho ainda mais delicado – de ter colocado, às vezes, a nu a intimidade de seus laços. Mas, antes de emitir um julgamento, você deve saber que o exame de cada palavra sua deu a mim e ao leitor atento a oportunidade de refletirmos sobre aspectos peculiares de seu viver cotidiano, de sua experi-

ência de mulher-educadora, aspectos que partilhamos porque são também nossos. E, logo, fez-nos bem.

Marina, eu me havia proposto, desde o início, deixá-la falar, através de sua correspondência e seus escritos: Creio ter conservado o propósito até o fim, dexando ao eu narrativo o papel de guia, mas, atrás dos bastidores, sempre presente, mas discreto.

O Cento de Estudos de tua congregação² lhe teria agradado bastante: entra no âmbito dos estudos, aqueles que lhe davam prazer em cultivá-los; entra no espírito da pesquisa, da abertura da mente e do coração³ tão amada por você e por Biraghi; entra naquele estar sempre na vanguarda que a caracteriza. Eis por que o Centro de Estudos, duzentos anos depois de seu nascimento, sente o dever de celebrar o evento da maneira que mais se aproxima do seu espírito: um pouco divertido, às vezes, fora dos esquemas convencionais, mas sempre filho de um agir correto, sério, compromissado, comprovado, dirigido ao futuro, voltado para o alto, se assim possamos exprimir-nos: tudo serve para desapegar-nos daqui debaixo e fazer-nos desejar sempre mais o paraíso”⁴. Homenagem a você, mulher do “*seminarieto*”, lugar de cultura e oração; homenagem a você, mulher sábia, convencida de que “quem mais sabe, mais reconhece o imenso conhecido humano que ignora”⁵.

Agrada-me concluir este diálogo com as palavras de louvor e de bênçãos que o papa dirigiu ao padre Luigi durante a audiência de 1864, quando foi até Pio IX para solicitar a aprovação apostólica do instituo, daquela “família de Religiosas” que lhe comunicara haver instituído em Milão: “Logo que me viu, disse-me: É este o canônico de Milão que trabalha tanto para a glória de Deus com livros e boas obras: abençoo-o com todas as bênçãos. E não quis que lhe beijasse os pés, mas, a mão. Em

seguida, mandou-me sentar perto dele. Falou-me logo de Santo Ambrósio, de Santa Martcelina, da Diocese etc.etc. [...] Abençoo uma vez mais as Marcelinas, minhas filhas, e abençoo-o também”⁶.

Até logo, caríssima Marina. Minha tarefa chegou ao fim. Foi o de narrar sua bela história, reconstruindo o contexto dos fatos que a viram como protagonista e revestindo o significado de sua linguagem do século XIX com expressões atuais. Minha intenção foi também a de informar e, ao mesmo tempo, de estimular ao bem, com o bom exemplo que você nos deixou. Admito, outrossim, ter tentado recomendar sua história, procurando não entediar quem se aventurasse a lê-la. Não sei se consegui apresentá-la como você teria gostado, mas, eu também como você “esforcei-me para fazer o “melhor” possível⁷. Se, ao contrário, não me saí bem, creia-me, não o fiz de propósito.

Tamara Gianni
Centro de Estudos da Congregação

NOTAS

1 Expressão notável da conclusão do célebre Alessandro Manzoni, *I Promessi Sposi*.

2 O Centro de Estudos da Congregação das Irmãs Marcelinas nasceu em 2007 com o objetivo de aprofundar o conhecimento dos fundadores, di-

vulgar seu pensamento e suas obras, conservar as raízes históricas, culturais e espirituais da congregação.

3 Luigi Biraghi, *Regola delle Suore Orsoline di Santa Marcellina*, p. 71: “na catequese tende sempre como objetivo duas coisas: a instrução clara da mente e o cultivo do coração; especialmente façam conhecer e amar Jesus Cristo. Eis o belo exercício que as torna tantas missionárias e apóstolas de Jesus Cristo!”

4 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 598, a *Luigi Biraghi*, 20 de dezembro de 1850. Marina apenas reformula, fazendo-o seu o ensinamento espiritual recebido de Biraghi sobre o destino do homem: veja capítulo 15, nota 10-14.

5 Arquivo Videmari Marina, *Epist. I*, B5. 1, n. 9 às *Suore*, 14 de dezembro de 1890.

6 Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, n. 877, 19 de novembro de 1864.

7 Arquivo Biraghi Luigi, *Epist. II*, n. 549, a *Luigi Biraghi*, 27 de janeiro de 1841

FICHA BIOGRÁFICA DE MADRE MARINA VIDEMARI (1812-1891)

A ficha é extraída do texto: Luigi Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*. Queriniana, Brescia 2002-2005

- 1812** **22 de agosto** – Nasce em Milão, filha de Andrea, tintureiro, e de Maria Guidetti, originária de Arezzo, terceira de onze filhos, três dos quais morreram cedo. É batizada no Duomo, sua paróquia. Desde cedo, ajuda a mãe no cuidado da numerosa família. Embora de talento e temperamento muito vivazes, só pôde frequentar as primeiras classes do elementar na escola pública.
- 1828** O irmão Giovanni entra no seminário. Entre seus professores: Luigi Biraghi.
- 1835** Crescidos os irmãos, Marina, bem instruída na doutrina cristã e ardente de amor de Deus, pede aos pais para ingressar na clausura da Visitação. O pedido lhe foi negado, porque, crises de febre, tidas como indicio de tuberculose, levaram a temer pela sua saúde. No outono, frequenta um curso de exercícios espirituais, junto à igreja de Santo Ambrosio, pregado pelo padre Luigi Biraghi, ao qual, depois de uma novena a Santa Marcelina, entrega-se: “Com a graça de Deus, estou pronta a tudo”.
- 1837** **31 de agosto** – Andrea Videmari dá a L. Biraghi pleno poder sobre sua filha Marina, disposto a prover seu sustento.

- 1836-38** Está em Monza, interna junto às professoras Bianchi, para preparar-se para os exames de professora e poder, assim, dirigir o educandário projetado por padre Luigi Biraghi, que a guia espiritualmente, enquanto nos estudos é acompanhada por Dom Clemente Baroni.
- 1838** Começa em Cernusco a construção do colégio sob o projeto do arquiteto Moraglia; Biraghi aluga no vilarejo a casa Vittadini, como sede do internato para o ano escolar de 1838-1839. Marina conhece Felicita Sirtori e Giuseppa Caronni desejosas de compartilhar com ela a vida de educadora consagrada.
- 14 de julho** – Vai a Milão, junto às Irmãs de Santo Ambrósio, para frequentar a escola pública de Basano Porrone e prestar os exames de didática para obter o diploma de professora que supera brilhantemente em 14 de agosto. De volta a Milão, após um retiro espiritual pregado pelo padre L. Speroni, prepara-se para a abertura do internato em Cernusco, apesar da renúncia da Sartori.
- 22 de setembro** – Com a aspirante Angela Morganti é acompanhada por padre Biraghi a Cernusco, na casa Vittadini, onde a espera Cristina Carini, e logo chegam Giuseppa Rogorini e Giuseppa Caronni, que formam com ela a primeira comunidade de “Marcelinas”.
- 25 de setembro** – As primeiras alunas entram no colégio.
- 1839** Formada pelo padre Biraghi à vida religiosa e ao governo da congregação nascente, a Videmari se empenha generosamente na direção do colégio e no despacho de todos os afazeres, ajudada, depois que Caronni deixou a comunidade, pela Carini, pelas aspirantes Maria Chiesa, Maria Beretta e Rosa Capelli.

- 31 de julho** – Entra na nova casa, apenas terminada, com seis professoras e, obtidas todas as autorizações ministeriais, acolhe quarenta internas. Goza da estima do lugar, apesar das dificuldades de relacionamento com o vigário padre Pozzi.
- 1840** **6 de maio** – O colégio recebe elogios na *Gazzetta Privilegiata di Milano* num artigo do professor Padre Baroni, catequista das alunas e docente das professoras.
20 de maio – Na capela do colégio, padre Biraghi celebra a primeira liturgia eucarística.
14 de junho – Padre Giovanni Videmari aí celebra sua Primeira Missa.
17 de julho – O arcebispo card. Gaisruck visita o Instituto e o aprova.
18 de julho – Marina Videmari, Angela Morganti e Giuseppa Rogorini professam privadamente os votos religiosos.
28 de dezembro – Profissão privada das noviças Maria Chiesa, Rosa Capelli e Maria Beretta e início do noviciado para Maria Ballabio e Paola Mazzucconi.
- 1841** Entram na comunidade Emilia Marcionni, Teresa Valentini e Luigia Monfrini.
17 de julho Biraghi adquire a casa em Vimercate, Videmari prepara a abertura do segundo internato.
20 de outubro – Transfere-se a Vimercate com algumas coirmãs e alunas e dedica-se ao novo educandário, apoiando contemporaneamente a Rogorini, superiora em Cernusco.
- 1842** Em Vimercate, abre a escola para alunas externas e a gratuita para as do oratório; ocupa-se das sempre mais graves e numerosas incumbências. No final do ano,

devido ao excesso de trabalho, deve submeter-se aos cuidados médicos.

- 1843** Tendo Biraghi concluído a redação da regra, a Videmari entende-se com o conde Giacomo Mellerio sobre o rendimento necessário para o reconhecimento do instituto pelo governo.
- 1843-44** Alegria-se pela entrada na congregação das irmãs Carolina e Giuseppa, pela de Lucia, nas Romite Ambrosiane e do irmão Antonio, nos Fatebenefratelli.
- 1845** Na prosperidade dos dois colégios, a Videmari experimenta a dor da saída de Angela Morganti, uma das primeiras Irmãs.
- 1846** Recusa a proposta do padre Speroni de assumir a direção do instituto Bom Pastor fundado por ele e, depois de uma visita ao instituto da Verzeri em Brescia, dissuade padre Biraghi de unir a ele o de sua congregação.
- 1847** Agradece ao novo arcebispo mons. Romilli pela visita ao colégio e pela estima em relação às Marcelinas. Ao conde Mellerio, exprime o desejo da aprovação canônica do instituto. Em dezembro, graças ao legado Mellerio, agiliza, com o Biraghi a documentação para a aprovação.
- 1848** *13 de fevereiro* – Acolhe como postulante a ex-aluna, hoje beata, Marianna Sala.
11 de março – Reza pelo casamento do irmão Daniel com Amalia Gorè, que lhe dará oito filhos, dos quais três sacerdotes seculares e três marcelinas
Março-agosto - Durante a insurreição das “Cinque giornate” e a guerra consequente, que interrompe o

expediente burocrático para a aprovação do Instituto, a Videmari toma as providências para proteger as Irmãs e as alunas dos dois colégios dos ataques da soldadesca desenfreada.

- 1849** Superadas as emergências do período de guerra, reata as relações com as autoridades governativas, apoiada por antigas amigas não comprometidas politicamente.
- 1850** Resolvida uma controvérsia com padre Luigi Cantù, que havia envolvido o Biraghi, a Videmari torna-se ardente conselheira e confortadora do Superior, inculminado pelas autoridades austríacas de participar da insurreição do “48”.
- 1851-52** Dirigida por Biraghi, retoma a preparação dos documentos para a aprovação canônica pela mediação da condessa Nava e das esposas dos conselheiros Pasco-tini e Strassoldo.
- 1852** **7 de maio** – É concedida a autorização imperial para a fundação do instituto.
13 de setembro – Celebrada em Vimercate, pelo arcebispo Romilli, com a presença de autoridades civis, a instituição das Marcelinas – então denominadas *Suore Orsoline de S. Marcellina* – a Videmari professa publicamente os votos com as primeiras 23 coirmãs. Nomeada superiora geral da congregação, pede ao conde Paolo Taverna que lhe seja o representante laico.
- 1853** **Setembro** – É impressa a *Regra* das Marcelinas.
- 1854** **9 de novembro** – Aberto em Milão, via Quadronno, um terceiro colégio dedicado à Imaculada, a Videmari

transfere-se para lá e aí estabelece a casa generalícia e o noviciado.

- 1855** ***Agosto*** – Madre Marina chora a morte de três de suas filhas, vítimas da epidemia de cólera, em Cernusco: a superiora Ir. Teresa Valentini, Ir. Maria Chiesa e Ir. Antonia Scarpellini e, no dia 31 de dezembro, também a de Irmã Giuseppa.
- 1857** Adquire, em Milão, na via Amedei, o palácio Mazenta, que, não podendo ser como se queria no início, um colégio para surdas-mudas, é destinado à escola para alunas externas.
- 1859** ***Maio-agosto*** – Dirige o hospital militar de S. Lucas, onde, com 17 Marcelinas, assiste os soldados feridos na guerra franco-piemontesa contra os Austriacos.
- 1860** É condecorada com a medalha de prata por Napoleão III, pelo trabalho desenvolvido no S. Lucas.
- 1861** No início da crise político-religiosa da Igreja ambrosiana, seguida da proclamação do Reino da Itália, defende o Biraghi e os colégios das Marcelinas da acusação de liberalismo. Em março, recusa a proposta feita ao Biraghi de uma fundação em Milazzo.
- 1863** Sofre pela morte do irmão Giovanni, que não pôde visitar na última doença, inclusive pela peculiar situação da diocese ambrosiana.
- 1865** Faz algumas Marcelinas enfrentarem com sucesso exames públicos para obter a habilitação ministerial para o ensino.

- 1866** Recebida por Pio IX, aceita o convite de aguardar tempos melhores para o reconhecimento pontifício do instituto.
28 de julho – Enfrenta com firmeza a visita fiscal no colégio de via Quadronno, para aplicar as leis da supressão dos institutos religiosos.
- 1868** Abre em Gênova Albaro um quinto colégio.
- 1873-75** Organiza em Chambéry (Savoia) cursos de férias para alunas dos colégios italianos.
- 1876** Em Chambéry, abre um novo colégio também para alunas francesas.
- 1879** **11 de agosto** – Chora a morte do venerado fundador mons. Luigi Biraghi.
- 1880** Enfrenta as dificuldades criadas no colégio de Chambéry pela nova legislação francesa.
- 1882** A pedido das autoridades civis e religiosas, abre um colégio em Lecce e acompanha as Irmãs destinadas a ele.
- 1883** **20 de janeiro** – É recebida pelo papa Leão XIII, que louva o instituto e promete o reconhecimento pontifício.
- 1885** Oferece, em Cernusco, o terreno para o jardim da infância e faz construir um grande edifício para o oratório.
- 1889-90** Exigindo o governo um diploma universitário para os professores do Ensino Médio, faz apresentarem-se em sessões extraordinárias de exames junto às universidades de Pavia e Gênova 14 Irmãs que adquirem di-

plomas em letras, pedagogia e moral, ciências naturais e matemática.

1891

10 de abril – Pressentindo ter cumprido sua missão, despede-se de suas filhas espirituais; provida dos confortos religiosos, está pronta para pronunciar seu “*Ecce venio*” ao Senhor, que a chama para sempre. Sua última palavra: “*Coragem*”.

BIBLIOGRAFIA

Os autógrafos das cartas citadas estão conservados em Milão, no Arquivo Generalício das Irmãs Marcelinas (AGM – Quadronno) – Arquivo Biraghi Luigi (F0001), *Epistolario II* e AGM – Quadronno, Arquivo Videmari Marina (F0002), *Epistolario I*. Atualmente o AGM está em fase de reorganização.

BIRAGHI LUIGI, *Le confessioni di s. Agostino vescovo de Ippona volgarizzate e ridotte a facile intelligenza per uso specialmente della colta gioventù*, ^a Dozio, Milano, 1832. A primeira edição foi publicada anonimamente.

-, *Lettere alle sue figlie spirituali*, aos cuidados de Irmã Giuseppina Parma, Queriniana, Brescia, 2002-2005, 3 vol.

-, *Regola delle suore Orsoline di santa Marcellina nella diocesi milanese, approvata da sua Eccellenza l'arcivescovo di Milano Bartolomeo Carlo Romilli*, Boniardi-Pogliani, Milão, 1853.

CONGREGATIO PRO CAUSIS SANCTORUM, *Beatificationis et canonizationis servi Dei Aloysii Biraghi, sacerdotis saecularis fundatoris instituti v. d. "Le Marcelline" (1801-1879). Positio super virtutibus*, Romae 1995, 2 vol.

FERRAAGATTA MARY, *Visse per le anime. Un'educatrice modello: la serva di Dio sr. Marianna Sala*, Milão 1963.

GUSSONI ENRICA, *Lettere della Beata Marianna Sala, Suora Marcellina*, Fontegrafica, 1995.

MARCOCCHI MASSIMO, *Introduzione*, em Biraghi Luigi, *Lettere alle sue figlie spirituali*, aos cuidados de Giuseppina Parma, Queriniana, Brescia, 2003, vol. I.

NICHETTI GIUSEPPE, “*Corrispondere a tanta misericordia*”. *L’esperienza spirituale di Marina Videmari nelle lettere a don Luigi Biraghi*, ed. Glossa, Milão, 2010.

PORTALUPPI ANGELO, *Mons. Luigi Biraghi fondatore delle Marcelline e Patriotta*, in “*La Martinella di Milano. Rassegna di vita lombarda*”, 1951, vol. VIII, p. 678-679.

-, *Profilo spirituale di Mons. Luigi Biraghi fondatore delle Marcelline*, Milão, 1929.

REPOSSI ALESSANDRO, *L’educazione cristiana nell’esperienza e nelle riflessione di monsignor Luigi Biraghi*, tese de licenciatura, Faculdade teológica da Itália setentrional, Milão, no ano acadêmico 2007-2008.

VALENTINI ANTONIETTA, *Marina Videmari nelle prime sue lettere a Don Biraghi*, Cavicchioli e Veronese, Milão, 1924.

VIDEMARI MARINA, *Cenni storici del’istituto delle Marcelline*, 1885. O manuscrito foi publicado em 1938 pela superiora geral Irmã Carlotta Luraschi, por ocasião do primeiro centenário da fundação do instituto, com o título: *Alla prima fonte. Le origine e il successivo svolgersi della Congregazione delle Suore Marcelline, narrati alle sue Figlie dalla Veneranda Madre fondatrice, Suor Marina Videmari*.

Impressão terminada em Outubro de 2015
Por: Effetiva Soluções Gráficas
São Paulo, SP.